

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Maria Veralice Barroso

**A LEITURA DA LITERATURA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO:
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO CRÍTICO DE LITERATURA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL.**

Brasília

2006

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Maria Veralice Barroso

**A LEITURA DA LITERATURA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO:
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO CRÍTICO DE LITERATURA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL.**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Teoria Literária
pelo Programa de Pós-graduação em Literatura
da Universidade de Brasília.**

**Orientadora: Professora Doutora Hilda Orquídea
Hartmann Lontra.**

Brasília

2006

Maria Veralice Barroso

**A LEITURA DA LITERATURA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO:
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO CRÍTICO DE LITERATURA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL.**

**Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em Teoria
literária pelo Programa de Pós-graduação em
Literatura da Universidade de Brasília.**

**Orientadora: Professora Doutora Hilda
Orquídea Hartmann Lontra.**

Brasília, agosto de 2006.

BANCA EXAMINADORA

**Prof^ª Dr^ª Hilda Orquídea Hartmann Lontra
Orientadora**

**Prof^ª Dr^ª Elga Laborde Leite
Examinadora**

**Prof^ª Dr^ª Márcia Bortoni
Examinadora**

**Prof^ª Dr^ª Ana Laura dos Reis Corrêa
Examinadora (Suplente)**

A leitura da literatura no contexto da globalização: uma reflexão acerca do ensino crítico de literatura nas escolas públicas do Distrito Federal – Brasília : O autor, 2006.

202f.

Dissertação apresentada para obtenção de título de Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-graduação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra.

Àqueles que me deram o dom da
vida e me ensinaram a ler o mundo
com ternura, esperança e paixão:
Noel e Minda.

AGRADECIMENTOS

À Hilda Lontra,

minha querida professora e orientadora, por ter me acolhido, ainda como aluna especial, nesse departamento, pelas aulas apaixonadas e apaixonantes que despertaram em mim o desejo de fazer o mestrado. Pelas horas agradáveis passadas juntas durante as orientações em que recebi preciosas instruções e sempre um sorriso de confiança .

A Rogério Lima, Sara Almarza, Adalberto Müller e Elizabeth Hazin, professores dos quais tive o prazer de ser aluna e por quem nutro grande admiração e respeito.

Às professoras Cristina Stevens e Ana Laura Corrêa

por terem participado da banca de defesa do projeto contribuindo com sábias e valorosas sugestões.

À Dora Duarte e Jaqueline

pela prontidão, solicitude e delicadeza com que sempre me atenderam.

À Secretaria do Estado de Educação do DF,

por ter a mim concedido o afastamento remunerado para estudos, sem o qual não teria condições de realizar esse trabalho.

Às Diretorias Regionais de Ensino de

Samambaia, Taguatinga, Ceilândia, Plano Piloto, Recanto das Emas e Sobradinho, por permitirem minha entrada nas escolas para a realização da pesquisa com professores e alunos.

Às direções das escolas,

por terem me recebido e permitido os encontros com os entrevistados.

À Helenice,

irmã, amiga e exemplo, por todo o carinho, dedicação e força com que me orientou na vida.

À Eloísa,

minha irmã querida, por ter me incentivado a fazer o mestrado e pelo apoio em todos os momentos dessa jornada.

À Eliane,

por não deixar que as incompatibilidades com a informática transformasse essa trajetória no mais completo caos

Elizângela, Elma, Mauriton e Adilsom,

meus irmãos queridos e inseparáveis amigos com os quais pude contar sempre.

À Adiléia,

minha prima-irmã do coração, pela presença de afeto, carinho e dedicação em minha vida.

À Emanuel e Emanuela,

feixes de luz, de pureza e ingenuidade que iluminam todos os dias a minha vida, fazendo-me sorrir mesmo nos momentos de maior angústia.

À Dan, Bel e Geo,

minhas amadas sobrinhas, sempre presentes na minha vida e no meu coração.

Ao Josely,

pelo carinho e cuidado a mim dedicados.

Ao Renato, à Benna e à Deise,

pelo carinho e amizade que sempre me dedicaram, desde que passaram a fazer parte de minha vida.

À Kátia Cristina,
pela ajuda e incentivo nos momentos iniciais dessa caminhada.

À Gilda, Lucie e Antônia Emília,
colegas com as quais tive oportunidade de fazer disciplinas e, em muitos momentos , dividi
alegrias e compartilhei aflições.

À minha mãe,
de quem a serenidade e o sorriso radiante, o tempo não apagou de minha memória.

Ao meu pai,
pelas lições de sabedoria e por ter, mais do que ninguém, me ensinado a amar. Por ter
compartilhado comigo a felicidade da aprovação, e agora “encantado”, divide comigo a alegria
de ver terminada essa tarefa.

Ao Mauro,
meu companheiro, amigo e amado, com quem aprendi a compartilhar e a construir sonhos,
pela presença constante, pelo carinho e compreensão que sempre me dedicou e,
principalmente, pela capacidade de me trazer paz, conforto e alegria mesmo nos momentos
mais difíceis.

E, acima de tudo, agradeço a Deus por ter me guiado nessa caminhada, por ter colocado todas
essas pessoas em meu caminho e por ter me permitido finalizar um projeto e a realizar um
sonho.

RESUMO

A partir da compreensão de que, no contexto pós-moderno globalizado, as relações dos homens consigo mesmos, com o outro, com o mundo e com as artes se modificam, objetiva-se promover uma reflexão acerca da leitura da literatura, decorrente de uma pesquisa realizada com alunos e professores de Língua Portuguesa do ensino médio do Distrito Federal.

Inicialmente faz-se uma contextualização histórico-sociológica do fenômeno da globalização, levando em conta o homem dentro desse universo. Em seguida, traça-se uma relação entre literatura e sociedade, avaliando as interferências das tecnologias e da indústria cultural na produção, circulação e recepção da obra de arte, particularmente, a literária.

A partir de uma retrospectiva histórica, desde o período colonial até os Parâmetros Curriculares Nacionais, recupera-se a conformação da literatura ao currículo escolar e analisa-se o processo da leitura da obra em ambiente escolar. Procura-se também caracterizar o leitor do ensino médio em tempos de globalização, entendendo a leitura literária em uma perspectiva crítica, fundamental à formação da subjetividade e das identidades dos sujeitos sociais na contemporaneidade.

Por fim, apresentam-se os resultados da pesquisa de campo realizada, tendo por informantes professores de literatura e alunos do último ano de ensino médio, e realiza-se uma análise em torno das ações pedagógicas atinentes ao ensino de literatura.

Palavras chave: literatura, leitura, escola e globalização.

ABSTRACT

Starting from understanding that within the globalized context of the postmodern world, the relationship between human beings and the world, the other and the art changes; the aim of the present work is to arouse a reflection about the reading of literature within the context of globalization. As the school is considered the first space of the formation of readers in Brazil, the reflections proposed in this work are anchored in a research developed with students and teachers of Portuguese Language in High School of the Federal District.

The first chapter includes a socio-historical context of the process of globalization, taking into account the human being within such a universe. The second chapter aims at the establishment of the relationship between literature and society, in which the interference of the technologies and the cultural industry in what concerns productions, circulation and reception of the work of art and the work of the literary art in particular are evaluated.

From the historical retrospective of literature taken as an integrated discipline of the school curriculum, since the colonial period till the guidelines of the Parâmetros Curriculares Nacionais, the third chapter focuses on the analysis of the reading of literature within the educational environment. It also ponders on the typical reader of the high school level within globalization, by acknowledging the literary reading based on a critical perspective as an instrument of reference for the construction of subjectivity and the identities of the social subjects in contemporary times.

The fourth chapters displays the results of the field research involving teachers and students of the high school third levels of public schools of the Federal District. Besides showing the results in this chapter we look forward to an analysis of the pedagogical actions in what refers to the teaching of literature. The analyses are based on the answers of the interviewed teachers and students.

Keywords: literature, reading, school, globalization

SUMÁRIO

DELINEANDO CAMINHOS.....	09
GLOBALIZAÇÃO: O CONTEXTO DA PESQUISA.....	17
1.1-Globalização: autonomia e (ou) eficácia?.....	17
1.2-Globalização: uma breve caracterização geo-histórica.....	23
LITERATURA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS TEÓRICO-LITERÁRIOS.....	32
2.1-Literatura <i>versus</i> sociedade: um olhar da teoria literária.....	32
2.2-A literatura em tempos de sociedade globalizada.....	41
2.3-O livro um produto de consumo.....	50
LITERATURA, LEITURA E ESCOLA NUM CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO..	54
3.1-Leitura e literatura.....	54
3.2-Literatura, leitura e escola: uma retrospectiva histórica.....	58
3.3-O leitor do ensino médio.....	64
3.4-Formando leitores, construindo identidades.....	66
OS OLHARES DO PROFESSOR E DO ALUNO DO DISTRITO FEDERAL. SOBRE A LEITURA DA LITERATURA NA ESCOLA.....	74
4.1-Procedimentos metodológicos.....	74
4.2-Entrevistando professores.....	79
4.2.1-A metodologia no ensino de literatura.....	80
4.2.2-A tecnologia como instrumentometodológico.....	87
4.2.3-A literatura e o vestibular.....	92
4.2.3-O professor leitor: analisando a formação do professor.....	99
4.3-Entrevistando alunos.....	107
4.3.1-Analisando leitores.....	115
ABRINDO E FECHANDO PORTAS-CONTRUINDO PONTES.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132

DELINEANDO CAMINHOS

O tema sobre o qual este estudo está assentado é a leitura da literatura em contexto e espaço determinados. O contexto é o de mundo pós-moderno caracterizado pelo processo denominado globalização. As escolas de ensino médio do Distrito Federal são os espaços escolhidos para a realização das reflexões propostas. As práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar em torno do ensino de literatura, levando em conta a realidade de mundo globalizado constituem, portanto, o objeto de análise da pesquisa.

Algumas questões norteiam nossas¹ ações no desenvolvimento desse trabalho; entre elas destacam-se a necessidade de procurar entender:

1- Qual a relação entre o homem e as artes num universo em que demandam os valores lógico-rationais, a agilidade, a eficiência e a capacidade de produzir e consumir?

2- Qual a finalidade de se estudar literatura nesse contexto?

3- Qual o papel da escola ao fazer a intermediação entre a obra literária e o leitor?

Essas indagações surgem quando se constata alterações na vida humana, pessoal e social, desencadeadas pela nova ordem mundial. Nesse contexto, o processo de globalização caracteriza-se, sobretudo, por ser uma realidade permeada pelo fetichismo da mercadoria, do consumo e pelo acentuado avanço das tecnologias. As mudanças rápidas e constantes, resultantes desses impulsos, modificam as relações políticas, culturais e interpessoais de modo jamais visto.

No campo da política, as modificações podem ser observadas na diminuição de poder conferido aos Estados. Eles continuam a atuar no cenário internacional enquanto instituições legítimas, entretanto dividem seus poderes com outras instituições dentro e fora de seus limites territoriais. Das forças com as quais os Estados compartilham seus poderes, destacam-se as leis de mercado. Nesse sentido, as comunidades ao redor do planeta deixam de ser reconhecidas somente como sociedades, passando também à condição de economias. Em vez de sociedade brasileira, argentina, japonesa etc., usam-se os termos economias locais e economias globais para se referirem e denominarem os estados, as nações e ou os países.

Na medida em que as soberanias nacionais são divididas com as leis de mercado, as organizações e os poderes públicos em geral necessitam redimensionar suas ações e discursos. Isto porque, num universo propenso à mobilidade e com uma população heterogênea e

¹ Optamos pelo uso da primeira pessoa do plural, por acreditar que assim estabelecemos um diálogo mais próximo com os leitores, especialmente com os professores.

movente, o poder único e absoluto sobre os territórios nacionais não mais se sustenta. Além disso, as organizações público-políticas precisam também se livrar da burocracia para se tornarem mais ágeis e eficientes, podendo, então, dinamizar e, conseqüentemente, favorecer o processo produtivo das economias locais.

No campo da cultura destacam-se os avanços conferidos aos meios de comunicação de massa. No universo da globalização, as mudanças observadas nas relações culturais e pessoais são, muitas vezes, reflexo da influência dos instrumentos de comunicação no cotidiano das pessoas. Uma vez que as relações culturais, nos meios comunicacionais, são determinadas pela questão econômica, as comunidades com menos condições de fazer circular sua produção artística, seus hábitos, crenças, enfim, suas manifestações culturais locais, são inevitavelmente mais afetadas e prejudicadas nessa relação desigual.

Na mesma proporção que, nesse contexto, se produz a integração desterritorializada das culturas, dos indivíduos e das idéias, os meios informacionais atuam também com vistas à promoção do capital global. Os signos contidos nos anúncios e nas propagandas, em geral, são construídos com a finalidade de formar consumidores para as diferentes mercadorias produzidas em escala mundial. Para tanto, eles tendem a induzir e a modificar o comportamento das pessoas. Muitas vezes, as mídias conduzem seus discursos de maneira a padronizar os gostos, os hábitos, as crenças, em suma, o comportamento dos indivíduos nos diversos lugares do mundo, causando, portanto, prejuízos inestimáveis à alteridade.

Além da padronização, as programações direcionadas ao público comum atuam no sentido de alienar os indivíduos para torná-los menos capazes de se posicionarem de modo crítico e consciente ante ao processo de massificação a que são sujeitados diariamente.

Nesse contexto, assim como as relações interpessoais, os valores éticos-afetivos constitutivos da subjetividade humana são construídos em outras bases. Desse modo, sendo mediada pela questão subjetiva, a relação do homem com as artes é também tocada de forma singular, em tempos de globalização.

A valorização da agilidade, da velocidade, da eficiência e da competitividade é aspecto indissociável ao conceito de globalização. Esses, por sua vez, são valores que em nada contribuem, seja para com o ato de vivenciar o texto literário por meio de uma leitura reflexiva, seja para com o ato de recriação do objeto estético. Além disso, a imposição econômica tende a transformar a produção artística em um ramo do comércio. As artes nesse sentido passam a ser exploradas com fins lucrativos. O processo de transformar a produção artística em mercadoria a ser rapidamente consumida e descartada, muitas vezes, desfigura e

banaliza a obra de arte. Em se tratando da criação artístico-literária o que acontece não é diferente.

Se a leitura da literatura não foi prática comum na vida dos cidadãos brasileiros, é possível que, ante a situação que nos envolve no presente, essa distância tenda a se acentuar ainda mais.

Por não haver uma tradição de leitura da literatura entre nós, pode se dizer que a leitura literária, no Brasil, é uma prática restrita a uma pequena parcela da população constituída basicamente pela parte escolarizada dos brasileiros. A convivência dos indivíduos com a obra literária está diretamente relacionada com as práticas de leitura realizadas na escola. Assim, os ambientes escolares no Brasil, especialmente da escola pública, podem ser entendidos enquanto espaços de mediação entre o texto literário e os indivíduos comuns.

No que se refere ao ensino de literatura, especialmente, o papel da escola ultrapassa a condição de mera reprodutora de conhecimentos. Ela é, principalmente, a responsável pela promoção do acesso aos bens culturais, à reflexão, ao questionamento, enfim, à construção de homens capazes de entender e se posicionar diante dos inúmeros discursos recebidos cotidianamente pelos meios informacionais. E se não é, deveria ser.

Considerando, portanto, o papel das instituições escolares no que se refere à formação de leitores do literário, no Brasil, este trabalho procurará refletir acerca da leitura da literatura, visando compreender como se dão as práticas de leitura nas escolas públicas, atmosfera em que a maioria dos brasileiros realiza sua formação escolar. Para tanto, teremos como recorte o ensino de literatura no ensino médio do Distrito Federal. A opção por esse período de escolarização deve-se ao fato de que nessas séries a literatura não é tão somente opção do professor, mas está prevista enquanto parte integrante dos currículos.

O Distrito Federal² foi escolhido como referência espacial a partir da qual realizaremos nossas reflexões. Além de percebermos particularidades no ensino de literatura no D.F. em relação a outras regiões do país, a proximidade geográfica torna mais acessível a coleta de dados dos quais necessitaremos para dinamizar e orientar as reflexões propostas.

Dentre os vários motivos que justificam a propositura de uma reflexão crítica acerca da leitura da literatura, levando em conta o papel da escola, no contexto de mundo globalizado, dois se destacam.

O primeiro diz respeito à relação de mútua dependência, de indissociabilidade, entre literatura e leitura. A existência da obra de arte literária só se efetiva no processo de leitura. O

² Daqui para frente identificado também como DF.

livro, suporte material, se não for lido, não extrapola sua materialidade, ou seja, é um objeto como outro qualquer. Portanto, num mundo de massificação e de banalização do literário, acredita-se que só a leitura seja capaz de garantir a sobrevivência e a permanência da literatura, enquanto arte livre e autêntica. Desse modo, entendemos que se no Brasil a formação de leitores está vinculada às perspectivas da escola, então estudar a literatura, nesse país, exige do pesquisador uma compreensão das práticas pedagógicas no que diz respeito às orientações de leitura do objeto literário.

O segundo motivo tem a ver com a importância da leitura da literatura para a formação de sujeitos mais críticos e reconhedores de si mesmo e do outro, nesse contexto. A leitura da literatura propicia ao indivíduo, simultaneamente, o convívio com os universos internos e externos aos de seus horizontes. Nesse sentido, promove também a desconstrução e reconstrução de valores, normas sociais e comportamentais. Na mesma proporção, estabelece novos parâmetros de percepção e concepção do mundo à volta do indivíduo.

Acreditamos, assim, que a leitura da literatura, mediada por uma prática pedagógica que leve em conta a criticidade no processo de leitura da literatura em sala de aula, pode contribuir significativamente para a formação de sujeitos livres da massificação proposta no mundo globalizado e globalizante. A leitura da literatura pode contribuir, nesse sentido, para a existência cidadã e para o exercício pleno e consciente das identidades e das diferenças com as quais ela se relaciona nesse contexto.

Ante as diversas possibilidades de se discutir o tema proposto, procuramos estabelecer algumas metas as quais nos orientarão nos caminhos a serem percorridos. Por conseguinte, durante a realização do trabalho nos posicionaremos no sentido de alcançar os seguintes objetivos.

Analisar a importância da leitura da literatura, enquanto prática pedagógica, para os docentes das escolas públicas do Distrito Federal, e a relevância dessa prática na construção de identidades dialógicas pautadas na criticidade e nos valores humanísticos.

Especificamente, objetiva-se:

Verificar se há por parte do professor, uma preocupação político-social no que diz respeito a uma posição ideológica frente à globalização, no trabalho com leitura da literatura.

Verificar como o ensino de literatura se processa nas escolas públicas de Ensino Médio do Distrito Federal.

Discutir o ensino de literatura dentro de uma visão cunhada pela arte e pela estética em contraposição ao mundo globalizado, permeado pela ditadura do capital.

Discutir a função da literatura na sociedade capitalista, tendo como princípios a busca da criticidade e a construção de identidades pautadas no dialogismo e nos valores humanísticos dos quais o homem se nutre.

Por impulsionar transformações as quais não se podem ignorar, as discussões envolvendo a nova ordem social devem reconhecer, também, a necessidade de um redimensionamento em torno da compreensão de algumas categorias que inevitavelmente se apresentam nas reflexões acerca do tema globalização. A partir desse entendimento, neste trabalho, as concepções de cidadania e de identidade/subjetividade são antecipadamente situadas no debate, tendo em vista que serão utilizadas com certa frequência.

Entendemos que a noção de cidadania, nos dias atuais, extrapola a compreensão de um sujeito prenhe de seus direitos e deveres. Por isso, a noção de cidadão com a qual lidaremos prevê um sujeito envolvido com as implicações decorrentes das questões éticas, políticas e sociais de seu tempo; um homem reconhecedor das causas coletivas tanto quanto das causas individuais. Os direitos do cidadão, nesse sentido, são conquistados e consolidados em consonância com os direitos do outro. É importante salientar que esse outro se trata do ser humano; essa noção de outro é, portanto, universal, ultrapassa as barreiras de gênero, raça, origem, classe, cor etc. O conceito de cidadania, na era da globalização, prevê um homem envolvido com as causas do mundo; o cidadão de hoje é um cidadão que não se prende aos limites territoriais, é um cidadão do mundo.

No que se refere ao conceito de identidade/subjetividade, entendemos o homem como um ser que se forma a partir de sua relação com o mundo interior e com o mundo exterior. Nesse sentido, percebemos a subjetividade enquanto algo pessoal. Ela é a compreensão que temos de nós mesmos e de nossos sentimentos. Embora seja pessoal, nós só vivemos nossa subjetividade dentro de um contexto social em que os elementos externos, tais como a linguagem e a cultura, dão sentido às experiências, fazendo-nos assumir posições com as quais nos identificamos. Entendemos, assim, que essas posições assumidas a partir de uma identificação pessoal na relação com aspectos sociais, constituem, portanto, nossas identidades.

Entender o processo de produção das identidades exige, portanto, a exploração do conceito de subjetividade, bem como a compreensão das transformações sociais que acabam por criar novas formas de identificação e, conseqüentemente, de construção das identidades nos dias atuais. Nesse sentido, pensamos que para reconhecer o homem, o leitor e o aluno de hoje, necessitamos dessa compreensão.

Tendo em vista as complexidades que permeiam as relações envolvidas pela globalização procuraremos situar as nossas reflexões em quatro partes distintas, porém, complementares.

Na primeira parte, buscaremos contextualizar o tema globalização, a partir de um foco histórico-sociológico. Num primeiro momento tentaremos refletir em torno das complexidades e contradições que envolvem o tema. A partir daí priorizaremos as reflexões envolvendo as dicotomias que permeiam os discursos e práticas presentes no mundo globalizado. Faremos isso, tomando por referência algumas análises acerca da instauração do processo de modernidade no mundo.

Por percebermos que a globalização é um resultado acentuado de ações e de discursos que se instauraram com mais visibilidade a partir da Idade Moderna, iniciaremos nossas reflexões ancorados em estudos acerca dessa modernidade. As concepções de mundo moderno, nas quais nos apoiaremos, são delineadas a partir de dois vetores: um, voltado para a funcionalidade das instituições e o outro voltado para a emancipação dos indivíduos. Num segundo momento, tentaremos realizar uma reflexão dos processos históricos de expansão do capital mundial estabelecendo uma relação desses processos com a realidade atual de globalização. Procuraremos também estabelecer uma reflexão a respeito do papel exercido pelos meios comunicacionais e informacionais nesses processos de expansão, em especial no processo de globalização.

A segunda parte visará à reflexão acerca da relação estabelecida entre a literatura e as questões sociais. Os estudos da estética da recepção, desenvolvidos por Iser e Jauss, bem como os estudos de Backthin acerca da natureza social da enunciação, serão as referências teóricas centrais nesse momento da discussão. A importância desses trabalhos decorre das concepções por eles defendidas e com as quais buscaremos estabelecer um diálogo. Jauss e Iser por entenderem a experiência estética enquanto um processo de comunicação que leva em conta o autor, a obra e, especialmente, o leitor e seus horizontes; Backthin por entender a obra literária como um espaço de convergência das diversas vozes sociais e dos diversos discursos produzidos nas relações e nos espaços sociais.

Analisar as interferências da realidade social de mundo pós-moderno globalizado no processo de produção e circulação da obra de arte literária será outra preocupação neste segundo capítulo. As ações dos meios técnicos de reprodução da obra literária e da indústria cultural também farão parte das reflexões propostas em um segundo momento.

No terceiro capítulo, procuraremos situar as reflexões acerca de leitura, literatura e escola. Nesse sentido, faremos uma retrospectiva histórica da literatura enquanto matéria

integrada aos currículos escolares brasileiros, desde o Brasil colônia, até as orientações mais recentes contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Nesse capítulo, procuraremos também situar o leitor característico das escolas públicas de ensino médio nos tempos atuais.

No quarto capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa realizada com professores e alunos de escolas públicas de ensino médio do DF. As análises da pesquisa serão feitas em dois momentos diferentes. No primeiro, procuraremos analisar as questões expostas pelo foco dos professores; no segundo momento, levantaremos as questões suscitadas pelos estudantes. Nas reflexões referentes aos alunos, será feita uma amostragem do desempenho em leituras demonstrado pelos estudantes da terceira série do ensino médio.

O instrumento de coleta de dados foi construído visando a atingir os objetivos do trabalho; as questões propostas aos professores e alunos foram formuladas a partir de hipóteses anteriormente levantadas. Direcionaremos, então, nossas reflexões para os temas que essas questões suscitam as quais consideramos importantes na caracterização do ensino de literatura no DF.

Desse modo procuraremos realizar as análises considerando: a) a metodologia utilizada no ensino de literatura, b) o uso de aparelhos tecnológicos, como instrumentos metodológicos, c) a relação entre o ensino de literatura no DF, com o Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS/ UnB) e, c) por fim, direcionaremos nossa atenção ao professor enquanto leitor.

As análises das considerações feitas pelos alunos centrar-se-ão: a) na receptividade da literatura por parte dos estudantes perante à relação com outras disciplinas b) no gosto dos alunos pela leitura da literatura, c) na condição dos alunos enquanto leitores e d) na relação dos alunos com os livros propostas para a leitura no ensino médio.

As posições dos entrevistados acerca dessas questões orientarão a parte final de nossas reflexões, quando serão retomados os objetivos a que nos propusemos.

Nosso trabalho se destina a todos aqueles que acreditam na permanência do sonho na abertura da imaginação por meio da leitura literária e, principalmente aos professores de ensino médio que fazem nascer nos seus alunos o desejo de sonhar.

Espera-se que ao fim desse trabalho possamos contribuir para uma compreensão maior acerca dos processos que envolvem o mundo social e individual dos sujeitos na era da globalização e para a compreensão das relações estabelecidas entre a literatura e o homem dos novos tempos. Entendendo a instituição escolar como o principal espaço de formação de leitores e de cidadania, esperamos que esse estudo possa contribuir, sobretudo, para a

ressignificação das práticas cotidianas em sala de aula no que diz respeito ao ensino de leitura da literatura.

Com a formulação das propostas aqui apresentadas, ao final da pesquisa, esperamos contribuir especialmente com aqueles que não foram sucumbidos pela rotina, pela descrença, aqueles que buscam, com ansiedade, uma maneira de melhorar e aperfeiçoar suas práticas em sala de aula, recusando a idéia de transformarem-se em meros funcionários cumpridores de horários, de programas conteudísticos e eficientes preenchedores de formulários, no caso, os diários.

GLOBALIZAÇÃO: O CONTEXTO DA PESQUISA

*Hoje sou costurado, sou tecido,
Sou gravado de forma universal,
Saio da estamperia, não de casa,
da vitrine me tiram, recolocam,
objeto pulsante, mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem,
meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa coisamente.*

Carlos Drummond de Andrade

1.1- Globalização: autonomia e (ou) eficácia?

A globalização está na ordem do dia é o que observa Zygmunt Bauman (1999), porém, notadamente, não há um consenso em relação à definição do que seja a globalização. O termo tem assumido um caráter, além de complexo, contraditório.

Complexo porque é um termo da moda que, tanto pode designar, em escala mundial, as grandes questões de ordem social, econômica, cultural e relacional, quanto pode ser analisado a partir da interferência no cotidiano dos homens comuns. Isso significa dizer que a globalização trata-se de um fenômeno universal, local e, principalmente, pessoal.

A proposta de universalização, centro do discurso da globalização, interfere e modifica as relações políticas, culturais, econômicas e interpessoais no seio das comunidades locais. Na mesma proporção os mercados globais intervêm na formação subjetiva do homem, alterando e, simultaneamente, construindo gostos, hábitos e comportamentos, muitas vezes, de forma unificada. Desse modo, a questão que se coloca em discussão é: já que no eixo do processo de globalização encontram-se entrelaçados aspectos culturais, econômicos, políticos-sociais e comunicacionais, como então tratá-la?

O caráter contraditório da globalização também pode ser observado na maneira de concebê-la: para alguns é promessa de felicidades; para outros, a causa dos males sociais e individuais de nosso tempo. Segundo Zygmunt Bauman, “a globalização é o destino

irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos sendo “globalizados” – e isso significa basicamente o mesmo para todos.” (1999:7).

Embora Bauman afirme ser a globalização algo que atinja a todos da mesma maneira, reconhecidamente há uma distinção entre o que é globalização e como ela acontece em diferentes localidades. Isto nos remete à compreensão de que uma coisa é a globalização em sociedades como Estados Unidos, Inglaterra, França etc. Isto é, países com economias desenvolvidas. Outra coisa bem diferente é a globalização no Brasil. Por isso, ao se falar em globalização, é importante que se reconheçam tanto questões de ordem universal, quanto questões de ordem local, uma vez que os desenvolvimentos econômicos e culturais são aspectos que interferem tanto na maneira de inserção dos países nesse universo, quanto nas condições de análise crítica do mundo global, por parte dos indivíduos neles inseridos.

Em “As idéias fora do lugar”, Roberto Schwarz (2000) desenvolve um estudo relevante a respeito da instauração do processo de modernização no Brasil. Em resumo, Schwarz revela uma sociedade caracterizada pelo paradoxismo. O progresso desenvolvimentista e os ideais de fraternidade, igualdade e liberdade, importados de países do centro³, no Brasil colônia, conviveram simultaneamente com práticas arcaicas como a escravidão. Essa é ainda uma característica acentuada da sociedade brasileira que, paralelamente ao convívio com as últimas novidades tecnológicas, vindas do centro, de economias desenvolvidas, não conseguiu afastar de sua realidade questões primárias, como a fome ou o analfabetismo.

A convivência com as idéias vindas do centro que historicamente fez parte de nossa realidade de país periférico serviu, e ainda serve, para mascarar ou florear a condição local dentro do universo global. Nesse sentido, conforme Cevalco⁴, “a globalização funciona no Brasil como uma espécie de ideologia de segundo grau, que esconde e revela nossa realidade material poderosamente inflétida pelos estímulos que vêm do centro.”(JAMESON,2001:15)

Nessa relação entre economias de centro e economias periféricas, outro aspecto evidenciado no processo de globalização é a questão da preservação das culturas locais. Os instrumentos de difusão das culturas são diferenciados de acordo com os aspectos econômicos de cada comunidade; assim, os países menos desenvolvidos financeiramente não dispõem das

³ Neste trabalho entende-se por centro os países que, em função do desenvolvimento econômico, acabam estabelecendo uma relação de hegemonia em relação aos demais. Por países periféricos e emergentes entendemos os países que se encontram em condições de desenvolvimento bem inferior aos do centro e que, portanto, tornam-se dependentes tanto economicamente, quanto culturalmente dos países desenvolvidos.

⁴ A análise desenvolvida por Cevalco ao prefaciar o livro de Jameson refere-se especificamente ao pensamento desenvolvido por Roberto Schwarz no texto “As idéias fora do lugar” já citado anteriormente.

mesmas condições e dos meios de divulgação da própria cultura, como o fazem os países ricos. Desse modo, nota-se claramente uma relação de poder, que destaca a hegemonia de algumas culturas, sobretudo as culturas de economias centrais, em relação às demais.

Atrelada à questão financeira, a preservação de culturas de países emergentes, como o Brasil, nação menos poderosa economicamente, corre o risco de ver os ensinamentos cultivados por seus ancestrais – hábitos, crenças, comidas típicas e expressões artísticas e musicais – antes de serem repassados, totalmente substituídos, do modo como já vem ocorrendo. A realidade das diferentes nações é inevitavelmente afetada com o processo de globalização⁵.

Uma compreensão mais ampla a respeito da globalização exige uma retomada da discussão acerca da modernização, pois o que hoje se denomina globalização pode ser entendido como o cume do processo de modernidade que emergiu na Europa e se tornou, subseqüentemente, mais ou menos mundial. Sua influência deu-se a partir do século XVII.

As complexidades e as contradições que hoje caracterizam o mundo global foram se configurando e se acentuando ao longo do processo de fixação da modernidade. Por isso, talvez seja importante retomar, não somente as questões em torno do processo de consolidação da modernidade, mas também os discursos e práticas efetivadas em seu interior.

Sérgio Paulo Rouanet (2003-a) em seu livro *Interrogações*, constata a possibilidade de dois parâmetros para a modernidade: um ligado à eficácia e outro ligado à emancipação.

Dentro da perspectiva de eficácia, referindo-se à análise clássica de Max Weber sobre a modernização, Rouanet constata que as mudanças de orientação nos espaços de práticas econômicas, políticas e culturais, tornam as instituições públicas tais como escola, saúde e transporte, mais ágeis e mais eficientes. O resultado da modernização é, nesse sentido, principalmente, o aumento da eficácia e, por conseguinte, da funcionalidade.

Rouanet ressalta, contudo, que os estudos a respeito da modernidade não se esgotam no vetor da eficácia. No círculo da modernidade, há a presença de um outro vetor, o qual não se concentra no funcionamento das instituições, mas sim na autonomia do ser humano. Nessa

⁵ Embora conscientes das conseqüências das ações do capitalismo neoliberal não serem homogêneas no planeta, uma vez que seus efeitos são também determinados pelas questões históricas culturais, sociais ou econômicas locais, não nos concentraremos, por hora, em uma discussão particularista de questões referentes aos países periféricos. Nesse contexto, nações como o Brasil, por exemplo, são lugares com realidades particulares, com problemas locais acentuados, mas somente a constatação dessas diferenças não é suficiente para se justificar uma posição particularista do pesquisador. Por esse motivo, então, concentremos-nos numa discussão mais universal em torno do assunto. Hoje fazer uma pesquisa de problemas locais requer um entendimento do contexto global, haja vista serem as idéias estimuladas pelas ideologias vindas do centro, conforme afirma Schwartz.

outra forma de análise, em vez da capacidade funcional do sistema, busca-se a emancipação dos indivíduos⁶.

Segundo essa perspectiva, para considerar uma sociedade moderna, não é suficiente observá-la a partir do modelo de eficiência e de funcionalidade de suas estruturas, mas, sobretudo, considerar a capacidade dessa sociedade em tornar o sujeito livre e autônomo. Assim, a modernidade econômica significa a capacidade do indivíduo conseguir, por meio de seu trabalho, os ganhos para obtenção de bens materiais capazes de lhe propiciar essa autonomia. A modernidade política assegura ao cidadão a capacidade de exercer democraticamente a cidadania e garante, dessa forma, a manutenção dos direitos humanos. A modernidade cultural, por sua vez, implica o uso livre da razão, em que é permitido ao indivíduo produzir e ter acesso livre aos bens culturais.

Ao confrontar o pensamento da eficácia, com a idéia de autonomia subjacentes no mundo moderno, é importante a compreensão de que essa divisão existe de modo simbólico, uma vez que a modernidade, assim como a globalização, é um movimento único em que convivem, simultaneamente, vários discursos dicotômicos. Ao conceito de globalização integram-se forças distintas, como a do colonialismo e imperialismo, da integração e fragmentação, da soberania e hegemonia, do local e global e da funcionalidade e da autonomia.

Nesse sentido, Rouanet ressalta que ao se discutir a globalização é importante não se deixar levar por um discurso reducionista da questão, pois seguindo o modelo da modernidade, na globalização a dubiedade dos discursos é também comum e constante. Destaca que na globalização existem aspectos negativos, mas é necessário considerar também os positivos que nela se presentificam: uma coisa é a difusão e a participação mundial no avanço das ciências, bem como a discussão a respeito da preservação ambiental ou a divulgação cada vez mais incisiva, dos direitos humanos⁷, e outra é o avanço das drogas, da violência ou mesmo a massificação cultural. Pensar os particularismos no sentido de preservar hábitos, crenças e

⁶ Antes de seguir adiante é necessário esclarecer que este trabalho partilha dessa segunda concepção de modernidade. O vetor da emancipação tem como preocupação central o ser humano. A dimensão humanista e emancipatória dessa corrente foi moldada pela filosofia das Luzes, por isso volta-se para a emancipação dos indivíduos independentes de sua raça, gênero ou nacionalidade. O indivíduo deve ser livre, autônomo e emancipado não enquanto membro de uma cultura qualquer, mas sim por sua condição de ser humano. A preocupação desse vetor é a humanidade por inteiro; nesse sentido, é universalista sem perder de vista a individualidade do ser. Segundo Rouanet, cada tempo tem suas utopias, para ele, a utopia de nossos tempos deve ser construída a partir das bases do vetor da autonomia emancipatória.

⁷ Destaca-se que Fredric Jameson afirma que o que se entende hoje como “direitos humanos” diz respeito aos direitos ocidentais, mais especificamente aos direitos do cidadão norte-americano. Por outro lado, mesmo reconhecendo o caráter dúbio da globalização, Rouanet acredita que hoje a discussão acerca dos direitos humanos é muito mais universalizada.

expressões populares de culturas locais, distingue-se da manifestação de um nacionalismo exacerbado que leve à xenofobia geradora da violência e da intolerância para com o outro⁸.

Sabe-se que o processo de globalização não é homogêneo no que diz respeito à ação sobre os indivíduos e países. Não se pode negar, no entanto, que a aparelhagem tecnológica desenvolvida, a partir da modernidade, a qual favorece a ação de mercados globais, seja também significativa para a melhoria na qualidade de vida de uma parcela de seres humanos. Assim, a globalização deve ser analisada como um processo heterogêneo, em que o vetor da autonomia humana não pode ser confundido com eficiência e funcionalidade.

No mundo atual passa-se a idéia de que a autonomia se consegue por meio da alta tecnologia, a qual permite interconexão com todo o planeta de modo ágil e eficaz. Essa idéia de que a autonomia se consegue pela constante interatividade do sujeito no mundo global é questionada pelo filósofo francês Alain Finkielkraut. Para ele, a verdadeira liberdade não se consegue pela capacidade, cada vez mais acentuada, de manipular teclas do computador ou de se manter interligado pelos meios de comunicação, como o telefone celular e a Internet. Assim, não são o dinamismo e agilidade, característicos da sociedade atual, os elementos capazes de tornar o sujeito independente. Afirma que a verdadeira liberdade pode ser conquistada por meio da solidão reflexiva como a proporcionada pela leitura, por exemplo. Finkielkraut alerta, ainda, para a necessidade de se preservarem os pequenos hábitos constitutivos das relações humanas, as quais não podem ser dissolvidas e substituídas pelas máquinas.

Para completar, a conversa ao vivo, que se tem em torno de uma refeição com amigos, tem um charme e uma singularidade que não podem ser substituídos por essas máquinas. Não percamos de vista essa grande herança da amizade em benefício dessa comunicação generalizada. Por fim, a técnica produz a não-distância. Esta é uma realização extraordinária, mas nesse “tête-à-tête” do indivíduo com a globalidade, existe um senso do mundo que corre o risco de se perder. O mundo não é necessariamente o que essa forma de globalização nos diz, não é apenas redes. É também territórios, nações, paisagens (FINKIELKRAUT, 2002: 38).

A partir desse pensamento é possível afirmar que os mecanismos do mundo global desenvolvem simultaneamente práticas e discursos que, embora pareçam garantir a autonomia dos indivíduos, os têm tornado cada vez mais dependentes dos aparelhos tecnológicos e da

⁸ A globalização favorece o fluxo migratório de mão-de-obra para países de primeiro mundo, o que contribui sensivelmente para o surgimento, nesses lugares, de guetos de raças e ideologias diferenciadas. As atitudes de preconceito e de intolerância se manifestam sob o falso pretexto de garantir a sobrevivência dos aspectos nacionais perante as influências globais. A Inglaterra, a França e vários outros países da Europa podem ser citados como exemplo dessa situação.

ação constante exigida por eles. Logo, movidas pela ação constante, sem condições de pensar e avaliar os acontecimentos a seu redor, as pessoas são aprisionadas pelas redes da alienação e indiferença em relação a si mesmos e ao mundo a sua volta.

A formação globalizante, nessa perspectiva, valoriza o racional, promove a produção eficaz de bens de consumo. Objetiva tornar o jovem cada vez mais eficiente, porém, quase sempre, torna-o menos possibilitado de pensar e de se posicionar livremente diante dos acontecimentos do mundo pessoal e social. Embora haja a consciência de que os mecanismos de produção do capital global pensam o homem de modo a torná-lo máquinas de consumo e de produção eficazes, há também a crença de ser possível ao homem encontrar condições de existência subjetiva, autônoma e consciente nesse contexto⁹.

No universo da globalização, a escola pode tornar-se uma das instituições mais significativas para o processo de formação e construção da autonomia do indivíduo enquanto ser humano e enquanto cidadão. Não se pode esquecer ser o conhecimento crítico capaz de levar o indivíduo a posicionar-se de modo consciente e livre diante dos discursos e práticas, os quais lhes são impostos cotidianamente.

Conviver com a realidade da sociedade global exige dos indivíduos, mais que em qualquer outro momento, a condição de cidadão pleno, consciente dos direitos e deveres individuais e sociais, ou seja, capaz de reconhecer a si mesmo e ao outro. Isto ocorre porque, nas sociedades pós-modernas, o conceito de cidadania ultrapassa os ideais de um sujeito prenhe de direitos e deveres. A idéia de cidadania, atualmente, exige um sujeito voltado para as causas coletivas, em que valores éticos-políticos-sociais passam a ser também a base do pensamento cidadão.

A escola no contexto da globalização é desnecessária enquanto depósito de conhecimentos, mas é fundamental enquanto possibilitadora de percepções e intervenções nos meios sociais. Porém,

“Desde que o Banco Mundial decidiu entrar no campo de desenvolvimento educacional, em 1962, seu objetivo tem sido basicamente um: ajudar os países em desenvolvimento a reformar e expandir seus sistemas educacionais, de tal maneira que eles possam contribuir mais plenamente para o desenvolvimento econômico.”

⁹ Considerando o caráter de país periférico responsável por caracterizar a sociedade local no mundo global e compartilhando o pensamento da necessidade de se efetivar o discurso da existência autônoma dos indivíduos – prática concreta no contexto da globalização – pretende-se proceder à discussão, levando em conta tanto os aspectos da eficácia no funcionamento das instituições econômicas, políticas, culturais, as quais hoje, muitas vezes, se apresentam de modo a massificar e a alienar o sujeito, quanto a possibilidade de se conseguir a autonomia dos indivíduos pela perspectiva de libertação que essas mesmas instituições podem oferecer-lhes. Entendemos que a possibilidade de emancipação dos indivíduos depende do modo de funcionamento de cada uma dessas instituições. Nesse contexto, sendo instituição cultural, reconhecidamente encontra-se a escola.

Trata-se de “aperfeiçoar quantitativamente e qualitativamente o conhecimento e as habilidades necessárias ao desempenho de papéis econômicos, sociais e outros para o desenvolvimento”, tendo em conta “o máximo possível de eficiência interna e externa”, bem como o aumento da “produtividade e equidade social.” (World Bank, 1974:1e52, apud IANNI, 2003:74)

Na reflexão proposta por Ianni podem-se reconhecer os sistemas educacionais hoje celebrados nos chamados países emergentes. O modelo de educação visando à formação de indivíduos cada vez mais eficientes e comprometidos, principalmente com o desenvolvimento econômico de seu país, é adotado e festejado em países como Coréia do Sul, por exemplo, que atribui ao desempenho do sistema educacional a responsabilidade pelos índices astronômicos de desenvolvimento econômico e tecnológico conseguido nos últimos anos. Entretanto, a pedagogia voltada para a eficácia produtiva em detrimento da autonomia humana já é algo que, aparentemente, começa a incomodar aos usuários das instituições escolares. Tal constatação pôde ser observada na reportagem exibida pelo Jornal Nacional da TV Globo, do dia 13 de outubro de 2005. Enquanto o representante do governo reafirmava a postura de que a educação deve estar a serviço da economia local, do outro lado, os estudantes, os quais se sentiam forçados a produzir resultados, ressentiam-se pela falta de uma educação na qual se reconhecesse também o lado e os limites humanos deles próprios.

Assim, considerando as complexidades e contradições abrangidas pelo tema globalização, acreditamos ser importante, mais do que extrair soluções ou verdades acerca do assunto, compreender o intrincado processo instaurado ao redor do planeta, o qual afeta, de modo singular, a vida em sociedade e o universo pessoal do homem contemporâneo. Para isso, no entanto, parece ser esclarecedor entender o percurso histórico dos processos expansionistas, os quais antecedem a própria modernidade e, que, por sua vez, desencadearam o que hoje se denomina globalização.

1.2- Globalização: uma breve caracterização geo-histórica

A globalização não é uma novidade que se interpõe diante de todos. A transposição de fronteiras em busca de mercado para expansão do capital financeiro é parte significativa na história da humanidade. A ascensão do Império Romano e o período das Grandes Navegações caracterizam-se como bons exemplos das práticas expansionistas dentro dos vários ciclos históricos da humanidade

Ao longo da história, o homem sempre se valeu de mecanismos capazes de lhe conferir poder, seja por meio do dinheiro, seja pelo jugo de outros seres humanos. Desse modo, mesmo a globalização sendo analisada como algo novo, próprio do século XX, desencadeada a partir da Segunda Guerra Mundial e fortalecida com fim do Socialismo, - para muitos, com a queda do Muro de Berlim, caiu também a última fronteira para a expansão do capital global. - há muito é possível verificar processos globalizadores nas relações entre os povos das mais variadas épocas e nações.

Desde tempos imemoráveis, o mundo se apresenta como espaço aberto e atraente para a obtenção de mercados e de matéria prima; isso, inicialmente, foi denominado como troca, posteriormente evoluiu para integração. A idéia de globalização, no entanto, passou a figurar no contexto mundial, com tamanha repercussão, desde que Marshall McLuhan usou a expressão “aldeia global”¹⁰ para se referir às novas formas de organização e de relacionamentos entre os povos. Hoje, contudo, a metáfora “fábrica global”, segundo Otávio Ianni (2003), ganha dimensões visíveis na medida em que a globalização é, significativamente, um fenômeno atrelado às forças de trabalho, de produção e circulação de mercadorias.

As empreitadas mercantilistas tomadas pelo homem, no decorrer dos tempos, tiveram como elemento propulsor o desenvolvimento da economia das nações de origem. Mas é importante, em um processo de análise, observar o impacto dessas ações sobre comunidades colonizadas, haja vista elas ainda se fazerem sentir sobre o desenvolvimento econômico, político e cultural de países como os da Ásia, da África ou da América Latina. Tão difícil quanto se livrar do sentimento de servilismo e de inferioridade herdados da dominação colonialista é avaliar os estragos econômicos e culturais impostos pela exploração capitalista daquele momento¹¹.

O caráter de dominação e apropriação, assumido pelas ações expansionistas é indissociável do conceito de globalização. A diferença da hegemonia de outros tempos em relação ao nosso é o fato de que, naquela época, a superioridade era, muitas vezes, conquistada pelo uso da força; hoje isso se dá também, visivelmente, pela manipulação dos signos nos meios de comunicação.

É inegável a ação exercida pela comunicação nas relações de circulação e apropriação do capital: um dos exemplos mais característicos disso pôde ser observado no

¹⁰Cf. COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2003. A expressão “aldeia global” cunhada por Marshal McLuhan surge no interior de sua teoria do meio como sendo a própria mensagem. Para McLuhan, por ser a televisão um meio de baixa definição, ela exigiria a participação de todos na recepção de suas mensagens o que, segundo ele, poderia possibilitar uma participação interativa num mundo global.

¹¹ A exemplo disso, pode se observar o processo brutal de interrupção do desenvolvimento natural dos povos indígenas nas Américas, por exemplo, e, em muitos casos, a própria exterminação dessas comunidades.

processo de comunicação entre descobridores e metrópole; as cartas desempenhavam, naquele momento, o papel de passar informações à Coroa acerca das terras descobertas. No decorrer do século XX e nos primórdios do século XXI, as práticas comerciais apresentam-se de modo atrelado à força exercida pela comunicação. Assim, impulsionada pelo progresso tecnológico, atendendo ao apelo mercantil, a globalização econômica foi se configurando e se fortalecendo, também, com a globalização informacional.

A quantidade de informações disseminadas pelas sociedades capitalistas, atualmente, é incalculável. Em nenhum momento da história, a informação foi tão acessível, mas, por outro lado, jamais se observou tamanha eficácia no controle e manipulação dessas informações. No mundo global, a informação não é compartilhada em forma de troca; é, na verdade, um poderoso instrumento de domínio e controle ideológico utilizado pelas elites do capital mundial.

Agindo sempre em favor da economia, com o intuito de criar consumidores, as redes informacionais se interpõem, de maneira incisiva, na construção da subjetividade humana. Elas formam opiniões, gostos, hábitos, estabelecem modelos comportamentais e constroem blocos de subjetividade, interferindo decisivamente na formação de identidades. Os mecanismos da informação causam prejuízos incalculáveis à alteridade. Sob sua tutela, as características individuais tendem a se diluir na massa, enquanto os particularismos culturais locais se perdem numa perspectiva de homogeneização das culturas mundiais. A respeito da força exercida pelos signos midiáticos no processo de formação de identidades, Félix Guatarri considera:

O capitalismo pós-industrial, que, de minha parte, prefiro qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (GUATARRI, 1990:31).

A interferência na formação niveladora das subjetividades obedece a regras mercantilistas. Para formar mercado consumidor em escala mundial, é necessário criar uma idéia de semelhança e de unificação. Desse modo, a informação na era do consumo seletivo é massificada e tem por objetivo fabricar os mesmos compradores. Surge daí a necessidade de padronização dos gostos e dos produtos; desse modo, em qualquer parte do mundo, deparamo-nos com imagens a anunciar o mesmo McDonald's, o mesmo Nike, o mesmo Ford, o mesmo Toyota, a mesma coca-cola...

Sérgio Paulo Rouanet (2003-a) afirma que, diferentemente do capitalismo clássico, no qual não era permitido ao homem se reconhecer no produto de seu trabalho, a globalização elimina, por meio da padronização, qualquer tipo de estranhamento em relação à mercadoria. O indivíduo se sente em casa em qualquer parte do planeta. Além da agilidade dos negócios, o processo de identificação por meio da mercadoria exposta nas imagens de *outdoors*, nas propagandas de revistas, de televisão, promove também a desterritorialização das coisas, das idéias e das pessoas. Rouanet ressalta ainda que, do mesmo modo que há no interior da globalização movimentos voltados para o global, há também movimentos voltados para o local.

No movimento global, os mercados globais ultrapassam as barreiras nacionais-locais planetarizando-se nas dimensões econômicas, políticas e culturais. No movimento local, essas mesmas instituições globais particularizam-se, quando necessário. Assim, a unificação pela mercadoria, por exemplo, é realizada de modo a considerar as especificidades locais e culturais nos países onde atua. Desse modo, a calça jeans produzida no Brasil, por exemplo, deve levar em conta o fato de as mulheres brasileiras preferirem roupas mais ajustadas ao corpo.

Utilizando-se da mesma artimanha, a indústria pode produzir produtos massificados com características da cultura local; isso se dá porque, do mesmo modo que o movimento de globalização constrói gostos, hábitos e comportamentos em escala mundial, ele também se apropria dos bens culturais das comunidades locais. O mundo global faz os produtos industrializados serem comercializados como fruto da criação cultural de um determinado povo. Assim, a mercadoria é um produto criado para atender a um mercado mundial, mesmo quando, em alguns momentos, assume características que parecem ser representação genuína da cultura local.

Ao analisar a questão da unificação em torno da mercadoria, Zygmunt Bauman (1999:18) explica ser essa estratégia de comércio capaz de permitir a fluidez do capital na era global. Ao permitir ao indivíduo se identificar na e pela mercadoria, o mercado cria um mecanismo de independência no qual se desatrela das amarras impostas pelos limites territoriais das nações onde atua. Isso permite a circulação do capital de modo mais livre e mais veloz. Nesse sentido, basta o mercado encontrar qualquer tipo de resistência, seja de ordem política, econômica ou social no local onde atua, para migrar para outro espaço, pois, independente do território onde esteja operando, ao capitalismo não interessam conflitos ou embates; ele trabalha sempre no sentido de evitá-los. Na contemporaneidade, o pensamento da

mobilidade é bem menos dispendioso e desgastante que o confronto, haja vista ser essa mobilidade parte integrante do mundo dos negócios.

A instabilidade promovida pela possibilidade de deslocamento do capital reforça a fragmentação observada nas relações e na vida do homem contemporâneo, pois dificulta a criação e a organização dos indivíduos em torno de eixos de lutas. Tal dificuldade ocorre, principalmente, quando se confrontam as lutas de trabalhadores. Em função da volatilidade do dinheiro, as relações de trabalho foram totalmente alteradas. Não existe mais a idéia de duração ou de fixação na questão do tempo. Nessa ordem, tanto o capital como tudo na sociedade global parece estar sujeito à mobilidade, tudo é transitório, efêmero, descartável e perecível, como a própria mercadoria

Ao mesmo tempo em que há uma descentralização da rigidez observada nos espaços do trabalho industrial, há, nos novos tempos, uma individualização do trabalho. O número de trabalhadores autônomos, de prestadores de serviços, tem aumentado sensivelmente. Isso, aliado a diversos outros fatores, contribui para se instaurar, no interior da sociedade, o medo, a insegurança e a violência, resultantes das incertezas geradas pelo desemprego ou pela perda de conquistas adquiridas em longo prazo¹².

Bauman (1999) afirma que, apesar de promover a desestabilidade, o capital global não se sente comprometido ou responsável por nenhum dano por ventura causado às pessoas nos espaços por onde transita. O mercado é totalmente descomprometido com questões de ordem social/humana; por isso, essa atuação mercadológica é, muitas vezes, devastadora. As preocupações e responsabilidades dos mercados econômicos concentram-se, basicamente, no lucro.

Nesse sentido, Bauman discute o paradoxo contido na idéia de unificação pela mercadoria. Segundo ele, “a globalização tanto divide quanto une; divide enquanto une” (1999: 08). A impressão de identificação pelo produto, até aqui discutida, faz coexistir uma idéia de universalização, mascarando a intensidade do processo de exclusão contida nas correntes subterrâneas da globalização.

Proporcional ao crescimento das mega-empresas, ao enriquecimento das corporações transnacionais, assiste-se ao empobrecimento assustador das regiões periféricas do globo terrestre. Ao lado da miséria, cresce também a violência, os movimentos de integralismo religioso e o terrorismo. Embora os direitos humanos sejam tema constante das discussões mundiais, o desrespeito às conquistas dos trabalhadores, a exploração do trabalho infantil, a

¹² A preocupação excessiva em relação ao desemprego e à segurança pública, que hoje se observa entre as pessoas, pode ser o reflexo dessa situação.

disseminação de epidemias nos países mais pobres¹³, etc. evidenciam a ausência de preocupações reais com a condição humana no universo da globalização. Parece tornar-se claro que as distâncias entre países pobres e países ricos tendem a aumentar sensivelmente nesse contexto.

Junto com essas distâncias, observa-se um sentimento de intolerância dos habitantes de países desenvolvidos para com os outros que chegam das regiões periféricas. Nas relações entre os indivíduos de países desenvolvidos e aqueles provenientes das regiões mais pobres, evidencia-se também o paradoxo inicial ressaltado por Bauman. Embora pareça existir uma convivência pacífica entre esses indivíduos, o distanciamento e a exclusão são demonstrados em pequenos detalhes da convivência diária. Ao discutir a relação das identidades no mundo global Alain Finkielkraut ilustra bem a questão. Segundo ele essa idéia de

a cada um a sua identidade, leva a que se furte à criação de um espaço comum, sob o manto da tolerância e da generosidade, a que se renuncie a oferecer, a ensinar seja o que for àquele que chega, sob o pretexto de não querer impor-lhe uma história que não é a sua. (FINKIELKRAUT, 2002: 38)

As palavras de Finkielkraut ilustram os conflitos e as tensões assistidos recentemente em nações européias, especialmente na França e Inglaterra. Essas tensões foram desencadeadas fundamentalmente pelo racismo, pela intolerância e pela tentativa de assegurar os direitos trabalhistas das pessoas nascidas nesses países. Assegurar os próprios direitos pode significar muitas vezes prejuízos para o que vêm de fora. Nessas demonstrações de nacionalismo exacerbado, pode se perceber que, sob o manto da universalização, o ideal de globalização vem promovendo e mascarando conflitos primários nas relações humanas, seja pela demonstração do racismo, da intolerância, da exploração, do preconceito ou do egoísmo, seja por meio da desigualdade social e econômica observada nessas relações. Simultaneamente a esses fatores observa-se a indiferença para com os problemas do outro.

No final dos anos 60 do século passado, Guy Debord (1997) prenuncia a chamada sociedade do espetáculo. Para ele, a sociedade do espetáculo se efetiva no fetichismo da mercadoria; o mundo é experimentado através de signos, de imagens. Assim, tudo vivido e experimentado diretamente torna-se representação. Essa dominação da vida pela economia promove, segundo ele, uma degradação do ser para o ter. Nesse sentido, a vida se degrada em um universo especulativo. Para esse filósofo, a administração dessa sociedade seria possível por meio da força que os meios de comunicação exercem no interior dela.

¹³ A exemplo disso pode-se observar a disseminação da AIDS e outras epidemias nos países da África, por exemplo.

Em nenhum momento da história a ditadura da imagem de que resulta a passividade hipnótica diante da supremacia da mídia se fez tão evidente quanto na atualidade. A sociedade do espetáculo, descrita por Debord, parece ter-se efetivado entre nós. Quanto mais o tempo passa, mais a análise desenvolvida por esse filósofo a respeito da moderna sociedade de consumo parece tornar-se realidade para as pessoas.

A submissão, consequência da alienação promovida pelo espetáculo, facilita a organização consciente do mundo pelos detentores do capital. O indivíduo é preso em redes para não se sentir livre em nenhum momento e, portanto, não ter o pressentimento da possibilidade de resistência. As amarras impostas satisfazem todas as necessidades de consumo, porém não permitem ao consumidor ver-se nesses produtos, além da sua condição de consumidor. Nessa perspectiva, o indivíduo passa a ser alguém que consome sem participar da escolha do objeto consumido, pois o mercado escolhe por ele, pensa por ele, impõe-lhe sua mercadoria, impedindo, dessa maneira, a condição de ele se tornar sujeito das próprias escolhas. Assim, diante dessa visão embotada, as falsas idéias de democracia, de igualdade e de uma felicidade acética, conseguida com a possibilidade do consumo, são repassadas cotidianamente pelas estruturas que controlam nossas ações, seja enquanto seres individuais, seja enquanto seres sociais.

Diante desse emaranhado tecido pelas redes mercadológicas, o mundo parece estar cada vez mais difícil e complexo de ser entendido. Paralelamente a nossa visão automatizada, as idéias estão, cada vez mais, embaralhadas e confusas. As contradições dos sentimentos humanos entre o racional e o emocional, entre o científico e o ideológico, entre a autonomia, a eficiência e a desestabilização das verdades anteriormente estabelecidas – no campo das ciências, das religiões, das famílias etc – faz tudo parece fluido, volátil e instável.

As mudanças de orientações constantes e rápidas, as quais caracterizam as sociedades atualmente, exigem a construção e reconstrução constantes das identidades, gerando os conflitos existenciais característicos de nosso tempo. No artigo intitulado “Toxicômanos de identidade” Suely Rolnik (1997) lista algumas das drogas produzidas para fornecer aos indivíduos uma sensação de conforto e estabilidade nesse emaranhado. Entre os diversos tipos de drogas, ela enumera a droga oferecida pela tv, a droga oferecida pela literatura de auto-ajuda e a droga oferecida pelas tecnologias *diet/light*. Além de estarem ligados à questão do consumo, esses antídotos funcionam como entorpecentes da mente e das ações, tornando os indivíduos mais dóceis, felizes e, portanto, mais controláveis.

Diante das transformações e dos conflitos impulsionados por essas mudanças, modificam-se as relações do homem com o mundo, com o outro e, conseqüentemente, com as artes.

No mundo globalizado, a aura, característica da obra de arte, parece ter transitado para as marcas, para as grandes grifes. O comportamento do indivíduo diante dos produtos que carregam etiquetas de grifes famosas é de admiração e respeito. Na sociedade do consumo comprar tornou-se uma atividade de prazer. Os espaços de contemplação se espalham pelas vitrines dos grandes centros comerciais. Em lugar das galerias de arte ou das bibliotecas, os supermercados e os *shopings* tornaram-se os espaços de lazer e de purificação dos sentimentos do homem pós-moderno.

A formação dos sujeitos sociais não se pauta mais nos valores éticos, sequer nos afetivos, dos quais o ser humano se nutre. A subjetividade é construída por meio da intermediação tecnológica com fins mercadológicos. No contexto das sociedades globalizadas nada é determinado pelo valor em si mesmo, mas sim pelo valor de troca. Tudo tem um valor mensurável, tudo é passível de comercialização, enfim, tudo é medido pelo valor de mercado. As práticas no interior da globalização direcionam-se no sentido de transformar tudo em coisa, em mercadoria, inclusive, o próprio homem¹⁴.

Nesse contexto, algumas questões se evidenciam, entre elas: como discutir os processos de criação, produção, circulação e recepção da literatura numa sociedade reificada onde valores como humanidade, autenticidade, sensibilidade, reflexão e criação, próprios do universo humano e da expressão artística, estão comprometidos pela razão utilitarista e pelo embotamento dos sentidos? Qual é a importância da literatura para os sujeitos sociais nesse contexto? A literatura pode contribuir para a autonomia, no sentido de consciência crítica do cidadão nas sociedades globalizantes? Quais são as relações entre a leitura da literatura e a construção das identidades sociais e individuais? Qual é a função da escola no processo de intermediar as experiências de leitura da literatura nesse universo?

Levantar tais questionamentos não significa propriamente a possibilidade de encontrar resposta para todos eles, mas demonstra as angústias diante da situação humana de paralisia na qual nos encontramos. Revela também a pré-disposição de entender e discutir a criação literária como uma importante aliada no processo de representar e fazer pensar a vida social e individual no mundo contemporâneo, a partir de uma leitura crítica e consciente,

¹⁴ Os livros de Jô Soares podem ser tomados como exemplos dessa passagem, quando transformam em mercadoria artistas consagrados do cânone, como Conan Doyle em *Xangô de Baker Street*, nele Jô retrata um Sherlock Holmes destrambelhado, satirizando o original.

mediada pela prática pedagógica realizada na escola. Para tanto, faz-se necessário a compreensão de que pensar a literatura, enquanto prática pedagógica, é também pensar a sociedade na qual vivemos, e as relações estabelecidas entre arte literária e o mundo social e individual do leitor. Assim, a compreensão das relações estabelecidas entre literatura e sociedade tornam-se aspectos centrais nesta discussão.

LITERATURA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS TEÓRICO-LITERÁRIOS

A literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa: ou melhor: que ela sabe algo das coisas - que sabe muito sobre os homens.

Roland Barthes

2.1- Literatura *versus* sociedade: um olhar da teoria literária

A literatura tem sido uma importante mediadora entre o indivíduo e a sociedade ao longo do tempo. Por meio dela, o homem aprimora as relações com os outros, consigo mesmo e com mundo cultural e social.

Por ser uma expressão essencialmente humana, não se pode ignorar ser a arte literária também expressão histórica, social e cultural. Nesse sentido, uma compreensão do papel e do estatuto ocupado pelas artes literárias, no contexto social de unificação no qual vivemos, sugere o alargamento do debate em torno da discussão que há muito permeia os discursos críticos da literatura universal, isto é, a relação estabelecida pela literatura com os aspectos históricos e sociais de seu tempo.

Ao reconhecer os vínculos mantidos entre os fenômenos sociais e o objeto estético-literário abre-se uma discussão que parte da crença de que, as funções da literatura, na sociedade globalizada, devem ser ressignificadas. A literatura não mais se apresenta enquanto elemento puro de contemplação, deleite e fruição, conforme propunham as orientações clássicas, mas deve também primar pela discussão, pela desalienação, pela criticidade e, principalmente, por fazer o leitor pensar a sociedade na qual está inserido. Para tanto, é necessário entender o texto literário enquanto resultado dos fatores externos e internos das experiências vivenciadas por quem o escreve e por quem o lê.

As reflexões em torno da relação literatura *versus* sociedade norteiam os estudos literários desde a antiguidade clássica. As teorias em torno das artes, nesse período, abrangem desde a idéia do belo e de imitação de Platão, até a teoria de Aristóteles. Nesse momento inicial, os fundamentos da literatura estiveram centrados nos princípios de contemplação,

beleza e harmonia. Entretanto, no discurso de Platão, já era possível observar uma forte aproximação entre literatura e sociedade. O filósofo grego estabelece uma aproximação entre a literatura e as questões sociais ao desejar a expulsão do poeta da República, afirmando serem ele e sua arte prejudiciais ao equilíbrio social. Segundo Platão, as artes criadas pelo poeta não comportam a idéia do bem, já que a idéia do bem para esse filósofo está associada aos saberes construídos nas verdades advindas da razão.

O primeiro tratado sistemático de literatura de que se tem conhecimento é de autoria de Aristóteles. Assim como nos estudos platônicos, a mimese é referência significativa nos estudos aristotélicos. Ela é, na verdade, considerada um dos principais fundamentos da arte poética segundo Aristóteles. Diferentemente de Platão, que entendia a mimese como imitação, a teoria aristotélica, pautada nos critérios do verossímil, entende a mimese não enquanto mera reprodução do real nos moldes propagados pelo discurso platônico, mas sim enquanto representação de uma realidade recriada pela imaginação. Se na discussão platônica a arte ficou marginalizada, na *Poética* de Aristóteles, passou a ser compreendida como importante instrumento de percepção e recriação dos elementos sociais, inclusive na concepção de “caráter nobre”.

Ao considerar os fatores externos e internos constitutivos da obra literária, em *Literatura e sociedade*, Antônio Cândido (1965) pressupõe o vínculo da literatura com os aspectos extralingüísticos. Contudo ele alerta para os perigos de se proceder à análise do texto literário a partir do prisma único da relação da obra com os fatores sociais. Para Cândido, ao se fazer uma correlação simplista entre os fatores históricos e sociais de um determinado período com aqueles descritos na obra, não se faz crítica literária, mas sim, história literária ou sociologia da literatura. Não se trata de desprezar a importância dessas disciplinas para os estudos literários, mas diz ele que os elementos externos (fatos sociais) ao serem transpostos para a obra importam “não como causa ou como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.”(1965:4). E, ao se fazerem internos esses elementos podem tornar-se importantes instrumentos para se pensar e refletir o contexto social em que o texto é escrito ou lido.

Para Cândido, a literatura não pode ser entendida enquanto determinante dos fatores sociais, nem é, necessariamente, conseqüência deles. Segundo esse teórico, a literatura é criação e, portanto, não está presa a qualquer tipo de regra ou de norma. Sua condição de arte torna-a livre, desatrelando-a de qualquer subordinação de teor histórico, social ou ideológico. Cândido diz, em outras palavras, que desconsiderar os fatores externos presentes no

monumento literário ou tentar reduzir a análise a esses mesmos elementos é, no mínimo, limitar a vasta potencialidade de sentidos contida na e desencadeada pela literatura.

Participando do debate entre literatura e sociedade, Terry Eagleton (2001) chega a vincular a relação literatura e sociedade ao conceito de literatura. Embora ressalte o caráter de fruição do texto literário, o entendimento do que seja literatura, para Eagleton, passa primeiro pelo fato de ser considerada como atribuição de valores. Por ser o valor algo transitivo e mutável, o conceito do que é literário ou não literário está ligado à idéia do que é ou não valioso num determinado período histórico. Segundo esse estudioso da literatura, é necessário ainda levar em conta o contexto social e cultural em que esses valores são produzidos. Assim ele revela:

O “nosso” Homero não é igual ao Homero da Idade Média, nem “nosso” Shakespeare é igual ao dos contemporâneos desse autor. (...) Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas” mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há uma releitura que não seja também uma “reescritura”. (EAGLETON, 2001: 17).

Nas palavras de Terry Eagleton, evidencia-se a idéia de que, no que tange à literatura, é preciso considerar, não somente o momento de produção da obra, mas, principalmente, as experiências históricas, culturais e sociais do leitor, bem como o contexto no qual se realiza a leitura. Pode se extrair das palavras desse estudioso da literatura que, a leitura do literário não ocorre de modo isolado, ela é algo resultante das vivências do autor e, do mesmo modo, se inscreve nas experiências do leitor.

Os pressupostos teóricos da estética da recepção¹⁵, defendidos por Jauss (1994) e posteriormente ampliados pela teoria do efeito estético desenvolvida por Wolfgang Iser (1999), a respeito da relação entre literatura e sociedade e entre leitor e leitura, bem como a importância dessa relação para os estudos literários, apresentam-se como suporte sólido para muitos dos anseios quando dizem respeito a tais questões.

Até o surgimento da teoria recepcional, o autor e a obra eram os elementos de destaque na análise literária. Entretanto, para a estética da recepção, a obra literária pressupõe três momentos distintos: o escritor, a obra e o leitor. Para Jauss, nessa seqüência, o leitor é a terceira parte do processo. Dentro da concepção de leitor implícito, formulada por Iser (1999),

¹⁵ Além de desenvolver um estudo preocupado em ressaltar o caráter de comunicação do objeto estético, em que se evidencia o cuidado de procurar entender as relações mantidas pelo texto literário com as questões sócio-culturais, sem, no entanto, transformá-lo num documento das verdades históricas e sociais de uma determinada nação em um dado período, interessa-nos também o lugar de destaque conferido ao leitor nos estudos recepcionais.

o leitor já é previsto pelas próprias estruturas textuais. Ou seja, na orientação iseriana, o leitor não é apenas parte integrante de um processo, ele é elemento indissociável da obra literária.

Em vista disso, a importância da estética da recepção reside no fato de que ela se realiza numa análise bem completa referente ao leitor, ao texto literário e à leitura. Para Iser, o ato de ler só alcança sua mais plena dimensão quando as categorias do efeito (centrado no texto) e a recepção (centrada no leitor), este é o centro de sua reflexão se interligam pelo processo de leitura.

Nas análises que envolvem a relação da literatura com a sociedade, pelo foco da estética da recepção, a grande contribuição se dá pelo reconhecimento e pela valorização atribuídos ao recebedor do texto literário - o leitor. Leitor este considerado parte essencial na constituição da obra, no que tange a sua condição de sujeito social, membro de uma cultura e detentor de uma história individual e social única.

As categorias hermenêuticas, os movimentos simultâneos de *poiesis*, *aisthesis* e de *katharsis*, são consideradas por Jauss, (2002-b) como atividades inerentes à experiência tanto de criação, quanto de recepção do objeto estético. A *poiesis* considera a possibilidade de se trazer à obra a realidade externa por meio do processo de criação. Por seu intermédio, a relação criação *versus* mundo é valorizada de modo a fazer o sujeito se sentir mais livre e à vontade no mundo; não há nela, o compromisso com o pragmatismo. Pela *aisthesis* evidencia-se o efeito da obra de criação estética sobre o leitor. Ou seja, por intermédio da obra de arte, é possível ao homem renovar sua visão de mundo embotada pelo cotidiano. A *katharsis* é o resultado de um processo de identificação, possibilitador da libertação do indivíduo das amarras sociais às quais se encontra atrelado, fazendo-o assumir as próprias normas de comportamento no interior da sociedade. Pela percepção do objeto artístico se dá a suspensão da vida prática e a libertação do sujeito leitor/autor.

Nesse sentido, pode se afirmar que tanto na *poiesis*, quanto na *aisthesis* e na *katharsis*, a relação do processo de criação e recepção acontecem em interação com o mundo interior da obra e com o mundo exterior daquele sujeito que constrói o texto pelo processo da escrita (o autor) e daquele que o reconstrói pelo processo de recepção (o leitor). Segundo Jauss, a experiência estética por meio desses elementos, além de resultar no prazer estético, é compreendida também como experiência vinculada ao social e ao emocional. Essas categorias hermenêuticas são, portanto, imprescindíveis no processo de comunicação entre o texto e o leitor.

É importante evidenciar que, nas perspectivas teóricas da recepção e do efeito, o objeto estético não pode ser entendido como instrumento puro e simples de registro da

sociedade, uma vez que esta é modificada pela recepção de mundo realizada pelo escritor. Isso equivale a dizer que, o mundo transcrito no interior da obra sofre as interferências da subjetividade do autor, porque não há uma homogeneidade nas formas de perceber o mundo: as percepções variam de acordo com a sensibilidade e a história individual e social de cada um.

Da mesma forma, ao lidar com o conceito de horizonte de expectativas do leitor, Jauss defende que, no processo de recepção, as experiências culturais, sociais e individuais do leitor são acionadas no momento da leitura, as quais se fundem às projeções do escritor, portanto, afastando-se ainda mais de qualquer compromisso com as verdades histórico-sociais atribuídas ao texto. Desse modo, pode-se dizer serem os fatos transcritos na obra literária capazes de conferir com a realidade histórica e social do tempo de sua criação, pois partem dela; porém não se pode entendê-los como registro dessa realidade historicamente constituída.

A partir da fusão de horizontes, durante o processo de leitura, a literatura permite ao leitor um olhar diferente para sua realidade: mudam-se os valores, os paradigmas, enfim, cria-se outro mundo diante do olhar de um novo homem. Tanto Jauss quanto Iser deixam claro que não é função da literatura explicar a sociedade; o que a teoria da recepção pretende é evidenciar as modificações operadas no leitor e na sua relação com o mundo a partir dos efeitos provocados no momento da recepção.

Desse modo, ao considerar a construção de sentidos realizada durante a leitura, a teoria recepcional leva em conta não só o universo social, mas também e, principalmente, a subjetividade do leitor. Ao evidenciar as transformações do sujeito em relação ao seu modo de perceber e de interagir nos espaços e nas estruturas sociais, a partir dos efeitos resultantes do contato e da interação com a literatura, os estudos recepcionais apresentam-se como uma ferramenta teórica capaz de justificar a importância e a necessidade da leitura da literatura num mundo globalizado.

A automatização e o embotamento da visão são características do mundo global. Nesse sentido, entendemos que a reivindicação do texto literário enquanto uma das possibilidades de inferir na construção de uma sociedade de homens mais conscientes e mais humanizados aqui se justifica, pois é característica da literatura promover a desautomatização e o desembotamento da visão, possibilitando ao sujeito percepções mais claras e conscientes no que se refere ao mundo a sua volta.

Exatamente por entender que o processo de concretização da obra literária necessita dos elementos externos e internos tanto do escritor, quanto do leitor, é que a teoria da recepção faz duras críticas ao modelo de análise anteriormente proposto pelo Formalismo Russo. Na

perspectiva formalista, os elementos internos constitutivos do texto literário lhe garantem uma existência autônoma. Assim como Jauss, Iser não vê com bons olhos a valorização excessiva dos elementos formais, principalmente quando o mundo, o autor e o leitor são ignorados, do modo como acontece na concepção formal.

As críticas à corrente teórica dos formalistas russos quanto ao alheamento dos elementos externos, constitutivos da criação artística, são comuns e constantes em grande parte dos estudos posteriores. Contudo, ao reconhecer o caráter de desautomatização da linguagem na obra literária, os formalistas estão, de alguma forma, relacionando a leitura à dimensão social. Em que medida o texto literário, desautomatizando a linguagem, estaria interferindo na maneira de perceber o mundo, tornando a visão menos automatizada ou embotada? Respondendo a essa indagação as teorias formalistas a respeito, da do estranhamento, tornam-se, mais do que em qualquer outro momento, relevantes para os estudos preocupados em analisar a passividade das pessoas diante das informações diariamente repassadas pelos meios de comunicação nas sociedades globalizadas.

Atualmente, espetáculos promovidos pelas redes de comunicação com cenas constantes de guerras, violências, exposição da barbárie ou mesmo escândalos de ordem política, econômica ou comportamental, em vez de provocarem o envolvimento e a reação do espectador, acabam por disseminar o sentimento de tédio e desinteresse. Segundo Vitor Chklovski (1976:56), a sistematização de uma violação, transformando-a em regra, acaba por retirar-lhe a força que teria como procedimento de obstáculo. Nesse sentido, pode-se dizer que as teorias formalistas acerca do estranhamento provocado pela linguagem própria da literatura acabam resultando numa perspectiva significativa para se pensar a influência da palavra literária enquanto prática libertadora do indivíduo frente aos processos de massificação que ele vivencia no cotidiano do mundo global.

Considerando ser a literatura a arte na qual se manuseia o instrumento mais usual entre os seres humanos nos processos intercomunicativos, a palavra, os estudos bakhtiniano referentes à natureza social da enunciação revelam-se, também, como referência significativa na ampliação do debate da relação literatura *versus* sociedade. Segundo Bakhtin, (2002-a: 41) a palavra é, eminentemente, um signo ideológico, pois é indissociável do contexto de sua produção, emissão e recepção. Isso significa que numa situação comunicativa deve-se levar em conta tanto os espaços históricos e sociais de quem fala, quanto de quem ouve. Sendo fruto da relação do homem com o meio social, histórico e cultural “a palavra é capaz de registrar as fases mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”. (2002-a: 41)

Na medida em que situam mais concretamente o leitor e o autor num contexto social e cultural definidos, os estudos bakhtinianos ampliam e complementam as reflexões desenvolvidas pelos estudos recepcionais.

Assim, tal qual na estética da recepção, os estudos bakhtinianos dão especial atenção ao leitor e à função comunicativa da obra de arte, destacando-lhes o papel social. Há na teoria de Bakhtin uma proposta de interligar, pelo processo de leitura, o individual com social e com o estético. Essa proposta contribui para a reflexão da relação literatura e sociedade. O leitor, para Bakhtin, pertence a um contexto social concreto, ele possui “nome, endereço, gênero e nação”. Pode se dizer então que, na perspectiva bakhtiniana, há um deslocamento do sujeito para o espaço de comunicação, haja vista a enunciação ser um produto de interação entre sujeitos socialmente organizados, com horizontes sociais determinados.

É importante ressaltar, além disso, que Bakhtin considera a interação como um diálogo possível em qualquer espécie de comunicação verbal, por exemplo, como o livro. Para ele, “o discurso escrito é, de certa maneira, parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc” (2002-a:123)

Nessa medida, o texto literário é, para Bakhtin, é, (2002-b) o lugar de convergência das diversas vozes sociais. A fala no romance representa as múltiplas vozes dos mais variados grupos. Ao estar inserida em um determinado contexto histórico e social, a palavra não é individual, mas sim representativa do espaço social-histórico, ao qual pertence o sujeito falante. A leitura do texto literário pode, dessa maneira, levar à renovação da enunciação pela dialética entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior.

A enunciação é constituída num determinado contexto. Bakhtin diz que a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação¹⁶.

Complementando a idéia de Bakhtin em relação ao dito, é relevante também pensar a importância atribuída ao não-dito ou aos entreditos contidos nas correntes subterrâneas do texto literário. Os silêncios são também representativos dos grupos sociais. A ausência da palavra impressa, muitas vezes, representa, no texto literário, a inserção dos silenciosos e

¹⁶Desse modo, relendo os estudos bakhtinianos acerca da enunciação, cabem-nos as seguintes indagações: Como os enunciados estão sendo construídos nos meios de comunicação no mundo global? A quem estão sendo dirigidos? Qual a finalidade desses enunciados? Como tem se dado à interação verbal entre o locutor e o receptor, nos meios de comunicação?

silenciados ao longo da história. A omissão da palavra pode representar valores que denunciam os preconceitos de classe, de cor, de raça e gênero, presentes na sociedade.

Enquanto na estética da recepção os silêncios sugerem atenção redobrada do leitor/autor para o preenchimento dos vazios, na perspectiva bakhtiniana, a ausência da palavra intensifica a relação de cunho social estabelecida pela representação literária. Isso se dá porque a teoria bakhtiniana prevê que no ato da leitura estabelece-se um diálogo entre os horizontes sociais do leitor e das diversas vozes representadas no texto literário. Ou seja, ao trabalhar com o discurso, a literatura joga o sujeito para fora, para a sociedade, acrescentando uma relação de espaço e tempo e pedindo a resposta do outro.

Porém, ao mesmo tempo em que permite o contato com o mundo social e cultural, a palavra literária promove também a interiorização do sujeito leitor. Assim, Gaston Bachelard (2003) fala-nos de um outro tipo de silêncio, o silêncio ontológico.

Segundo Bachelard, numa sociedade em que a sonoridade ocupa lugar de destaque e a existência é a existência de vozes, há a necessidade de ouvir e de escutar o silêncio, pois é a capacidade de silenciar e de ouvir responsável por levar o indivíduo ao encontro consigo mesmo. Para realizar o encontro com o próprio ser, é necessário sabermos ouvir, nos escutar; é, enfim, fundamental praticarmos o silêncio ontológico. Para Bachelard, a possibilidade de se praticar o silêncio ontológico é possível somente por meio da criação literária. Nesse sentido, defende que o fenomenólogo deve seguir o poeta.

Além de metafísica que busca a essência do ser, a arte literária é, também para ele, uma forma de modificar a maneira de enxergar e interpretar as coisas e o mundo à nossa volta, atribuindo valores regidos não só pela razão, mas também e, principalmente, pela percepção, pela emoção, pelas sensações. As reflexões desse autor voltam-se para a sensibilidade e para o afetivo, considerando-os valores necessários de serem repensados e resgatados, numa sociedade que prima pela lógica racional, comandada pelas ações mercantis, muitas vezes, em detrimento dos valores humanísticos¹⁷.

Em seu percurso existencial, como se pôde observar, os estudos teórico-literários na maioria das vezes demonstraram-se preocupados em discutir a relação estabelecida entre a literatura e a sociedade sob diversos ângulos.

O fim do século XX e início do século XXI é marcado pelo constante e acelerado processo de transformações nas relações econômicas, sociais e culturais em todo o mundo. A importância de se observar a relação entre literatura e sociedade, nesse momento, se justifica

¹⁷Por tal motivo as análises fenomenológicas desenvolvidas por Bachelard são reivindicadas enquanto âncora de nossas discussões.

porque as transformações impulsionadas pela economia global, são, subjetivamente, transcritas para o texto literário. A realidade de globalização é captada pela obra literária e nela representada por meio da sensibilidade, da percepção. As representações sociais contidas no monumento literário proporcionam, portanto, uma leitura diferenciada dos universos objetivos e subjetivos da realidade de globalização.

Do mesmo modo que não se pode ignorar a relevância da literatura para a vida social e individual, nos tempos atuais, os processos de análise e de compreensão do objeto estético, não devem ser aceitos acriticamente; devem ser ressignificados.

As mudanças globais sugerem uma revisão crítica nos processos de análise e compreensão do objeto estético. Mudam-se, desse modo, tanto os elementos temáticos quanto os formais da obra. A literatura pós-moderna é representativa dos conflitos humanos vivenciados no contexto social de nossos tempos. Assim, nas mais recentes publicações literárias, os temas inerentes à sociedade globalizada – a dominação do sujeito pela mercadoria, a fragmentação, a alienação diante das linguagens midiáticas, a falta de referências do indivíduo com suas realidades sociais, culturais e afetivas, bem como o desfacelamento das relações com o outro – são recorrentes e traduzidos no texto literário¹⁸.

Em função das mudanças ocorridas no cotidiano das pessoas, o texto literário dos novos tempos impõe outros paradigmas de representação - e sugere um novo tipo de leitura e de leitor¹⁹. A narrativa, por exemplo, já não mais comporta o modelo de criação do século XIX, quando era delimitada por um espaço e pela linearidade temporal. O entendimento do que é ou não literatura, nesse contexto, sugere mudanças de orientação; isso significa dizer que a definição do objeto estético, enquanto literatura, está aberta a diversas e novas possibilidades da compreensão crítica.

Além da exigência de uma nova forma de concepção do objeto estético, na dimensão social presente, a literatura não é influenciada pelas circunstâncias exteriores somente no que diz respeito ao conteúdo ou aos aspectos formais de sua representação. Os fatores econômicos e os fatores promocionais destacados pelos meios de comunicação interferem e, por vezes, definem a relação da obra com o público. Por esse motivo, para entender o vínculo da literatura com a sociedade nos moldes atuais, faz-se necessário ir além das questões de forma, de conteúdo ou mesmo de significação adquiridos pelos elementos externos no interior do

¹⁸ É o que observa na leitura de obras como *Crash: estranhos prazeres* do escritor J. G. Ballard, *O Anônimo Célebre* de Ignácio de Loyola Brandão, entre outros. A mudança nos paradigmas de representação constatados nas obras atuais tem levado, por vezes, ao questionamento do valor artístico dos textos criados.

¹⁹ A relação dinâmica com as novas tecnologias, com a mobilidade e agilidade das sociedades atuais constrói um leitor mais ágil, menos necessitado da solidão reflexiva. O Leitor que se forma atualmente é capaz de ler e ouvir música ao mesmo tempo, é enfim, um leitor disposto a ler em consonância com a agitação de seu tempo.

texto; é bastante significativo pensar o espaço ocupado pela literatura numa sociedade dominada pela idéia de posse, de consumo, em que o ter se sobrepõe ao ser e a razão utilitarista predomina em relação a valores da subjetividade humana. Nesse contexto, o escrito é substituído, gradualmente, pelos suportes visuais e a velocidade das imagens ou mesmo da vida cotidiana se contrapõem às exigências de tempo para reflexão necessária à leitura do literário. Desse modo, o questionamento acerca do lugar e da importância atribuída à literatura, nessa sociedade, é algo, considerado aqui, de suma importância.

2.2- A literatura em tempos de sociedade globalizada

A literatura é representação não somente de fatos grandiosos, mas é também representação do cotidiano do homem comum, suas crenças, seus sonhos, seus conflitos, seus hábitos; enfim, a literatura é uma expressão artística, que faz circular idéias e experiências humanas, cotidianamente, vivenciadas. Por meio da leitura crítica, o texto literário pode se configurar num instrumento de grande relevância para se pensar o homem e o meio onde vivemos. Desse modo, por ser um espaço aberto às diferenças e às coisas “miúdas” é que a literatura poderá, além de propiciar uma formação mais humana, também contribuir para a construção de sujeitos menos ingênuos, capazes de compreender e se posicionar em relação às questões sociais e individuais de seu mundo e de seu tempo.

Entretanto, com o surpreendente avanço dos meios tecnológicos observados no decorrer do século XX, surgem várias teorias preocupadas em analisar a questão da sobrevivência das artes nesse contexto. Na atualidade, quando o domínio da técnica é fato real na vida de todos, a discussão teórica tem se debruçado sobre o assunto na intenção de procurar entender e analisar as interferências dos mecanismos de controle da produção, circulação e consumo das artes. Esses mecanismos absorvem a criação artístico-literária no mundo capitalista, sobretudo no capitalismo global. De forma incisiva, eles parecem direcionar tanto o processo de criação realizado pelo escritor, quanto o processo de recepção realizado pelo leitor.

Desse modo, podemos observar que, assim como as opiniões em torno da globalização, as teorias voltadas para as artes literárias dentro desse contexto são, além de complexas, contraditórias e, por muitas vezes, contundentes.

A dificuldade de se pensar a literatura dentro de uma sociedade dominada pelo capital, pela razão lógica e funcional, pela reprodução massificada e pela banalização das artes

em geral, foi o que, provavelmente, levou o sociólogo Marshal McLuhan a anunciar o fim do fazer artístico-literário. Em palavras proferidas em um congresso literário, ele afirmou serem os escritores ali presentes “os últimos sobreviventes de uma espécie em vias de extinção”²⁰. Assim como Marshal McLuhan, muitos assumiram uma postura de descrédito na possibilidade de a literatura continuar a existir enquanto arte criadora revestida de autenticidade e autonomia numa sociedade que coroou, sob todos os aspectos, a força vital do capital. Essa postura niilista de McLuhan pôde também ser traduzida no pensamento de Peter Sloterdijk (2000), ao analisar a posição ocupada pelas artes literárias na vida social e humana no contexto atual.

Com o estabelecimento midiático da cultura de massas no Primeiro Mundo em 1918 (radiofusão) e depois de 1945 (televisão) e mais ainda pela atual revolução da Internet, a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases. Essas bases, como se pode mostrar sem esforço, são decididamente pós-literárias, pós-epistolares e, conseqüentemente, pós-humanistas. Quem considera demasiado dramático o prefixo “pós” nas formulações acima poderia substituí-lo pelo advérbio “marginalmente” – de forma que nossa tese diz: é apenas marginalmente que os meios literários, epistolares e humanistas servem às grandes sociedades modernas para a produção de suas sínteses políticas e culturais. A literatura de modo algum chegou ao fim por causa disso; mas diferenciou-se em uma subcultura *sui generis*, e os dias de sua supervalorização como portadora dos espíritos nacionais estão findos.²¹ (SLOTERDIJK, 2000: 14)

Do pensamento do autor depreende-se que os meios de comunicação de massas contribuem diretamente em favor da desvalorização da literatura nos nossos tempos. Por não prestar à espetacularização nos modos salientados por Guy Debord, a literatura tem pouco espaço na mídia e, quando o texto literário aparece, ele já está moldado para produzir os efeitos de hipnose, alienação e reificação, próprios do discurso ideológico da mídia.

As estruturas capitalistas, geralmente, não foram favoráveis ao desenvolvimento da arte. Na sua essência, a criação artística não é, ou não deveria ser, geradora de lucros. Por isso, desde o início, a promoção das artes não era parte integrante do projeto ideológico da burguesia, contudo, por diversas vezes, ao longo da história, pôde ser possível observar a relação da produção artística com poderes econômicos; basta lembrar, por exemplo, a questão do mecenato.

²⁰ Cf. MCLUHAN, Marshal. Apud. Marisa Lajolo. *O que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 7.

²¹ No artigo Regras Para um Parque Humano, Sloterdijk faz uma interessante análise do literário na vida política e individual das sociedades contemporâneas. Essa relação é estabelecida em contraposição ao humanismo de Heidegger. A análise de Sloterdijk é perpassada pelo interesse em analisar a relação do homem com a máquina e com as inovações técnico-científica no mundo atual. Porém, vale ressaltar que, diferentemente da compreensão desse trabalho que entende o texto de criação literária como uma possível condição de libertação e desalienação do homem frente aos processos de massificação no mundo global, Sloterdijk entende a literatura, assim como a escola, enquanto instrumentos de domesticação dos indivíduos.

As mudanças na relação do homem com o dinheiro no mundo capitalista também alteram o convívio dos indivíduos com o objeto artístico. No mundo capitalista, a aproximação do sujeito com a obra de arte se dá quando o produto da criação de um determinado artista pode se tornar um bom investimento, ou mesmo objeto de decoração. A necessidade da arte enquanto algo a ser apreciado e de que necessita o homem para alimentar seus sentimentos e sensações mais pessoais, humanos e verdadeiros não são, com frequência, os elementos promovedores da aproximação do sujeito com o objeto estético no universo capitalista.

Segundo Ernest Fisher, (1983:59-132) pode se reconhecer que, de algum modo, o capitalismo trouxe também benefícios à criação artística. A agilidade, contraposição básica à fixidez das sociedades feudais, acabou fornecendo ao processo criador novos paradigmas para estimular a diversidade e multiplicidade tanto da forma, quanto do conteúdo. Assim como ocorreram nos primeiros momentos da relação capitalista com o processo da produção artística, no projeto extremo do capital, a globalização, também é possível observar fatores, cujo caráter contraditório revela, as influências causadas à arte nesse contexto.

No campo da cultura, o processo de globalização parece não trazer somente prejuízos. Especialmente nesse aspecto, pode se afirmar que a globalização ocupa um lugar paradoxal, haja vista a mesma induzir a aproximação do indivíduo com as mais variadas formas artístico-culturais. Hoje, as pessoas são capazes de entrar em museus, bibliotecas de qualquer parte do mundo sem saírem de suas casas. Mas, por outro lado, os mercados globais conduzem o processo de massificação das obras artísticas. Na atualidade, é notório o fato de que as artes realmente ultrapassem os espaços privilegiados nos quais se encontravam encasteladas, porém o que se assiste não é ao acesso pela dessacralização dada pelo fim da aura de que se revestia o objeto artístico, mas sim, e principalmente, a banalização da obra artística, tornando-a um produto de consumo como outro qualquer.

O uso da técnica como meio de reprodução das artes, recurso do modernismo, é, notadamente, reconhecido e discutido no texto de Walter Benjamin (2000) “A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica”, escrito em meados do século passado. O texto benjaminiano é motivado pela crescente expansão dos meios técnicos. A escrita benjaminiana a respeito da reprodutibilidade técnica da obra de arte apresenta-se como um importante instrumento teórico para analisar os vínculos da indústria cultural com os processo de divulgação e recepção da obra literária. Muito embora Benjamin não use a expressão indústria cultural em seu texto, o cinema, por exemplo, ou parte dele, o qual se apresenta como um dos

meios importantes de reprodução das artes, viria a ser reconhecidamente um ramo da cultura industrializada²².

Embora seja possível observar um certo ressentimento com a perda da aura dada pela reprodução técnica, Benjamin vê nesse processo pontos positivos. Segundo ele, a atmosfera sacralizadora, da qual se revestia a obra de arte, era mantida de modo artificial pelos meios de aproximação entre o público e o objeto estético. Benjamin pode estar referindo-se à experiência de ver a obra de arte exposta em espaços restritos, como os museus, por exemplo. Nesses espaços, a obra passa por um processo de interpretação. Neles há todo um ambiente para receber e se fazer perceber a obra. O espectador comum segue um percurso dirigido, há uma dramatização, uma encenação que o insere num outro universo. Nesse sentido, pode se dizer que a aura contida no objeto estético é alimentada sensivelmente pelas maneiras como é apresentada ao público. Esse processo de auratização realizado nos espaços de exposição mitifica o produto da criação artística tornando-o restrito a uma pequena parcela da população. Ao mesmo tempo, torna-o intocável e inacessível às pessoas comuns. Esse procedimento poderia ser, então, um fator preponderante no distanciamento observado na relação entre o espectador comum e o objeto estético.

O confinamento da obra em espaços privilegiados acaba por mitificar a criação artística e restringir o acesso do público. Essa questão é uma preocupação revelada no texto benjaminiano, isto porque a partir da reprodutibilidade técnica, Benjamin parece acreditar numa maior aproximação da coletividade com o produto da criação artística. Além disso, sugere ser a reprodutibilidade técnica capaz de favorecer novas formas de percepção e significação do objeto estético.

O pensamento desenvolvido por Benjamin em outro momento, no texto “A tarefa do tradutor” (2001), parece também manifestar a crença na ressignificação e na reinterpretação da obra a partir de sua transposição para uma outra linguagem. Segundo Walter Benjamin, a continuação da vida da obra pressupõe renovação. Segundo ele, renovar é, portanto, função da tradução e é no processo de tradução que o original se modifica, se renova. Para que o processo seja entendido enquanto renovação, a relação entre o original e a tradução deve ser analisada a partir da negação de uma teoria da imitação, ou seja, a tradução não pode ser vista

²² É o que se pode observar, por exemplo, em grande parte da produção comercial hollywoodiana. Embora seja possível constatar que em vários momentos o cinema trabalha com um processo de recriação da obra literária por meio de adaptações que chegam a ampliar e renovar o caráter estético da obra, sabemos que nem sempre isso acontece, e o que se tem visto é a banalização do artístico com fins comerciais. Além disso, esse tipo de produção preocupada em apresentar uma reinterpretação pautada nos valores estéticos e artísticos da obra continua restrito a um público específico, não chega aos espectadores comuns; até eles chegam os enlatados, as produções comerciais.

jamais enquanto imitação. Sendo a tradução tida como renovação a partir da reinterpretação da obra, ela não poderá existir se sua ambição for a de ter como essência a semelhança com o real, já que ela é uma reinterpretação desse real. Em “A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica”, por sua vez, Benjamin parece acreditar nessa capacidade de reinterpretação, renovação e democratização do objeto estético em contato com o público por meio dos suportes técnicos.

É possível afirmar, então, que em seu texto Benjamin discute, principalmente, a questão da arte nos espaços privilegiados e, de certa forma, celebra a possibilidade de uma maior divulgação da criação artística entre as pessoas. A experiência benjaminiana não pode ser entendida, dessa maneira, como negativa; sua crença centra-se na possibilidade de uma sociedade melhor a partir do contato da coletividade com a obra artística.

Mesmo compartilhando do pensamento benjaminiano, no qual se evidenciam as preocupações com a questão da acessibilidade e a esperança de um mundo melhor a partir da convivência do homem com as artes, sabemos que os meios técnicos os quais poderiam promover essa aproximação do público com as artes encontram-se hoje, na sua maioria, a serviço das práticas comerciais.

Não poderíamos, desse modo, ignorar os estudos a respeito da indústria cultural desenvolvidos por Adorno e Horkheimer²³ (1985).

Ao cunharem a expressão indústria cultural²⁴, Adorno e Horkheimer promovem uma discussão relevante em torno da ação destruidora desencadeada pelo processo de reprodução técnica. O debate teórico em torno desse assunto, por eles desenvolvido, parece ter aproximado bastante das experiências vivenciadas pelas massas diante da obra de arte. Segundo essa visão, com a perda da aura, a obra de arte perde o caráter de deleite, fruição e transcendência, os quais lhes são característicos.

Na perspectiva de Adorno e Horkheimer, a impossibilidade de vivenciar a experiência estética dada pela reprodução em massa da obra de arte faz o objeto artístico tornar-se, para o consumidor, um produto idêntico às outras mercadorias. Eles vêem no processo de reprodução a desestetização e a banalização do objeto estético. A desestetização e

²³ Temos consciência de que a teoria de Adorno e Horkheimer, - ao propor que pelo esclarecimento, se dava o desencantamento do mundo, e que o mito deveria ser dissolvido e a imaginação substituída pelo saber, - fere os princípios desse trabalho. Defende-se a existência de um saber constituído também pelas verdades imaginativas, como postula a teoria da recepção ou a fenomenologia. Entretanto as considerações de Adorno e de Horkheimer respeito da indústria cultural são relevantes, não poderiam ser ignoradas nesse trabalho.

²⁴ Horkheimer e Adorno optam pelo termo indústria cultural em substituição à expressão cultura de massas, porque acreditavam que a cultura de massas é uma expressão cultural que nasce e é criada pela manifestação das massas populares; não é produzida com uma determinada finalidade, como no caso indústria cultural.

a banalização ocorrem, segundo eles, porque a indústria cultural, ao promover a produção em série, torna a criação artística uma cultura industrializada.

Seguindo as orientações desses frankfurtianos, podemos observar nas experiências atuais que a indústria da reprodução nos permite, por exemplo, adquirir cópias de telas dos mais diversos artistas da pintura clássica universal em corredores de *shopings*, em prateleiras dos supermercados etc. Essa ação da técnica, com fins comerciais sobre a arte, segundo eles, retira da obra qualquer possibilidade de ação plena sobre o indivíduo, daí a dificuldade de visualizar uma ressignificação do estético por parte do público que a recebe nessas condições. Nessa perspectiva, esse mesmo indivíduo se vê diante das reproduções nos espaços de compra e venda. Nessas circunstâncias, a arte perde sua condição estética em definitivo, ela é mais um produto a ser consumido.

Ao contrário de Benjamim que vê nos meios de reprodução um processo democratizador da cultura ao colocá-la ao alcance das massas, sendo, desse modo, um importante instrumento no combate à alienação, Adorno e Horkheimer vêem a reprodução técnica como um ramo da indústria cultural; portanto, um processo alienador do homem em confronto com a realidade.

A orientação artística desses teóricos não lhes permitia visualizar, como fez Benjamim, uma possível ressignificação da arte pelos grupos sociais diversos que, nessas condições, a recebem. Segundo eles, a indústria cultural, surgida no interior da sociedade capitalista, está impregnada pela ideologia mercantilista. Ela produz, portanto, uma cultura industrializada, destituída de qualquer valor artístico. O objetivo da indústria cultural é puramente alienar e massificar o sujeito, tornando-o um consumidor passivo. Não há nos produtos oferecidos por ela a intenção em restituir o caráter de transcendência, de fruição ou de criticidade no sujeito contemplador.

Na teoria relativa à indústria cultural desenvolvida por Adorno e Horkheimer, é possível perceber a idéia da existência de uma arte superior. A hierarquização, no circuito das artes, se daria pela presença de elementos desencadeadores da fruição transcendente e livre de qualquer relação com o prazer. Os objetos artísticos criados pela indústria cultural e, portanto, destituídos desses elementos, seriam um subproduto das artes superiores e, conseqüentemente, fariam parte de uma cultura inferior. Em suas limitações esses produtos chancelados como arte inferior são incapazes de refletir o todo. Eles isolam o sujeito do processo social, não lhe permitindo a reflexão a respeito dos problemas sociais.

Simultaneamente ao processo de banalização dos objetos artísticos, transformando-os em produtos comercializáveis, comuns e perecíveis e, ao mesmo tempo, reforçando a imagem

da indústria cultural enquanto instrumento da sociedade do consumo, segundo eles, é possível perceber também a ação narcotizante exercida sobre o indivíduo, ao impedi-lo de formar uma imagem de si mesmo diante da sociedade.

Se todo produto carrega consigo as características - embora muitas vezes invisíveis - dos sistemas que o produziram e sendo, portanto, uma ramificação do mundo dos negócios, pode se dizer, então, serem os produtos da indústria cultural impregnados da ideologia capitalista. Conseqüentemente, esses produtos industrializados trazem os traços da reificação e da alienação. Essa alienação do homem em relação aos projetos da vida do país ou de sua própria vida permite à indústria cultural operar nos círculos das sociedades capitalistas com tranqüilidade e certa facilidade, sem encontrar resistências.

Se por um lado alimenta a alienação e a reificação, por outro, a indústria cultural é também fruto dessa alienação e reificação, caracterizadoras do mundo do capital. O homem alienado e reificado não pode produzir uma arte livre e independentes das marcas a ele imputadas. Considerando tais premissas, discutir a questão da arte enquanto elemento provido de autenticidade, nesse contexto, torna-se tarefa cada vez mais difícil e complexa.

As artes utilizam-se de objetos, de discursos, de atitudes de admiração, de instrumentos capazes de não só diferenciarem o artístico do não-artístico, mas também têm por finalidade repassar a idéia de valor contida nas obras, inclusive umas em relação às outras. Normalmente, os critérios de valor são registrados e analisados pelos críticos das artes em geral. À crítica cabe, então, a atribuição de valores por meio de uma análise criteriosa dos elementos contidos no objeto artístico. Segundo os pressupostos teóricos de Adorno e Horkheimer, a indústria cultural tem exercido o papel do crítico no sentido de indicar e repassar ao público as obras a serem consumidas. Essas seleções, no entanto, obedecem, com maior freqüência, ao valor de mercado do produto do que, necessariamente, ao seu valor estético. Nesse contexto, a análise crítica da condição artística é relegada a um plano secundário.

Essa reflexão pode ilustrar bem o vivido no presente no que se refere à presença das artes no contexto atual, pois se utilizando da capacidade de inserção na vida das pessoas, a indústria cultural acaba por imputar ao público consumidor as obras a serem lidas e adquiridas. Porém, ao mesmo tempo em que repassa obras de caráter literário duvidoso, ela necessita da permanência efetiva das chamadas altas literaturas. Por isso, é comum convivermos, simultaneamente, com produções puramente comerciais e com autores já consagrados pela literatura universal.

A necessidade da permanência do cânone literário deve-se ao fato de serem legitimadores das práticas distorcidas da indústria cultural. É importante esclarecer, no entanto, que normalmente a indústria se apodera dos títulos das obras e do prestígio conferido ao nome dos escritores, mas, com frequência, as obras são reproduzidas para a leitura se tornar mais fácil, mais ágil e mais acessível a um tipo de leitor acostumado apenas a receber e não a participar da construção de sentidos por meio de uma leitura crítica e interacionista.

Assim, o mercado vende os clássicos da literatura mundial em versões reduzidas, facilitadas, como se estivesse comercializando o melhor da cultura clássica. O consumidor, por sua vez, acostumado a reverenciar tais nomes, adquire esses produtos sob a falsa impressão de estar adquirindo as obras-primas da literatura universal, certo de que teve uma experiência com a verdadeira cultura²⁵.

Ao comprar essas obras parece não haver, por parte do consumidor, a preocupação com a qualidade artística do que está comprando - mesmo porque nem sempre ele tem condições instrucionais ou críticas para fazer tal distinção. O consumidor compra pelo prestígio, pelo *status* que estes nomes podem lhe conferir. A obra não é adquirida, nesse caso, para ser lida, apreciada, mas para ser possuída e ostentada nas estantes da sala de visitas²⁶..

Segundo Bachelard, a obra poética apresenta momentos que não têm nenhuma utilidade aparente em relação à trama ou ao desenvolvimento do enredo. Sua única função é levar o leitor à imaginação. Esses momentos são proporcionados pela combinação de palavras e frases as quais permitem ao leitor a construção de imagens e, simultaneamente, a suspensão da realidade do mundo material. Nesses intervalos a narrativa transporta o leitor para um mundo que transcende a realidade cotidiana. Segundo ele, embora não tenham nenhuma função prática dentro do texto, são esses os instantes mais ricos da criação literária. Eles fazem o leitor sonhar, devanear, imaginar, criar e recriar; enfim, eles caracterizam o texto enquanto literário.

Os espaços responsáveis por desencadear o processo de transcendência, apontados por Bachelard, exigem do leitor tempo maior de entrega à leitura. Para uma sociedade em que

²⁵ É comum assistirmos à referência de poesia, à citação de obras literárias, em novelas e ou em programas de televisão em geral. Nesse caso, é notório que o uso da instituição literatura legitima o discurso vazio dos programas veiculados na televisão. A utilização da literatura como forma de legitimar e dar um teor de intelectualidade para os programas mostra que a literatura ainda está fixada no imaginário popular como algo que só conhece quem sabe muito. A indústria cultural, por sua vez, aproveita dessa auratização em torno da obra e do autor que tem sido fortalecida pelas práticas pedagógicas em sala de aula. Regina Zilberman observa que nas práticas do ensino de literatura, o professor alimenta o discurso da literatura enquanto saber elitizado.

²⁶ A exemplo disso podemos citar obras da literatura que foram adquiridas, considerando o valor de posse sem jamais terem sido lidas (valor de uso). *O nome da rosa*, de Umberto Eco (nome da moda) caracteriza-se como um bom exemplo disso. Repleta de citações em latim, indecifráveis pelo leitor comum, que a compra não para ser lida, mas por estar na moda e conter as marcas da erudição.

o livro é um produto de consumo o qual precisa ser absorvido para ser descartado e substituído, os processos de reprodução e de facilitação da obra pela indústria cultural, incidem exatamente nesses espaços de reflexão que são retirados do texto.

Embora Adorno e Horkheimer não lidem com a imagem poética nos moldes de Bachelard, do modo como já foi anteriormente mencionado, referem-se à existência dos detalhes²⁷, ao discutirem as adaptações de obras, especialmente pelo cinema. Os detalhes para eles seriam pequenas descrições, acontecimentos ou mesmo objetos que permitem uma manifestação criativa por parte do leitor ou do apreciador da obra. São momentos de uma recepção diferenciada que garantem a pluralidade de significação na recepção do material estético. Numa perspectiva de reprodução da obra eles acreditam assim.

Se ele²⁸ adapta Mozart ao jazz, ele não o modifica apenas nas passagens em que Mozart seria difícil ou sério demais, mas também nas passagens em que este se limitava a harmonizar de uma maneira diferente, ou até mesmo de uma maneira mais simples do que é de costume hoje. (...) Nenhum concílio poderia ter designado o lugar a ser ocupado pelas caretas diabólicas e pelos tormentos dos danados na *ordo* do amor supremo com maior cuidado do que a direção de produção ao calcular a tortura do herói ou a altura da saia da *leading lady* na ladainha do superespetáculo. O catálogo explícito e implícito, esotérico ou exotérico, do proibido e do tolerado estende-se a tal ponto que ele não apenas circunscreve a margem de liberdade, mas também domina-a completamente. Os menores detalhes são modelados de acordo com ele. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985:120)

Do pensamento dos autores pode se depreender que, ao serem pensados e modelados pelos produtores do cinema ou da TV, os detalhes deixam de pertencer à liberdade da imaginação e adquirem forma na imagem do ator²⁹.

As práticas usuais dos meios industriais, as quais descaracterizam a obra, retirando dela passagens que levam à fruição transcendente, foram constatadas num cotejo entre duas edições, do texto *Cidade de Deus* de Paulo Lins³⁰. Na comparação feita entre a edição anterior à adaptação para o cinema e a outra, posterior à produção cinematográfica, a economia de

²⁷ É importante mencionar que Bachelard em a *Poética do Espaço* no capítulo VI denominado Miniatura, refere-se, por diversas vezes à possibilidade do detalhe em levar o leitor ao devaneio, pela possibilidade de desencadear a imagem poética.

²⁸ A terceira pessoa do singular é usada nessa citação para referir-se a dois tipos de reproduções, no primeiro, momento ao arranjador de jazz, e, no segundo momento ao cinema e aos diretores quando adaptam obras de Balzac ou Victor Hugo.

²⁹ Eles tornam-se concretos e iguais para todos. Foi o que aconteceu no processo de adaptação da obra de Guimarães Rosa *Grande sertão: Veredas*, para a minissérie televisiva exibida pela Rede de Televisão, Organizações Globo. Nesse processo assistimos à transformação de Diadorim em Bruna Lombardi.

³⁰ A constatação dessa economia de imagens foi divulgada num artigo intitulado *literatura e globalização* de autoria da professora Sara Almarza, publicado na revista Cerrados de N° 17, do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UNB.

imagens identificada no texto revisto pelo autor se evidencia. Essa atitude tornou o texto mais ágil, porém menos poético.

Na medida em que o filme estimulou a curiosidade em relação ao livro, fez-se necessário encontrar meios de torná-lo mais acessível a um público habituado à agilidade das imagens virtuais, pouco exigente, acostumado a receber mensagens já prontas, repassadas cotidianamente pelos meios de comunicação. O livro, para ser comercializado sem restrições, nesse contexto, exigiu uma readaptação no sentido de atender essa realidade dos horizontes de expectativas desses leitores espectadores.

A prática facilitadora da leitura adotada pela indústria cultural, nesse caso, tem, visivelmente, a função de tornar a obra mais vendável. Essa estratégia de comércio tem associado a prática de leitura com as atividades mercadológicas. Nesse sentido é que não se pode fechar os olhos para o fato de que, no contexto atual, a indústria cultural tem se colocado como grande mediadora na relação entre o indivíduo e a produção artístico-cultural.

2.3 - O livro: um produto de consumo

Se, por um lado, a comparação entre duas edições de uma mesma obra pôde constatar as alterações realizadas pela indústria cultural com vistas à promoção do livro, enquanto mercadoria a ser consumida, por outro, a popularidade adquirida pelos produtos após sua reprodução pelos instrumentos tecnológicos pôde ser comprovada por meio de entrevistas realizadas entre junho à dezembro de 2005 com alunos, professores e responsáveis pelas salas de leitura das escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal.

Em resposta à pergunta a respeito da leitura da literatura na escola, a professora diz que “Eles (os alunos) reclamam muito dos livros indicados pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS/UnB), gostam mais do que está na “moda”, no momento. Muitos têm dificuldade na compreensão da obra.” Do mesmo modo, na fala da professora responsável pela sala de leitura sobre a preferência de leitura dos alunos em relação aos textos literários, ela enfatiza que “os livros transformados em filme, em minissérie, etc. são bem mais procurados pelos alunos”.

A força exercida pela indústria cultural em relação à leitura nos novos tempos é evidenciada tanto em respostas dessa natureza, quanto na própria relação de obras lidas mais recentemente. Nesse caso, livros como Harry Potter, Código da Vinci, e os livros de Paulo Coelho, os quais têm uma relação nítida com os meios de divulgação e comercialização da

produção cultural, aparecem com certa frequência tanto nas listas dos alunos, quanto na lista de professores³¹.

Diante dessas questões parece-nos que as diversas campanhas de incentivo à leitura, realizadas pelos meios de comunicação visam bem mais à promoção do livro enquanto objeto de consumo do que, propriamente, à divulgação da leitura enquanto forma de sensibilizar o indivíduo no sentido de despertar sua curiosidade e seu interesse em relação à leitura da literatura.

Nas palavras de Leyla Perrone-Moisés em seu livro *Altas Literatura*,(1998) pode se perceber que a atitude dos próprios escritores, bem como as relações por eles estabelecidas com os meios de comunicação têm contribuído para que a prática nociva da indústria cultural, nesse sentido, seja legitimada. Segundo ela,

Os novos escritores não estão nem um pouco interessados em ingressar futuramente no cânone, interessa-lhes ter seus livros rapidamente publicados, traduzidos em língua hegemônicas, adaptados para o cinema e a televisão; para conseguir esses objetivos, não é necessário “um longo assentimento”, basta figurar na lista dos mais vendidos. A difusão dos livros passa, atualmente, menos pelos críticos e professores universitários do que pelos agentes literários, e pelas várias formas de publicidade. (1998: 176)

O desenvolvimento da leitura, do modo como a conhecemos hoje ocorre simultaneamente com processo de expansão da modernidade. Assim a relação do livro com a leitura, desde os primeiros instantes, obedeceu a critérios de ordem financeira. Em vários de seus estudos, Regina Zilberman desenvolve importantes considerações sobre a relação entre a expansão da leitura e a formação do leitor, ocorrida a partir do século XVIII. Segundo ela, a escola foi um dos instrumentos usados pela burguesia para garantir o crescimento da produção livreira, pois, na medida em que alfabetizava e formava leitores, a escola formava também consumidores do impresso, principalmente dos livros.

Nesse sentido ser leitor é “papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1996:14). Zilberman continua destacando:

Uma história social da leitura não pode evitar a revelação dos aspectos contraditórios que revestem, não a prática de ler enquanto tal, mas a política que patrocina sua expansão. De um lado, avultam os interesses econômicos e ideológicos: as necessidades do mercado cultural, produtor de obras para serem

³¹ Não se quer aqui discutir a validade ou não dessas leituras em sala de aula; o que se pretende é a reflexão sobre a influência exercida pela mídia sobre a vontade e os gostos das pessoas na atualidade.

absorvidas e rapidamente substituídas por outras, num primeiro impulso à massificação... (ZILBERMAN, 1988:14)

Das reflexões acima se depreende que a leitura sempre esteve associada ao livro. Sendo o livro um produto do mercado editorial, é possível afirmar, então, que a leitura da literatura é resultado também da promoção do capital financeiro.

Na sociedade globalizada, mais do que nunca, a leitura do literário é perpassada pela mercadoria e pelo espetáculo. Desse modo, as possibilidades de se pensar a leitura dentro de uma perspectiva crítica, desalienante e emancipadora, tornam-se cada vez mais distantes. As proximidades com a teoria crítica de Adorno e Horkheimer se acentuam, pois as leituras da cultura industrializada, as quais chegam com maior frequência ao indivíduo comum, obedecem às leis de mercado e exercem, portanto, a função de edificar a sociedade do capital e reiterar continuamente o processo de reificação e massificação do homem pós-moderno. Talvez seguindo esse pensamento é que alguns teóricos, como vimos anteriormente, postulam o fim das artes nessa sociedade.

Entretanto, se por um lado críticos como MacLuhan e Sloterdijk postulam o fim ou uma desvalorização acentuada do estético literário nesse contexto, do modo como vimos no início dessa discussão, na contra-corrente desse tipo de pensamento encontram-se vários outros estudiosos, os quais não se abalam com essa possibilidade. A confiança de estudiosos como Rouanet, por exemplo, pauta-se na hipótese da existência da literatura ser garantida por uma pequena parcela de apaixonados leitores e intelectuais, como sempre existiu e, segundo sua teoria, continuará a existir.

Robert Jauss, por sua vez, questiona várias das teorias desenvolvidas por Adorno em relação à literatura. Ele contesta os estudos adornianos desde a teoria da negatividade até os estudos referentes à ação da indústria cultural sobre a obra de arte. Do mesmo modo que não concebe a experiência estética desvinculada do prazer estético, como quer Adorno, Jauss ainda retoma o caráter de comunicação da obra de arte rejeitado pela estética da negatividade. Enquanto Adorno defende que somente por meio da negação do mundo material o leitor atinge a consciência crítica, Jauss, por sua vez, atribui ao caráter comunicativo do objeto estético a capacidade de promover a libertação e a desalienação do sujeito que o recebe. Segundo ele, é o contato com mundo possibilitado pela experiência de leitura, o responsável por permitir ao leitor reinterpretar e reelaborar suas relações com o mundo objetivo e subjetivo.

É certo que os mecanismos de sustentação da sociedade do capital global interferem e modificam a relação do homem com as artes em geral, sobretudo os meios de comunicação de massas. Ao analisar a questão da reprodução das artes no contexto de industrialização,

entretanto, Robert Jauss discorda mais uma vez das teorias adornianas acerca da indústria cultural. Ele defende a hipótese de que a literatura dificilmente será relegada ou substituída por uma cultura industrializada. Para Jauss,

É de modo parcial que a necessidade estética é manipulável, pois a produção e a reprodução da arte, mesmo sob as condições da sociedade industrial, não consegue determinar a recepção: a recepção da arte não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa, e, por isso, em grande parte não sujeita ao planejamento mercadológico. (2002-c:80)

O pensamento de Jauss parece ter claro que tanto o caráter de autonomia do homem quanto das artes encontram condições de resistência nas situações mais adversas possíveis.

Segundo ele,

A proibição de imagens, por exemplo, que ressurgiu periodicamente durante o domínio da Igreja, por certo não era um perigo menor à práxis estética do que a inundação de imagens através de nossos *mass media*. E, no entanto, de cada fase de hostilidade à arte, a experiência estética emergiu numa forma nova e inesperada, seja equivalendo-se à proibição, seja reinterpretando os cânones, seja descobrindo novos meios de expressão... (2002-c: 82)

A partir dessas considerações, Jauss reitera a condição de que é a recepção que garante a sobrevivência das artes no contexto industrial. Na literatura, o processo de recepção se dá por meio da leitura. Desse modo, seguindo as orientações de Jauss, acreditamos que discutir o lugar e o papel da literatura nos novos tempos é então refletir as práticas de leitura na escola da sociedade contemporânea. Entender o leitor de hoje é outro fator que também se impõe nessa discussão.

LITERATURA, LEITURA E ESCOLA NUM CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO

Diga-me como uma obra será lida no ano de 2000, e eu lhe direi como será a literatura do ano de 2000.

Jorge Luis Borges

3.1-Leitura e literatura

Se partirmos do pressuposto de serem leitura e literatura elementos que se inter-relacionam num processo de coexistência, pensar a permanência e a sobrevivência da literatura, enquanto arte autônoma, própria da criação subjetiva do escritor e independente das amarras alienantes das práticas comerciais desenvolvidas pelos mercados, é, sobretudo, pensar a leitura dentro de uma perspectiva capaz de tornar a literatura viva e pulsante entre nós. Ou seja, é acreditar na possibilidade de emancipação do sujeito social, ser capaz de interferir e conduzir as próprias escolhas, a partir da literatura.

Não se quer aqui atribuir à literatura, por meio da leitura, a condição de redentora da sociedade global. Entretanto, a compreensão de uma leitura literária que leve em conta o meio e o momento do homem na sociedade atual, bem como o processo de massificação inerente a ele, encontra relevância no espaço da discussão por ora evidenciada, não como utopia, mas como uma possibilidade concreta. A consciência das dificuldades de se propor a realização de uma literatura e de uma leitura independentes das interferências das ações dominadoras do capitalismo em todas as suas esferas globais, impulsionam este trabalho, porém acreditamos que uma leitura crítica mediada pelo professor pode não só garantir a sobrevivência da literatura, como também transformá-la em mais um instrumento significativo na construção de identidades independentes, afetivas, humanas e conscientes de si mesmas, do mundo e do outro no universo da globalização. Desse modo, considerando a importância da leitura nessas circunstâncias, é que se faz importante ampliar o entendimento das práticas e experiências que se denominam leitura.

Normalmente o conceito de leitura é dado pela simples capacidade do leitor em decodificar sinais gráficos. A leitura, no entanto, abrange um processo bem mais amplo do que a mera decodificação de significantes em significados.

Segundo Maria Helena Martins, a leitura é um processo que acompanha as pessoas desde o nascimento, pois se aprende a ler não lendo, do modo comumente conhecido, mas sim vivendo. Mesmo antes de aprender a falar, a criança já faz escolhas. Essas escolhas são possíveis pelo processo de seleção elaborado por ela a partir de sua “leitura de mundo”. Quando a criança decide de quem gostar, ao perceber quem pode alimentá-la, quem pode protegê-la, está usando, incoscientemente, processos de leitura. A partir disso, pode se afirmar que, ler é dar sentido às coisas, é saber relacionar-se com lógica dentro do cotidiano. No trecho a seguir pode-se confirmar o pensamento postulado por Maria Helena Martins a respeito da leitura:

Na verdade o leitor pré-existe a descoberta do significado das palavras escritas; foi se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante. (MARTINS, 1994:17)

Leitura em sentido geral é, portanto, um processo de vivência, de observação, de relação e de aprendizagem realizados pelo interesse do leitor. Assim a leitura é determinada por elementos internos ou subjetivos e por elementos externos ou objetivos. Ou seja, há que considerar, nesse processo, tanto os lados sensitivos e sensoriais-emotivos do indivíduo, quanto as questões externas a ele, isto é, os estímulos dos meios sociais, culturais e políticos do contexto no qual está inserido.

A magia possibilitada pela leitura e a transcendência do espaço real para o espaço da imaginação, realizado pelo leitor do texto literário, confirmam-se nas palavras de Sartre, ao se referir à leitura da literatura realizada pelo crítico.

Mas ele ainda pode entrar em sua biblioteca, apanhar um livro na estante e abri-lo. Do livro escapa um leve odor de porão, e tem início então estranha operação que ele decidiu chamar de leitura. Por um lado é uma possessão; empresta-se o corpo aos mortos para que possam viver. Por outro lado, é um contato com o além. De fato, o livro não é um objeto, tampouco um ato, nem sequer um pensamento: escrito por um morto acerca de coisas mortas, não fala de nada que nos interessa diretamente; entregue a si mesmo ele se encarquilha e desmorona, não restam mais que manchas de tinta sobre o papel embolorado, e quando o crítico reanima essas, transformando-as em letras e palavras, estas lhe falam de paixões que ele não sente, de cólera sem objeto, de temores e esperanças defuntas. (grifo nosso) (SARTRE, 1993:24)

A leitura para esse leitor representa não só um processo de acolhimento, mas também, uma suspensão da realidade. Na viagem que a leitura lhe possibilita, o leitor insere-se no mundo fictício, criando, imaginando, torcendo, sofrendo, enfim, participando ativamente dos acontecimentos desse universo. A importância dessa abstração do mundo para a ficção é que ao retornar à realidade, a vida fará mais sentido e terá um novo sabor.

No processo de vivência da criação literária, a partir da leitura, dá-se uma desconstrução, na medida em que há uma desestabilização das verdades históricas, sociais e individuais culturalmente constituídas. Assim, pode-se afirmar que é nesse processo de recriação que a literatura nos permite ver além do visível e, muitas vezes, além de nossa própria vontade: ler um texto literário é vivenciar novas experiências e expectativas.

O autor do texto literário não tem como puro objetivo despertar as experiências de vida de quem lê, mas, principalmente, suscitar nova consciência no leitor. Esse fator desencadeado pela experiência da leitura pode possibilitar a transformação na maneira de pensar e agir do indivíduo, pois na mesma proporção que se desconstruem ideologias, verdades estabelecidas ao longo da vida, pela leitura, acontece também uma recriação nas formas de perceber e sentir o mundo.

Além de reforçar a idéia de transposição de universos pela leitura, Sartre ressalta a importância da leitura para a literatura: o livro, suporte material, só passa a configurar-se enquanto obra de arte a partir de sua leitura. Caso não se realize a leitura de um texto literário, sua existência enquanto arte de valor próprio estará comprometida. A concretização da literatura enquanto obra de arte na consciência do leitor é também uma questão amplamente defendida pelos teóricos da estética da recepção. Essa concretização se dá pela interação entre texto e leitor.

Iser concebe o processo de leitura como interação: um tipo de comunicação entre o texto e o leitor. Por se tratar de um ato de comunicação, do mesmo modo que o leitor é controlado pela existência e os limites do texto, não é um receptor passivo de uma mensagem nele contida. Por meio do preenchimento dos espaços vazios contidos nas estruturas textuais, o leitor é também participante ativo da construção dessa significação.

Os espaços vazios são constitutivos da obra literária; são lacunas, furos que permitem a manifestação pessoal do leitor. São esses espaços vazios os responsáveis pela diferenciação da produção estética literária das produções puramente comerciais; eles circunscrevem à literatura o fato de ela não ser explícita, óbvia. Desse modo, serão os furos contidos no texto literário que irão exigir um processo de leitura situado além da função pura de decodificação

realizada pelo leitor. Qualquer sentido atribuído ao texto acontecerá a partir dessa intervenção, no momento da leitura.

Segundo a teoria interacionista de Iser, a leitura da literatura deve ser compreendida então como uma atividade que cobra do leitor o dialogismo, isto é, a capacidade de intervir na constituição de sentidos da obra. Por isso, é característica da verdadeira literatura a multiplicidade de sentidos, ou seja, a plurissignificação. O texto literário não é dado, não tem o mesmo sentido para todos os leitores, ele não é moldado e padronizado como quer a indústria da cultura, isto porque, “A obra de arte pode apoderar-se da platéia não através da identificação passiva, mas através de um apelo que requeira ação e decisão” (FISCHER, 1983:15).

A interação pode ser definida como uma relação de respeito estabelecida entre o texto e o leitor no processo de leitura. Nesse processo, necessariamente, um deve tomar consciência da existência do outro, ou seja, o leitor não pode extrapolar os limites concedidos pelo texto, e nem o texto pode determinar esta ou aquela construção de sentidos para o leitor. O processo interativo é, necessariamente, um processo dirigido pela subjetividade de quem lê.

Para que haja a interação entre o texto e o leitor, no entanto, é fundamental a entrega do leitor ao prazer no ato da leitura. Então, para a existência de uma leitura interativa, é necessária a disposição de ler e não a obrigação de ler³².

Ao promover a discussão acerca da desvalorização do consumo literário, enquanto elemento capaz de ascender a imaginação e o pensamento crítico do leitor, no contexto social de unificação e ‘descultura’ promovidos pela globalização, Leyla Perrone-Moisés propõe a seguinte reflexão: “Já que a literatura implica a existência de leitores, sua sobrevivência como arte da linguagem e atividade provida de valor próprio, depende muito de sua manutenção nos currículos escolares.” (1998: 190)

Reconhecendo a importância das instituições escolares para a permanência da literatura, a autora questiona o tratamento dado à literatura, particularmente nas universidades. Segundo ela, os currículos universitários têm confinado os estudos literários a espaços restritos e estreitos, isto porque numa sociedade que prima pelo capital e privilegia uma lógica racional e utilitarista, a literatura se configura, também nos meios acadêmicos, como um saber inútil e improdutivo com ares de perfumaria.

As ações desenvolvidas nas instituições acadêmico-universitárias, em relação à literatura e às humanidades em geral, analisadas por Leyla Perrone-Moisés, se fazem sentir em

³² Justificam-se assim uma reflexão em torno das práticas de leitura da literatura, pensando no principal espaço onde essas práticas se realizam: a escola.

toda a rede de ensino³³ que lida com o monumento literário enquanto proposta curricular. Isso leva-nos a afirmar que qualquer estudo, pesquisa ou análise a respeito da leitura da literatura deve considerar também, e principalmente, o espaço da escola, bem como as práticas que nela se desenvolvem. Nesse sentido, não só corroboramos o pensamento de Leyla Perrone ao considerar a escola um instrumento de revitalização da literatura nesse contexto, como também acreditamos que, pela mediação consciente da escola, o texto literário pode tornar-se um instrumento significativo na construção de sujeitos mais conscientes, críticos, embebidos dos valores éticos, humanos e sociais, gradualmente afastados de nossas relações ou de nosso convívio contemporâneo. Por fim, num universo globalizante que age sempre em favor da massificação e da unificação dos indivíduos, a escola e a leitura dentro dela devem ser entendidas como ambiente favorável à formação de homens plurais.

De posse dessa compreensão, neste capítulo, procuraremos realizar uma reflexão³⁴ voltada para a leitura da literatura num contexto social de pós-modernidade globalizada, em que a escola, particularmente a escola pública, é o objeto das atenções.

3.2-Literatura, leitura e escola: uma retrospectiva histórica

Ao afirmar que

Dada as condições de desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação, e, portanto ao livro. A grande massa da população, sem condições para estudar, sempre aderiu aos meios diretos de comunicação, que não exigem educação formal para sua recepção. (SILVA, E., 2002:37)

Ezequiel Theodoro da Silva reafirma ser a escola o espaço primeiro de desenvolvimento da leitura no Brasil. Das suas palavras pode-se depreender que, em nosso país, o acesso ao livro e, portanto, à leitura sempre esteve condicionado à educação formal, ou seja, à escolarização do indivíduo.

³³ Nesse sentido, acreditamos que, embora direcionado ao debate acadêmico-universitário, o pensamento desenvolvido pela autora acerca da literatura nos círculos da pós-modernidade, além de poder estender-se a outras modalidades de ensino, reforça o entendimento de que a formação de leitores e a conseqüente permanência e valorização da literatura nos novos tempos mantém uma relação estreita com a escola.

³⁴ Nesse sentido, concepções de autores como: Paulo Freire, Ezequiel Theodoro da Silva, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, entre outros, a partir desse momento, serão âncoras da discussão que hora se evidencia. Estabelecer o diálogo entre esses autores e aqueles discutidos nos capítulos anteriores deste trabalho constitui-se em outra de nossas intenções.

Em se tratando da leitura literária, temos a compreensão de que limitá-la ao espaço escolar é torná-la estéril: o caráter transgressor da literatura ultrapassa qualquer idéia de estreitamento. Por isso, não é nossa intenção aniquilar as demais possibilidades de vivenciar a arte literária. Há a clareza, entretanto, de que para grande parte da população brasileira, o contato com a obra artístico-literária só ocorre efetivamente em âmbito escolar, e muitas vezes, somente no ensino médio quando ela passa a fazer parte do currículo. Nesse sentido, pensar a leitura da literatura no Brasil é, principalmente, pensá-la enquanto componente curricular das instituições de ensino médio.

Devido à ausência de uma tradição de leitura no âmbito da sociedade local, a escola tem sido uma das principais instituições responsáveis por difundir a literatura nos meios sociais. Pode-se perceber, entretanto, que o caráter de saber institucionalizado atribuído à arte literária, tem dificultado a vivência do texto literário enquanto algo preenchido pelo prazer, pela fruição ou pela criticidade, em suma, a tríade literatura leitura e escola, segundo o constatado em vários estudos sobre o assunto, vem, quase sempre, descaracterizando a relação esperada entre o leitor e texto literário.

A respeito da literatura enquanto matéria integrada ao currículo escolar no Brasil, Letícia Malard em seu livro, *Ensino e Literatura no 2º Grau: problemas e perspectivas*, (1985) faz uma importante retrospectiva histórica analisando e comentando os modelos e práticas de ensino da literatura responsáveis por (des)caracterizar a leitura do texto literário nas escolas brasileiras desde que essa modalidade artística passou a integrar os currículos escolares³⁵. Segundo Letícia Malard, o ensino de literatura é o mais antigo do Brasil e desde o início esteve associado à escola. Trazida para o país pelos padres jesuítas, foi por eles usada com a finalidade de promover a catequização dos povos do Novo Mundo. Inicialmente o sistema escolar brasileiro era centrado em dois pólos, um voltado para a informação de noções básicas de leitura, escrita e matemática, e o outro voltado para o ensino da Religião e das letras. Numa análise do percurso da literatura enquanto modalidade de ensino no currículo das escolas brasileiras pode se destacar, como uma de suas principais características, o distanciamento tanto da realidade social, quanto da prática de leitura.

Os estudos literários desenvolvidos nos colégios jesuítas privilegiavam os textos clássicos gregos e latinos. Os escritos eram lidos para serem decorados e declamados. Os modelos do bem falar e do bem escrever representados pelos autores, deveriam ser imitados

³⁵ Considerando a importância do percurso histórico para a compreensão do que hoje ocorre no ensino de literatura nas escolas brasileiras é que as reflexões a seguir estão amparadas no contingente de informações fornecidas pela autora e na obra em questão.

pelos leitores. Assim como o conteúdo moral expresso nesses textos, as belezas do mundo antigo, era outro aspecto neles supervalorizado. A literatura era então, tratada como adorno da memória capaz de remeter o leitor a um mundo extinto que nada tinha a ver com o contexto político-econômico do Brasil Colônia. O contato com o texto literário, nesses termos, em vez de propiciar uma visão mais crítica e consciente do mundo em que o indivíduo estava inserido, permitia-lhe, ao contrário, afastar-se dos problemas sociais de seu tempo.

Somente no final do século XIX, com a Reforma de Benjamin Constant, a Literatura Brasileira foi institucionalizada como disciplina a fazer parte do currículo escolar brasileiro. Embora os textos da literatura nacional estivessem mais próximos de nossa realidade, mais uma vez os elementos privilegiados no ensino dessa matéria contribuíam para distanciá-la da realidade dos discentes. Com a Reforma, os elementos estilísticos tais como: metáforas, hipérboles, metonímias, passaram a ser o centro da atenção nos estudos literários. Se, por um lado, o ensino de literatura era totalmente biográfico, cabendo aos estudantes decorar listas de autores e suas respectivas obras, por outro, mais uma vez, pôde se perceber o ensino de literatura dissociado da prática da leitura. A literatura era ensinada como algo a ser aprendido e não a ser lido.

A prática distanciada da educação literária em relação aos fatores sociais e da prática de leitura parece ser algo a permanecer entre as características do ensino de literatura nas escolas brasileiras. Na década de cinquenta do século passado, quando a educação literária foi concebida como “belas-letas”, o ensino de literatura, mais uma vez, manteve-se isolado do mundo. Além da erudição, nessa nova orientação, os autores eram concebidos como seres iluminados e intocáveis e, enquanto isso, as experiências de leitura continuavam relegadas a um plano inferior.

Nos anos sessenta, outra maneira de conduzir o ensino de literatura pôde ser observada. O modelo pautado na memorização de autores e obras, bem como a supervalorização deles, é substituído pelo método francês de interpretação, uma perspectiva de ensino que valorizava a profundidade das análises do texto literário. “Nessas análises, a imaginação do professor voava longe, quase sempre muito além dos horizontes até onde os colegiais enxergavam o poema.” (MALARD,1985:10). Por não possuir uma vasta experiência de leituras que lhe desse condições de realizar tais interpretações, ao aluno restava a função de espectador das interpretações realizadas pelo professor. O texto era tratado como um labirinto a ser percorrido e desvendado pelo aluno-leitor.

Tal modelo de ensino apresenta o texto literário enquanto uma armadilha a ser desvendada pelo estudante. Esse modelo acaba por cristalizar no imaginário do aluno a idéia

de que a literatura além de inútil, era uma matéria destinada a alguns poucos iluminados, como os professores, por exemplo, únicos seres capazes de entendê-la e apreendê-la³⁶.

Nessa reconstituição dos caminhos percorridos pela ação pedagógica no ensino de literatura no Brasil realizada por Letícia Malard, depreende-se que, embora a literatura tenha sido efetivamente parte integrante da história da educação brasileira, as propostas curriculares a respeito da compreensão dos métodos e práticas em torno dela, na medida em que a dissociaram da realidade e também do ato de leitura, acabaram por transformá-la numa prática desinteressante e sem nenhuma utilidade para a vida do estudante.³⁷

As mais recentes orientações acerca da prática de leitura em sala de aula estão contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O modelo de ensino adotado pelos PCNs segue as recomendações do artigo 210 da Constituição Federal de 1988. O documento decide fixar conteúdos mínimos para o ensino básico em todo o país. Tal decisão teve por finalidade assegurar uma formação comum em relação aos valores artísticos e culturais, nacionais e regionais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais surgem então, em 1998, para se cumprir os desdobramentos legais instituídos pela Constituição Federal.

Teoricamente, o trabalho de leitura nas escolas, hoje, é norteado pelas propostas apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os princípios orientadores dos PCNs estão, basicamente, estruturados no ato de ler. Tal orientação se estende a todas as áreas do conhecimento assim definidas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Na proposta curricular apresentada pelos PCNs, os objetivos e teorias contemplam, de modo singular, a questão da leitura. Talvez possa se afirmar que se trata do documento

³⁶ Ainda há, reconhecidamente, uma prática de ensino nas escolas que apresentam o texto literário para o aluno como sendo uma armadilha em que a aprovação ou a reprovação está condicionada ao desvelar dessas armadilhas.

³⁷ Num artigo intitulado Reinventando as Humanidades, Sérgio Paulo Ruanet elabora uma reflexão interessante a respeito do ensino beletrista no Brasil, para ele essa pedagogia mais “preocupada com a crase que com a crise” realmente não fazia nenhum sentido para quem aprendia. Isso acabou por favorecer ao Regime Militar na medida em que possibilitou a implantação de um modelo de educação preocupado em formar técnicos e não cidadãos capazes de pensarem, refletirem e questionarem o momento que viviam. Ruanet ressalta que a retirada ou o desprestígio conferido às disciplinas das áreas humanas contribuíram e muito para a instauração desse modelo de ensino reacionário. Pra ele isso só ocorreu por que essas disciplinas, entre as quais a literatura, do modo como são trabalhadas na escola, estão totalmente dissociada da realidade social dos estudantes. A prática pedagógica no ensino das humanidades(...) não leva o sujeito a pensar a dialetizar o mundo em que vive. Por isso salienta a necessidade da retomada das humanidades nos currículos escolares brasileiros em outras bases, sem o pragmatismo ou isolamento da vida, ou seja, um ensino que leve o estudante a pensar criticar e construir uma sociedade, um profissional e um homem melhor. Desse modo sugere a necessidade das ciências humanas reinventadas.

mais completo e mais próximo das pesquisas e teorias científicas produzidas até o momento, em termos de leitura, nas universidades e instituições acadêmicas de modo geral³⁸.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram implementados com a finalidade de promover mudanças nas estruturas do ensino brasileiro, com vistas a favorecer avanços na produtividade nacional. Seguindo uma tendência do modelo educacional adotado pelos chamados países emergentes, as propostas de mudanças contidas nos PCNs visam muito mais a integrar o sistema educacional local às novas exigências do panorama mundial de globalização, que propriamente, transformações efetivas no campo pedagógico-social-ideológico das instituições de ensino do país (SILVA, J., 2004). Talvez, por isso, os princípios norteadores de seu discurso, que se pautam na formação de um cidadão crítico capaz de interagir socialmente, ainda não se efetivaram enquanto prática pedagógica concreta em âmbito escolar, principalmente na escola pública.

Um dos grandes avanços contidos nos PCNs podem se configurar na substituição dos conteúdos programáticos pelas competências e habilidades. A escola segundo essa nova perspectiva deixa de ser um espaço de transmissão de conhecimentos a recebedores passivos para tornar-se um ambiente formador de sujeitos em condições de perceber, relacionar e selecionar as informações recebidas, usando-as então, para se posicionar com lógica dentro das situações cotidianas. Segundo as próprias considerações contidas no bojo do programa do ensino médio, “Os PCNs do Ensino Médio buscam dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização, e evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade.”(1999: 12). Porém, na prática usual, essa orientação tem se configurado na compreensão de que os valores de uma boa educação se pautam na capacidade de formar pessoas com competências e habilidades necessárias para pensarem e resolverem com lógica, eficiência e agilidade as questões cotidianas do mundo pós-moderno, e assim, inserir os indivíduos no processo produtivo.

Tratada nesses moldes, a escola passou à condição de formadora de pessoas capazes de se inserirem no e agilizarem o novo modelo produtivo, ou seja, em vez de formar cidadãos, críticos, conscientes, preocupados com as questões político-sociais de nosso tempo, tem, mais uma vez, servido ao propósito de formar técnicos para suprir as demandas de um novo processo produtivo. Tal modelo de educação acaba postergando o homem à condição de

³⁸ AS orientações do currículo da Educação Básica do ensino médio das escolas públicas do DF lançado em 2000, segue as orientações dos PCNs. Nele é possível observar que as competências habilidades e procedimentos a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa, nas três séries do ensino médio contemplam de modo expressivo a leitura de textos literários. Os procedimentos metodológicos são inteiramente voltados para a leitura em geral e, principalmente, para a leitura de expressões artístico-culturais.

mercadoria a ser produzida e moldada de acordo com a necessidade do mercado, favorecendo, acima de tudo, a estrutura capitalista, pois, na medida em que cria mão de obra especializada para agilizar e garantir o processo produtivo de bens de consumo em conformidade com a demanda dos mercados globais, assegura a permanência das estruturas sociais.

A escola, nesse contexto, deixa de ser um espaço verdadeiro de discussão, reflexão e compreensão do mundo humano e social para tornar-se um espaço de treinamento de pessoas cada vez mais capazes, hábeis e competentes e, cada vez menos sensíveis e, conseqüentemente, menos envolvidas com as causas políticas humanas e sociais de seu tempo. A escola pública por sua vez apresenta dificuldade inclusive para a formação desse indivíduo ágil, competente e produtivo.

Convivendo com problemas e conflitos primários e seculares, a escola pública se vê impossibilitada de desenvolver plenamente as propostas de avanço contidas nos discursos das novas propostas curriculares. Na verdade, o modo como os PCNs foram implementados, tem contribuído significativamente para que as propostas de avanço, neles contidas, não se efetivem no âmbito da escola pública. Os PCNs foram implementados sem que houvesse mudanças ou se observasse a verdadeira situação e as possibilidades reais da escola pública no que refere, entre outros fatores, ao treinamento de pessoal, aos espaços e ao material didático apropriados. A realidade sócio-econômica dos estudantes da escola pública foi um outro fator ignorado no processo inserção dessas propostas.

A indiferença para com a situação real do sistema público de ensino no momento de implementação dos PCNs³⁹, acabou por favorecer a uma parcela mínima da sociedade pertencentes às classes sociais privilegiadas, as quais têm acesso às instituições de ensino criadas para atender e manter tais privilégios. Essas instituições, por sua vez, têm condições de desenvolver com maior tranquilidade as propostas contidas no instrumento que rege a educação brasileira nos tempos atuais: os PCNs. A partir dessas reflexões, pode se dizer que a maneira como os PCNs chegaram até às instituições de ensino públicas acentuou ainda mais as diferenças entre as escolas destinadas aos ricos e a escola do povo.

Tal constatação permite-nos a afirmação de que o discurso que estimula a formação de seres mais humanos e conscientes de si mesmo e do outro dentro desse contexto não condiz com a própria situação em que os PCNs foram implementados. A educação não só reflete a

³⁹ As próprias imagens de alunos em laboratórios, bibliotecas, quadras de esportes etc., trazidas no interior do livro dos PCNs referentes ao ensino médio, destoam completamente das realidades espaciais e materiais das escolas públicas de modo geral.

divisão de classes, mas é também - da forma como se encontra estruturada - um elemento de divisão e manutenção das diferenças sociais.

Assim, com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a leitura vive um momento paradoxal na escola, pois, embora sua presença no currículo escolar jamais tenha sido tão bem formulada e apresentada, o contexto no qual as propostas foram implementadas e os próprios objetivos que visam alcançar não favorecem e nem estimulam uma prática de leitura pautada nos referenciais de formação de um sujeito desalienado e reconhecedor dos valores éticos-político-sociais, como faz parecer o discurso que permeia os PCNs.

Nesse cenário, acreditamos que não havendo uma intervenção político-ideológica efetiva nos modos de pensar as atividades de leitura em sala de aula, a leitura literária enquanto elemento efetivo de promoção do pensamento crítico e subjetivo tende a se afastar mais uma vez do exercício pedagógico e, conseqüentemente, da vida dos estudantes⁴⁰, como vimos acontecer desde que passou a fazer parte do currículo escolar.

3.3-O leitor do ensino médio

A escolha do ensino médio teve como justificativa o fato de ser nessa modalidade de ensino que a literatura está oficialmente colocada como disciplina. Portanto, quer queira ou não, a literatura estará presente nas salas de aula nesse período de escolarização do indivíduo, o que nem sempre acontece nas demais séries, já que nelas a presença da literatura é, na maioria das vezes, opção do professor. Nessas circunstâncias, procurar entender como essa modalidade artística está sendo trabalhada nos círculos escolares e as conseqüências desse trabalho para a vida, tanto do sujeito, quanto da literatura, no contexto de globalização foi o que impulsionou o nosso trabalho.

Sabemos que a sociedade do consumo, das imagens e da velocidade aliada a outros fatores característicos da sociedade local, tais como o analfabetismo, a falta de condições para a aquisição de livros e, principalmente, a ausência de uma tradição de leitura, são fatores que em nada favorecem a permanência da literatura no mundo atual, por isso, a compreensão de ser a instituição escolar indispensável ao exercício de se pensar a relação estabelecida entre o homem e a literatura no meio social global. Acreditamos que numa sociedade onde não há

⁴⁰ A partir dessa compreensão e da consciência de que, assim como ocorre no restante do país, o Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal segue de modo bastante fiel as orientações teóricas e pedagógicas presentes nos PCNs, tentar-se-a desenvolver uma análise em torno da leitura da literatura tendo como recorte as práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula do Ensino Médio das Escolas Públicas do Distrito Federal.

tradição de leitura e menos ainda da literatura, a maioria da população só tem contato com a obra literária por intermédio da escola e muitas vezes, somente no ensino médio, quando esta modalidade artística, mesmo que associada aos estudos da Língua Portuguesa, passa a ser parte obrigatória do currículo.

Além da leitura enquanto obrigação para se cumprirem metas estabelecidas pela grade curricular, o ensino de literatura nos cursos secundaristas, se depara com várias outras questões as quais contribuem para reafirmar o distanciamento do aluno em relação ao texto literário. Entre os diversos problemas, alguns deles são merecedores de maior atenção.

O primeiro diz respeito à trajetória do aluno enquanto leitor. Segundo dados estatísticos realizados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica em 2003, 55,4% os alunos concluem as séries iniciais incapazes de ler no nível de decodificação simples dos códigos lingüísticos, limitando-se assim à compreensão apenas de frases simples. O mesmo exame detectou que 26,8% dos alunos chegam em condições idênticas à 8ª série.

Além de uma boa parcela dos alunos que ingressam no ensino médio ainda não ter sanado os problemas referentes à alfabetização, conforme destaca a pesquisa, as experiências com o texto literário nessa trajetória, nem sempre contribui para a formação de leitores apreciadores da literatura. O que se tem observado é que as atividades de leitura desenvolvidas no ensino fundamental, somente em raras exceções, têm contribuído para a formação de leitores aptos a receberem de modo tranquilo as leituras propostas no ensino médio.

Na maioria das vezes, as experiências de leituras desenvolvidas nas séries que antecedem ao ensino médio restringem-se a outras modalidades de leitura. O contato dos alunos de 5ª a 8ª séries com o texto literário limita-se, quase sempre, aos trechos contidos nos livros didáticos; quando não acontece assim, as obras escolhidas nessas séries são de fácil entendimento e, normalmente, trabalham com uma linguagem e com representações de realidades muito próximas do cotidiano dos educandos.

Desse modo, ao ingressar no ensino médio, o aluno não é um leitor maduro capaz de vivenciar de forma interativa as experiências de leituras exigidas nos cursos secundaristas, quase sempre, centradas nos clássicos da Literatura Brasileira. Nesse sentido, as dificuldades demonstradas com o manuseio de uma linguagem mais complexa ou o distanciamento da realidade histórica e social representada nos textos, dificultam o preenchimento dos vazios contidos na obra e, portanto, a concretização de sentidos na consciência do aluno-leitor não se realiza efetivamente.

Essa falta de preparo para realizar uma leitura interativa promove, inevitavelmente, a rejeição dos alunos em relação às atividades de leitura da literatura nesse momento de escolarização.

O outro aspecto diz respeito à faixa etária ocupada pelos alunos desse período escolar. Os estudantes frequentadores do ensino médio são jovens, adolescentes, prestes a assumirem sua condição de cidadão, de trabalhador, de pai, mãe, sua sexualidade, enfim, prestes a se responsabilizarem por seus papéis sociais e condutas individuais. Por isso, tornam-se, inevitavelmente, interesse dos meios de comunicação.

3.4-Formando leitores, construindo identidades

A construção e reconstrução das identidades no contexto de massificação promovidas pelo processo de globalização é outra questão que tem permeado o debate em torno do tema. Rosa Maria Bueno, num ensaio intitulado “Mídia e a Produção de Sentidos: A Adolescência em Discurso” (apud. SILVA, H., 2001:424), observa que o número de programas televisivos, anúncios e reportagens direcionadas aos jovens têm aumentado sensivelmente nos últimos anos. Conforme o constatado pela pesquisa apresentada por Bueno, para o estudo da questão, Marisa Lajolo, contribui ao alertar para o fato de que a noção de juventude e de adolescência já chega ao Brasil atrelada à idéia do consumo. Nas suas palavras,

não foi muito antes dos anos cinquenta que chegou ao Brasil a idéia de que a juventude (adolescência) constitui faixa etária determinada, com comportamentos, hábitos, sentimentos e problemas específicos, distintos dos problemas, hábitos, sentimentos e comportamentos de criança e de adulto. A argamassa mais visível a cimentar tal identidade foram os hábitos de consumo que, com a cultura de massa dos anos cinquenta, aqui desembarcaram essa noção de juventude. (grifo nosso) (LAJOLO, 2002:27)

O pensamento da autora parece confirmar a hipótese de que a condição de seres em formação e transformação faz dos adolescentes alvos prediletos dos meios de comunicação de massa. Com a finalidade de formar consumidores diversos para as diferentes mercadorias produzidas pelos mercados globais, as mídias de maneira incisiva, interferem diretamente na construção dessas novas identidades, direcionando o processo de identificação dos jovens e, simultaneamente, promovendo a massificação e o distanciamento deles dos valores ético-culturais os quais compõem a subjetividade humana.

Nesse sentido, torna-se condição imprescindível da escola refletir acerca dos modos pelos quais esses adolescentes têm recebido as informações transmitidas diariamente pelos

meios comunicacionais, em especial a televisão⁴¹, seguramente, o meio de comunicação de maior acesso dos frequentadores das salas de aula do ensino público.

Acerca da relevância da escola no processo de formação das identidades Pierre Bourdieu diz que

Até então atribuída somente à palavra do pai ou da mãe, depositários da vontade e da autoridade de todo o grupo familiar, a instituição do herdeiro e o efeito de destino que ela exerce competem hoje também à escola, cujos julgamentos e cujas sanções podem confirmar os da família, mas também contrariá-los ou opor-se a eles, e contribuem de forma absolutamente decisiva para a construção da subjetividade. O que explica sem dúvida o fato de encontrarmos tão freqüentemente a escola na origem do sofrimento das pessoas interrogadas, decepcionadas ou com seu próprio projeto ou com os projetos que haviam feito para seus descendentes, ou então pelos desmentidos infligidos pelo mercado de trabalho às promessas e às garantias da escola. (1997: 8)

A escola é para Bourdieu, uma espécie de campo social onde se modela o *Habitus*⁴². A partir do pensamento defendido por ele é possível afirmar ser condição primeira da escola nos novos tempos, colocar-se também no lugar de aprendiz, disposta a refletir e a dialetizar. Abandonar a postura de detentora das verdades, que tanto caracterizou a prática pedagógica ao longo da história deve constituir-se numa preocupação dos atores educacionais.

Além disso, mais do que nunca, a escola precisa abandonar a função pura e simples de repassar conhecimentos, uma vez que na globalização o indivíduo se vê rodeado de informações em tempo integral. À escola, nesse contexto, cabe à função de fazer os alunos tornarem-se agentes na construção de seus saberes. Em vez de simplesmente acatarem os saberes já constituídos, ‘enlatados’ e prontos para o consumo, os indivíduos deverão ser educados para tornar-se sujeitos capazes de promover uma seleção crítica das informações cotidianamente recebidas.

Na globalização, os sistemas de informação tendem a manter o indivíduo informado sobre tudo, porém, de modo contraditório, ao mesmo tempo impede-o de conhecer profundamente ou analiticamente o que quer que seja.

O conhecimento proposto pelas tecnologias da informação é, quase sempre, superficial e tem por finalidade, na maioria das vezes, fazer a pessoa acreditar que sabe, que é informado e que participa da vida e das decisões do mundo. Porém, o acúmulo de informações

⁴¹ Saber como os discursos contidos nas mensagens apelativas têm interferido na construção dos valores, afetivos, éticos, culturais enfim na formação subjetiva dos estudantes há de ser outra preocupação daqueles que lidam com a educação pública na contemporaneidade.

⁴² O termo *habitus*, cunhado por Bourdieu, descende do pensamento aristotélico. Enquanto Aristóteles entendia esse conceito como o ato de subordinar o próprio bem ao bem dos outros, Pierre Bourdieu o revitaliza, entendendo por *habitus* uma estrutura da personalidade. Para ele, o *habitus* tem um eixo no indivíduo é, portanto, individual e diferenciador de outras práticas sociais..

fragmentadas e superficiais oferecidas ao público transformam o indivíduo em espectador comum, impossibilitado tanto de selecionar as informações relevantes, quanto de analisá-las, refleti-las ou se posicionar diante delas. O excesso de informações fragmentadas e rasas, em vez da ação, leva ao senso comum e à paralisia.

Não há sinais de que as novas tecnologias da comunicação estejam contribuindo para a troca de informações culturais consistentes e significativas; o que se vê é uma proliferação de dados superficiais, relativos a todas as áreas e todas as culturas, embalados em invólucros vendáveis e perecíveis na memória dos usuários. (...) A informação “cultural” é consumida como qualquer outra e, mais do que nunca, dependente de modas efêmeras criadas pelo mercado. (MOISÈS, 1998: 204)

A emancipação do sujeito nas sociedades do capital global só pode ocorrer a partir da superação da alienação. Para isso, no entanto, faz-se necessária a consciência por parte do indivíduo de que vive em um mundo, como em nenhum outro momento da história, dominado pela mercadoria. Somente a partir da constatação da situação verdadeira na qual se encontra, é que o homem poderá intervir na sua realidade para contrapor-se a ela.

Por ser a contradição fundamento para a emancipação, é que o processo emancipatório pressupõe conhecimento, mas não o conhecimento pelo conhecimento, e sim o conhecimento que lhe permita realizar uma leitura crítica e consciente do mundo em que vive, bem como dos papéis e estatutos sociais-políticos-econômicos a ele destinados nesse meio. Somente a partir desse conhecimento é que o sujeito poderá definir seus limites de aceitação ou de rejeição das normas e valores já constituídos.

O saber crítico, ou seja, aquele que incita a ação e à transformação do sujeito que o recebe, é possível por meio da profundidade do conhecimento adquirido pela pesquisa sistematizada; só o conhecimento adquirido nesses termos leva o indivíduo a enxergar as diversas possibilidades e as contradições que envolvem o mundo e os homens de nosso tempo, ou seja, enxergar a si mesmo como sujeito das próprias ações e decisões.

Partindo do pensamento postulado por Ezequiel Theodoro da Silva, é possível reafirmar que,

o conhecimento constitui o esteio sobre o qual ganhamos consciência dos fenômenos que ocorrem na sociedade, sabendo localizar as suas determinações e origens ou raízes primeiras. É importante dizer ainda que este conhecimento de que falamos não é opinativo, mas sim o de natureza epistemológica ou científica. E esse tipo de conhecimento resulta da pesquisa e da reflexão sistemática sobre a realidade é, o mais das vezes, expresso e circula em sociedade através da linguagem escrita (impressa ou virtual). (grifo nosso) (SILVA, E., 2003: 46)

Considerando as condições financeiras e instrucionais das famílias dos alunos frequentadores das salas de aulas das escolas públicas em geral, é possível suscitar a hipótese de que, apesar do conhecimento ter passado à condição de produto, tornando-se um importante mecanismo de desenvolvimento econômico e tecnológico das economias locais, ainda assim, a escola continua a ser um dos poucos espaços de que dispõem os indivíduos para adquirirem esse tipo de conhecimento, ou seja, um conhecimento que os leve a reconhecer a si mesmos, o outro e a sociedade em que vivem, para nela interagir e intervir. Desse modo, a escola se configura enquanto espaço relevante de promoção da consciência desses educandos no sentido de fazê-los refutar e selecionar o contingente de informações e apelos recebidos cotidianamente.

Segundo Kathryn Woodward (2000), quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar as identidades. Segundo ela,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (...) Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem falar. (grifo nosso) (2000:17)

A partir do pensamento postulado pela autora, pode-se depreender que as representações midiáticas estão definindo o tipo de adolescente de mãe, de pai, de cidadão, enfim, que seremos. Ou seja, por ser representação, a mídia tem nos dito que tipo de sujeito seremos e como devemos ocupar essa posição-de-sujeito particular.

Mas se, por um outro lado, levar-se em conta o fato de que ser representação permite à mídia direcionar a maneira de pensar e de agir dos indivíduos, qual seria então o papel da literatura nesse contexto já que é também representação?

Está claro que mesmo sendo representação, os métodos de representar utilizados pela literatura são bem diferentes daqueles utilizados pelos meios de comunicação de massa. Por intermédio de imagens sedutoras, os meios de comunicação de massa levam o indivíduo a assumir esse ou aquele comportamento mais por um processo de alienação que propriamente por meio da escolha. Ao contrário da representação apelativa a qual induz a assunção de um determinado tipo de comportamento, a representação contida na literatura leva o leitor a uma atitude de reação e, muitas vezes, de negação de normas e convenções sociais. Jauss identifica a *katharsis*, do modo visto anteriormente no capítulo anterior, como sendo um dos principais elementos desencadeadores de tais reações no leitor.

Para Iser, os elementos responsáveis por estabelecer o ato de comunicação entre o texto e o leitor são os espaços vazios e a negação, são eles que garantem a participação ativa e constata do leitor durante o processo de leitura, isto porque com a possibilidade da negação, a leitura do texto literário exige que o ponto de vista do leitor esteja sempre em movimento, para que, no caso de um sentido já estabelecido ser negado mais adiante, o leitor vá a busca de um outro sentido. Além disso, a exigência de que haja a combinação dos sentidos no processo interativo, sugere uma leitura atenta e ativa.

Assim, se levarmos em conta mais uma vez, a teoria recepcional, podemos afirmar que diferentemente dos meios de comunicação de massa, a própria estrutura do texto literário prevê o papel vivo e ativo do leitor. Além disso, ao ler um texto literário, o leitor sente, sofre, imagina, ou seja, no momento da leitura os sentimentos que perfazem a subjetividade humana são acionados. Nesse sentido, pode se dizer que a representação postulada pelo texto literário exige do leitor uma participação pautada na sensibilidade em que a leitura seja perpassada pelas diversas linguagens das relações ou manifestações que compõem a vida humana e social, ou seja, uma leitura pautada no dialogismo.

Os efeitos provocados a partir da recepção realizada por uma leitura pautada nesses princípios é que irão garantir novas formas de percepção e de concepção do mundo pelo sujeito-leitor. Ou seja, o processo de leitura propõe a construção de identificação pautada na diatética entre o psíquico e o ideológico, entre o mundo social e o mundo individual do leitor. Na mediada em o processo dialógico entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo, desencadeado pela leitura literária, estimula a construção, desconstrução e reconstrução de valores e normas estabelecidas socialmente, permite a construção de identidades mais livres, autônomas e conscientes.

O texto poético requer um leitor que vá além da superfície, um leitor capaz de sonhar e imaginar junto ao poeta. Para tanto, o leitor precisa ir além do dito nas linhas do texto, é necessário chegar às entrelinhas, indo além, como quer Ezequiel, deve ir para “além das linhas”. Para isso, é importante que simultaneamente ao processo de leitura o leitor acione as vivências pessoais e sociais e as faça interagir com as experiências da leitura. Ou seja, a leitura da literatura exige um ato de interiorização e de exteriorização simultâneos. Nesse processo, realiza-se uma leitura do mundo e na medida em que conceitos e valores são desestabilizados, reagrupados e reconstruídos sob novas perspectiva, acredita-se que ocorre uma releitura desse mundo, bem como novas formas de percebê-lo e, portanto, de concebê-lo e estruturá-lo.

A respeito da relevância atribuída à leitura crítica realizada nesses termos, Ezequiel Theodoro da Silva diz:

Se um texto, quando trabalhado, não proporcionar o salto do leitor para o seu contexto (isto é, para a intencionalidade social que determinou o objetivo, o conteúdo e o modo de construção do texto), e mais, se o contexto do texto lido não proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa ou busca se situar, então a leitura perde a sua validade. (SILVA, E., 1988:04)

A partir dessa co-relação de leituras, o leitor poderá perceber num texto como *Vidas Secas*, por exemplo, que a figura do Soldado Amarelo, assim como as demais personagens, vai muito além da representação de um policial qualquer, ele é, na verdade, a representação da submissão opressiva na qual é submetido o homem simples, trabalhador desprovido de qualquer possibilidade de argumentação diante de seus opressores. No caso, esse homem fragilizado pela ideologia vigente é também uma outra representação possível na personagem de Fabiano. A opressão, a submissão, a exclusão social, a exploração social, o analfabetismo...são representadas no interior desse texto, mas o leitor só será capaz de perceber tais elementos se saltar do texto para o contexto como propõe Ezequiel.

É importante clarificar, no entanto, que para o leitor conseguir preencher os espaços vazios de modo a constituir sentido, capaz de fazê-lo estabelecer essa relação, é importante que o texto literário não seja totalmente alheio às vivências do leitor. Mas, ao mesmo tempo em que deve identificar-se com a realidade do leitor, a leitura de um texto deve também provocar o estranhamento no receptor, pois a literatura tem como função, além de acionar os horizontes do leitor, despertar novos horizontes em quem lê.

O social, o individual e o estético se encontram e se interligam do modo compreendido por Backthin por meio de leituras dessa natureza. Na perspectiva da enunciação backthiniana, é nesse salto do texto para o contexto que reside uma das grandes importâncias da obra literária. A liberdade de participação do leitor permite-lhe uma visão além do que está explicitado, pois a representação, do modo estabelecido no texto literário, permite o contato do leitor consigo mesmo, com o outro e com o mundo cultural e social contido nos espaços de comunicação criado pelo autor.

A partir das representações das diversas vozes - expressas pelas palavras ou pelos silêncios - que se entrecruzam no interior do romance, do conto, da crônica ou do poema, o discurso do outro se mostra, pois através do plurilingüismo os horizontes sociais se descortinam na obra literária, fornecendo ao leitor a percepção das diferenças. Partindo do pressuposto de que as identidades são construídas e reconstruídas na relação com as diferenças, como postula Tomaz Tadeu da Silva (2000), assim como a escola, o espaço

literário nela inserido pode apresentar-se enquanto espaço privilegiado de construção e reconstrução das identidades sociais e individuais no contexto da globalização.

Ao propiciar o deslocamento para os espaços de comunicação, os discursos constitutivos do texto literário possibilitam a identificação de elementos da cultura e da sociedade que representa. Assim, aplicando a própria teoria, ao analisar a obra de Rabelais, no livro *A Cultura Popular na Idade Média* (1999), mais do que procurar pela mensagem do texto, o que Bakhtin almeja, na verdade, é encontrar elementos sociais e culturais daquele período e daquela sociedade, os quais não foram registrados pela história oficial e factual, mas que podem possibilitar uma leitura mais aprofundada do mundo e da vida do homem medieval.

É pela capacidade de compreender a obra literária enquanto dinamizadora do processo de comunicação entre o texto e o leitor a partir de uma leitura ativa e participativa, levando-o a estabelecer relações da linguagem literária enquanto elemento de representação da vida social e cultural dos sujeitos sociais, estimulado-os a compreender a produção dos signos discursivos numa sociedade que usa a imagem e as mensagens em geral, como elemento de promoção do capital, é que os estudos recepcionais, bem como os estudos bakhtinianos podem contribuir significativamente para a promoção da formação de um sujeito crítico e desalienado no processo de massificação do mundo global.

Do modo já dito na análise entre literatura e sociedade realizada no capítulo anterior, a literatura pode até representar algumas ideologias, mas por ser arte, portanto, manifestação subjetiva, não tem nenhum compromisso com as ideologias ou com quaisquer outras verdades pré-estabelecidas, na verdade ela é subversora dessas ideologias. A arte é livre e promove a libertação daquele que a recebe. O conteúdo expresso nas palavras de Hilda Lontra (1991:26), é significativo para a reflexão aqui proposta, segundo ela,

A literatura, sendo essencialmente diálogo, pressupõe a capacitação de sujeitos historicamente situados em torno de um tema constante – a situação do homem no mundo. Não de um homem abstrato, idealizado, atemporal, mas de um datado, circunstanciado com seus contemporâneos, em busca da liberdade. Essa busca de liberdade, que move o ato produtor e que segue seu curso no projeto de libertação do receptor, é característica de todas as obras de arte. Mas convém destacar que esse apelo à liberdade que caracteriza a obra artística não se refere a uma abstração, a uma postura metafísica, inessencial; é um apelo para que nós nos sintamos essenciais para que possamos, livremente, ler o mundo, pronunciá-lo e dele tomar parte enquanto sujeitos. (LONTRA, 1991:26)

A capacidade de transgredir, de libertar e desalienar características da literatura fazem dela uma forte aliada tanto na função de fazer pensar o mundo e o homem, quanto na

capacidade de interferir na construção de identidades mais conscientes e humanas no contexto da globalização. Cabe reiterar, no entanto, que a literatura só poderá exercer seu papel de libertadora, desalienadora e formadora de cidadãos mais críticos e conscientes no universo da massificação passivadora proposta pelo mundo global e globalizante, se sua leitura acontecer mediante uma perspectiva crítica, em que o leitor seja instigado a relacionar suas experiências de leitura com as próprias vivências, seja no universo pessoal, seja no universo coletivo.

Como já foi explicitado em outro momento, nas sociedades permeada pelo espetáculo e pelo feitchismo da mercadoria, a produção, a circulação e o consumo dos bens artístico-culturais sofrem as ações controladoras das instituições mercadológicas, nesse sentido, é que pensamos ser a escola, através da ação pedagógica, possibilitadora de uma leitura preñe de sentidos, de criticidade, em que o aluno seja levado a perceber as intenções dos textos sociais produzidos dentro do contexto de mundo globalizado, enfim, uma leitura livre da ação alienadora, padronizada como prevê a indústria cultural.

Além disso, num contexto determinado pelo valor do dinheiro, para as pessoas desprovidas de um poder aquisitivo que lhes permita ter acesso a outros meios culturais capazes de torná-las mais atentas e conscientes dos processos de massificação, a possibilidade de uma leitura pautada na criticidade é possível de acontecer, quase que exclusivamente no ambiente escolar.

Uma vez que no Distrito Federal a grande maioria dos jovens tem acesso à escola, sobretudo a escola pública, é importante atentarmos, então, para o papel dessa instituição de ensino no meio social em que vivemos. Dessa forma, pensando no relevante papel da escola e conseqüentemente do professor no processo de intermediar a leitura da literatura nas camadas sociais economicamente menos favorecidas, é que procuramos desenvolver nossa pesquisa e nossas reflexões.

OS OLHARES DO PROFESSOR E DO ALUNO DO DISTRITO FEDERAL SOBRE A LEITURA DA LITERATURA NA ESCOLA

Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido algum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.

Marisa Lajolo

4.1- Procedimentos metodológicos

A necessidade da pesquisa surgiu no momento em que optamos por proceder a uma análise da realidade da leitura da literatura na escola pública de ensino médio. Embora pudesse dispor das experiências enquanto docente nesse espaço e nessa modalidade de ensino, bem como das bibliografias teóricas as quais poderiam ter fornecido os dados de que necessitava para desenvolver o debate em torno do assunto, ainda assim senti a necessidade⁴³ de buscar o contato com a escola, com os alunos e com os professores.

O objetivo da pesquisa, inicialmente, foi verificar como o ensino de leitura da literatura se processava nas escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal. Por acreditar que a educação transformadora só acontece a partir do comprometimento político-ideológico daqueles que participam do processo de ensino, sobretudo o professor, procurou-se também, contemplar outro dos objetivos propostos: verificar se há, por parte do professor, uma

⁴³ A intenção de procurar por meio direto as informações referentes à pesquisa foi motivada por diversas razões, entre as quais se destacam duas. A primeira diz respeito à compreensão de que se faz urgente o estabelecimento do diálogo entre escola e universidade, pois tanto a escola necessita da pesquisa universitária para ampliar, melhorar e fundamentar sua prática, quanto a universidade necessita dessa prática enquanto meio de avaliar, aprofundar e promover novas reflexões. Entendemos a universidade enquanto um espaço de circulação, construção e reconstrução do pensamento teórico. A validade dessa teoria, no entanto, está no uso que dela se fará além dos círculos restritos da academia. Acreditamos, dessa maneira, que aliando o teórico ao prático estamos dando um passo nessa direção. Pois como bem salientou Ezequiel Teodoro da Silva “ se a gente não for às escolas de 1.º e 2.º graus, os professores de lá nunca virão até nós!”(1979:37).A segunda tem a ver com o fato de que sendo professora e lidando cotidianamente com a prática de leitura em sala de aula, não gostaria de colocar em debate uma visão unilateral. É importante esclarecer, no entanto, que embora tenha visto na pesquisa uma forma menos passional de refletir acerca do processo de ensino de literatura, é evidente que nesta análise o olhar da professora e da pesquisadora por diversos momentos se entrecruzam.A partir dessas perspectivas em relação ao trabalho de pesquisa, procurou-se registrar, nessa empreitada, o olhar e os anseios dos professores e dos alunos acerca das atividades de leitura da literatura realizadas nas escolas.

preocupação político social no que diz respeito a uma posição ideológica frente à globalização, ao ensinar literatura.

Tal inquietação se justifica pelo fato de não ser possível conceber a escola como um lugar isolado do mundo e das transformações que nele acontecem. A escola não só é parte do mundo, como também é ferramenta necessária para modificá-lo e melhorá-lo.

Ezequiel Theodoro da Silva (2003-a) salienta que o capitalismo neoliberal tende a nos repassar uma falsa idéia dos motivos da pobreza e da miséria, das divisões de classes e, principalmente, da dimensão política do trabalho, segundo ele, caso os professores não tenham um posicionamento político e ideológico que os faça ver criticamente tais questões, tendem a reduzir o social/coletivo ao individual. Desse modo, incapazes de refletir politicamente a respeito dos problemas que se lhes afiguram, irão responsabilizar unicamente o aluno pelos fracassos da educação.

Em outro momento, Paulo Freire ilustrou bem a questão ao afirmar que o opressor tem o poder de criar e sustentar alguns mitos, os quais reforçam a idéia de que o fracasso é de responsabilidade do sujeito fracassado. Esses mitos acabam sendo reificados, transformando em verdades absolutas se não forem questionados e refutados. “O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a empresários”(1987:137), reflete bem aquilo que esse estudioso critica e aponta como formas de dominação do opressor em relação ao sujeito oprimido.

Ampliando o debate quanto à necessidade do posicionamento político do professor ao trabalhar a leitura em sala de aula no contexto social de globalização,⁴⁴ apropriamo-nos, mais uma vez, do pensamento de Ezequiel Theodoro da Silva, pois acerca do assunto apresenta uma análise que pode bem explicitar a relevância da questão. Ele inicia sua reflexão afirmando que “ser político no âmbito do magistério é ser um bom professor”. (2003-a:54) e continua:

estou afirmando que ser político é antes de tudo, ensinar bem aquilo que tenho por responsabilidade ensinar, disseminando valores, desenvolvendo posturas críticas e produzindo conhecimentos que façam os estudantes compreender as dinâmicas da vida e da natureza. E ao longo de nossas vivências docentes, nunca esquecer que há uma relação dialética entre educação, política e poder. Ou seja, que os conhecimentos desenvolvidos pelos processos educacionais nunca estão desvinculados de interesses políticos e que os interesses políticos estão intrinsecamente voltados ao exercício do poder na comunidade.

O professor político ou politizado tem que elaborar e ofertar aos seus alunos um “projeto para o conjunto da sociedade.” (grifo nosso) (2003-a:55)

⁴⁴ É importante não confundir posicionamento político e ideológico, com a questão política partidária. Tal ressalva se faz necessária por ser o partidarismo político algo muito presente nas escolas do DF.

Do pensamento do autor depreende-se que somente a partir do posicionamento político e ideológico que o professor tem do mundo social global é que poderá propor uma educação que permita ao sujeito perceber em que mundo vive, pois é a partir da obtenção desse conhecimento que o indivíduo poderá posicionar-se enquanto sujeito de suas ações e decisões, ou seja, poderá intervir e interagir nas estruturas sociais da qual faz parte.

Amparados por essa compreensão, com a intenção de colher os dados necessários para atingir os objetivos propostos, criou-se um instrumento de coleta de dados direcionados a professores e um outro direcionado aos alunos da rede pública do ensino médio do Distrito Federal. Em função do tempo estipulado para a conclusão da pesquisa e acatando sugestões da banca de defesa do projeto a qual percebia, de maneira acertada, a necessidade de reduzirmos os objetos de estudos, optamos por realizar um levantamento de dados por amostragem. Assim, foram escolhidos como informantes professores e alunos do terceiro ciclo⁴⁵, isto porque os alunos dessa série trariam consigo, supostamente, maior bagagem do processo de escolarização básica, portanto, a partir dessas vivências estariam mais aptos e maduros para discorrer a respeito do assunto proposto. Entre as demais séries, os alunos do terceiro ciclo, segundo uma lógica conclusiva, seriam os grandes “beneficiários” do processo de leitura na escola.

Após o conhecimento prévio da divisão geo-educacional do Distrito Federal, selecionamos as Diretorias Regionais de Ensino de nosso interesse; essas, por sua vez, nos indicaram as escolas onde funciona o ensino médio e onde poderíamos efetuar as entrevistas. A escolha das regiões e das escolas de atuação obedeceram aos seguintes critérios: primeiro procuramos regionais que *a priori* pensávamos que poderiam apresentar características diferenciadas em relação à realidade sócio-econômica dos alunos freqüentadores. Nesse sentido, o segundo passo foi procurar informantes em Centros de Ensino de Regionais como Plano Piloto e Sobradinho que, supostamente, apresentariam um poder aquisitivo maior, ou Taguatinga, com um nível intermediário e cidades como Ceilândia, Recanto das Emas e Samambaia, as quais acreditávamos atender aos alunos com poder econômico bem menor que os demais.

⁴⁵ É certo que o material conseguido a partir das entrevistas não totaliza a prática pedagógica do DF, por isso não há a intenção de elaborar uma radiografia do ensino de literatura nas escolas públicas do DF, mas principalmente suscitar o debate e a reflexão em torno de questões colocadas pelos informantes, as quais caracterizam de modo abrangente a prática pedagógica no que diz respeito ao ensino/leitura/literatura na sociedade local dentro de um contexto de globalização.

Verificamos que, devido à possibilidade de mobilidade de uma cidade para a outra, os alunos se deslocam com certa facilidade das cidades satélites para o centro com a finalidade de procurar melhores condições de ensino. Por haver uma crença na qualidade do ensino oferecido pelas escolas situadas nos centros, habitacionais como as do Plano Piloto, por exemplo, o que se observa é que boa parte dos alunos matriculados em escolas desta regional são oriundos de outras cidades satélites, como é o caso do Setor Leste, por exemplo. Além de estar situada no centro da cidade, o que facilita o acesso, é também uma escola presente no imaginário das pessoas a partir de uma idéia da tradição, quando no passado apresentava altos índices em termos de aprovação em vestibulares e na formação de grandes profissionais. Essa nostalgia em relação à escola pôde ser observada em momentos das conversas com os entrevistados.

As conversas que acabaram sendo anotadas, inicialmente não faziam parte da metodologia⁴⁶ da pesquisa. Elas aconteciam mais como uma maneira de me aproximar do entrevistado. Não havia no início nenhuma intenção de extrair desses diálogos elementos a serem analisados. Contudo, no desenrolar do trabalho, percebi que detalhes significativos da visão dos entrevistados a respeito da prática pedagógica no ensino de literatura eram colocados de maneira espontânea durante as conversas. Dessa forma, passei a pedir, principalmente aos alunos, para falarem livremente acerca das experiências de leitura na escola. Assim, a pesquisa⁴⁷, antes vista como um instrumento puro e simples de coleta de dados, acabou por se transformar numa experiência além de prazerosa, bastante rica e da qual pude recolher não somente dados, mas também pequenas-grandes impressões que, em vários momentos, dizem muito a respeito do assunto.

A partir dos diálogos com professores e alunos a respeito do ensino de leitura pude observar o quanto os mesmos associam a prática da leitura na escola, ou a falta dela, à existência e à atuação da biblioteca. Nesse sentido, sempre que possível procuramos ouvir os

⁴⁶ As anotações das entrevistas orais passaram a ocorrer após o primeiro contato com professores e alunos, realizado no CEM 10 de Ceilândia. Após essa entrevista construí um diário de campo em que passei a registrar, o mais fielmente possível, as falas e reações dos entrevistados. Em três escolas, em função do tempo, tivemos que suprimir as entrevistas orais. Acreditamos que teríamos conseguido um resultado melhor se as entrevistas orais pudessem ter sido gravadas. Mas, alguns dirigentes de escolas e ou regionais contestaram o uso de gravadores, durante as entrevistas especialmente com alunos. O motivo apresentado foi a idade dos estudantes, a grande maioria ainda menor de idade.

⁴⁷ Embora se tratasse de uma pesquisa rigorosamente científica, com métodos e objetivos previamente identificados, a rigidez de propósitos não fez parte de nossa prática. Durante o processo de coleta de dados, os rumos traçados para o cumprimento desse trabalho foram alterados ou complementados, com a intenção de ampliar o debate. Por não querer limitar ou tolher as possibilidades de discussão, permitimo-nos ser guiados pelo desejo de aprofundar nossa análise e, muitas vezes, deixamo-nos ser conduzidos simplesmente pela curiosidade e satisfação proporcionadas pelos diálogos durante as entrevistas.

funcionários, normalmente professores readaptados, atuantes nas bibliotecas das escolas visitadas⁴⁸.

Nessa caminhada, muitos dos conceitos e argumentos já estabelecidos, tiveram que ser revistos e reavaliados sob novos ângulos. Pude também compreender o quanto desconhecemos dos anseios dos nossos alunos, quando acreditamos conhecê-los como ninguém, e mais ainda: pude perceber, do modo dito por Paulo Freire,(1996:42), o quanto “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”. A necessidade de estarmos pensando e reavaliando constantemente nossas ações enquanto professores e mediadores da leitura na escola, torna-se algo evidente. Para isso, no entanto, é importante conhecermos profundamente as realidades sociais, econômicas e emocionais dos alunos, ou seja, é importante que tenhamos consciência de que o estudante é um ser humano na sua totalidade, dono de uma história de vida social e individual capaz de se manifestar nas maneiras de agir, pensar, perceber e conhecer e que, portanto, não pode ser desprezada pelo professor no processo educativo.

Em seu livro *A Poética do Espaço*, Gaston Bachelard (2003) diz que o lugar em que moramos, diz muito a nosso respeito. A disposição dos objetos, os cheiros e os próprios objetos revelam nossos gostos, anseios e muito de nossa história pessoal. Lendo a casa somos capazes de ler os que nela habitam; essa leitura, entretanto, só é possível se mediada pela sensibilidade. Diz ele que vê melhor quem vê, ouve ou conhece por meio da sensação e não aquele que conhece somente pela razão.

Seguindo as orientações de Bachelard, no período que durou a investigação, além dos dados concretos, lançamos mão da sensibilidade como uma significativa ferramenta para observar, ouvir, contemplar, admirar, enfim, para conhecer melhor os que nela habitam e o modo como as práticas nela se realizam. Por ser a escola a morada da educação, bem como daqueles que dela participam, através de pequenos detalhes, gestos, e até a atmosfera nela presente, durante as visitas, pude ler muitos dos sonhos, vontades, esperanças e angústia de seus moradores. Com o trabalho de pesquisa podemos conhecer de modo significativo a “casa” isto porque podemos ir além da “sala de visitas”.

4.2- Entrevistando professores

⁴⁸No decorrer do trabalho não utilizaremos o termo bibliotecária, uma vez que na Secretaria de Educação a maioria expressiva dos profissionais que atuam nas bibliotecas são professores. Constatamos que normalmente são professores impossibilitados de atuarem em sala de aula por problemas de saúde, sendo assim deslocados para as bibliotecas.

Muitos são aqueles que contribuem para a consolidação do processo educativo nas escolas. Uma educação de qualidade só existe efetivamente quando todos os segmentos envolvidos no processo pedagógico trabalham nessa direção. Reconhecer a necessidade e a importância de todos no funcionamento das estruturas de ensino é tarefa imprescindível e necessária ao pesquisador. A concretização do projeto pedagógico pelo qual todos são responsáveis, só se efetiva, entretanto, na relação aluno *versus* professor. Esse entendimento levou-nos a direcionar o foco de atenção para o que aqui se considera o eixo centralizador da discussão em torno do ensino nas escolas brasileiras: o professor e o aluno.

Segundo Ezequiel Theodoro da Silva (2002), embora o mundo das novas tecnologias seja uma realidade, a principal fonte de pesquisa em sala de aula nas escolas brasileiras ainda são os documentos escritos. Dentro dessa realidade, o professor torna-se o responsável direto pela orientação de leituras no Brasil. Por não haver uma tradição de leitura nas escolas do país, é possível afirmar com certa segurança, que a leitura do texto literário em âmbito escolar é uma responsabilidade destinada exclusivamente ao professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Desse modo, pensando na importância desse docente enquanto mediador⁴⁹ entre o texto e o aluno-leitor é que direcionamos nossas dúvidas, atenções e questionamentos aos professores dessa disciplina.

Após as entrevistas e os diálogos com os alunos, tornou-se possível perceber ser o professor a maior referência que o estudante tem da escola. As experiências de leituras, na escola, estão diretamente associadas ao professor. Em nenhum momento os alunos informantes dissociaram as suas experiências, felizes ou infelizes, da atuação do professor. Mesmo quando não atribuem o gosto pela leitura às interferências da escola - o que acontece com certa frequência⁵⁰ - diante da solicitação para que falassem a respeito das melhores vivências com o texto literário, inevitavelmente os alunos relacionam essas experiências com um período de sua escolaridade e com o professor desse período. Muitas vezes, são incapazes

⁴⁹ É importante que se entenda o professor mediador de leitura não como o crítico do século XIX, descrito por Iser. O processo de mediação entre o texto e o público, realizada pelo crítico desse período, tinha como função principal buscar as intenções de sentido desejadas pelo autor; assim, cabia ao crítico repassar suas descobertas ao público leitor que, por sua vez, acatava e constituía os sentidos da obra pautada nessa intervenção feita pelo crítico. Ao considerar as diversas possibilidades de sentido do texto literário, Iser afirma que essa prática limitava a pluralidade do texto bem como desconsiderava os horizontes do leitor. Ao professor mediador, no sentido que entendemos, cabe à função de propor, acompanhar e estimular a leitura, bem como promover a concretização da mesma por meio da interação entre o texto e o leitor, respeitando e acatando as várias possibilidades de interpretação, desde que estejam amparadas pelas estruturas textuais.

⁵⁰ Tivemos a curiosidade de indagar aos alunos, os quais percebíamos com maior experiência de leitura, se esse gosto pela leitura literária tinha sido estimulado pela escola, com certa frequência dizem ter sido influenciados por algum membro da família amante da leitura.

de lembrar das leituras propostas no momento, mas não apresentam dificuldade em listar com precisão os detalhes de leituras realizadas com um determinado professor em uma série passada.

Outro aspecto revelador da influência do docente sobre o aluno pôde ser observado durante as conversas com os estudantes: o entusiasmo ou a apatia, que os alunos demonstram ao referirem-se à literatura, são traços possíveis de serem identificados também nas vozes de seus respectivos professores. Assim, podemos constatar que embora “os governantes vêm há décadas, desprezando o que há de mais nobre em educação: a dignidade do professor”, (SILVA, E., 2003-a:23) não há como se pensar em qualidade de ensino sem a figura digna e atuante desse profissional.

Onze escolas foram visitadas. Com exceção do CEM 10, da Ceilândia, onde três professores nos concederam informações, em cada uma foi entrevistado um professor atuante nas terceiras séries do ensino médio. O professor do CEM 123, de Samambaia, e CEM 101, do Recanto das Emas, é a mesma pessoa; portanto, estaremos analisando as informações concedidas por um total de 12 professores.

O instrumento de coleta de dados utilizado para recolher as informações (anexo) continha dez questões. Por intermédio desses itens, tentou-se contemplar alguns aspectos os quais podem se considerar relevantes na discussão a respeito do ensino de literatura na escola pública. Assim, procuramos situar em torno de quatro eixos temáticos as questões direcionadas aos professores:

1-A metodologia

2-A tecnologia como instrumento metodológico

3-A literatura e o vestibular: uma discussão sobre a influência do PAS/UnB no ensino de literatura no DF.

4- O professor leitor uma reflexão sobre a formação do professor de Língua Portuguesa.

4.2.1- A metodologia no ensino de literatura

Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, na obra *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*(1993) identificam cinco métodos voltados para uma concepção de ensino possibilitadora da formação de sujeitos críticos em relação ao mundo social, quais sejam: o método científico, o método criativo, o método recepcional, o método comunicacional e o método semiológico. Uma maior compreensão do que consiste cada um

deles faz-se necessária para reiterarmos a importância de se estabelecer a utilização de um método no ensino de literatura:

1-*O método científico* - Estruturado a partir do método hipotético dedutivo, compreende as seguintes etapas da pesquisa, a) definição do problema; b) a formulação de hipóteses; c) justificativa da pesquisa; d) coleta de dados; e) tratamento analítico; f) conclusão. No ensino de literatura, consiste em propor situações desafiadoras aos estudantes de modo que se sintam estimulados para a investigação e raciocínio na resolução dos problemas. As propostas de trabalhos inseridas no método científico partem da realidade social e cultural dos alunos, bem como de seus interesses e necessidades.

2-*O método criativo* - Associado às práticas artísticas, o método criativo não visa ao conhecimento do existente, mas a exploração do que existe para a criação de algo novo. No ensino de literatura pressupõe a compreensão de três fatores constituintes: o sujeito criador, o processo de criação e por fim, o contexto histórico e cultural tanto do criador, quanto do objeto em criação onde estão situados. O método criativo prevê uma sala de aula em efervescência em que o aluno seja solicitado constantemente a postar-se criticamente ante a realidade de modo a propor condições para transformá-la na sociedade que imagina ou idealiza.

3- *O método recepcional* – Pautado na Estética da Recepção, o método recepcional trabalha com o horizonte de expectativa do leitor. Ao utilizar esse método no ensino de literatura, é importante que o professor compreenda a partir de que realidade os horizontes dos estudantes foram construídos para então propor a leitura de textos literários capazes de estabelecer o processo comunicativo entre o texto e o leitor de modo a ampliar os horizontes dos alunos. Para que os horizontes sejam ampliados é importante que haja a fusão dos horizontes do leitor e do autor, para tanto, é importante que o texto não seja óbvio, não solicitando ao leitor uma participação ativa; nem seja completamente alheio à realidade do leitor de modo que impeça o processo de comunicação.

4-*O método comunicacional* – Amparado na teoria da comunicação de Roman Jakobson, entende a organização das estruturas da língua enquanto modelo de descrição do fazer e do pensar humano. No ensino de literatura consiste em levar o estudante a: a) reconhecer os diferentes textos como elementos de comunicação social, b) reconhecer as regras de comunicação enquanto elementos de organização da atuação dos indivíduos em sociedade, c) saber reconhecer textos literários e não literários, d) estabelecer relações entre o texto literário com o conteúdo social, de modo a refletir acerca da vida social e cultural.

5- *O método semiológico* – Formulado a partir dos pressupostos teóricos bakhtinianos os quais se desenvolvem centrados na compreensão da linguagem enquanto produto social. No

ensino de literatura o método semiológico propõe a importância dos trabalhos realizados com leitura da literatura em sala de aula, fazerem emergir as diferenças sociais a partir de atividades voltadas para os horizontes sociais da linguagem, em que se valorize não somente a mensagem, mas o lugar de fala de cada um daqueles que participam do processo comunicativo. O trabalho pedagógico desenvolvido dentro da perspectiva semiológica deverá levar o aluno aos seguintes pontos de vista: a) percepção dos diversos tipos textuais que permeiam a vida social, b) percepção das intenções ideológicas na produção dos signos, c) percepção dos instrumentos utilizados na produção dos signos, bem como quem e porque os produzem e d) perceber as diversas intenções contidas nos textos produzidos na sociedade.

De posse da compreensão dos diversos métodos apresentados pelas autoras, a primeira e a segunda pergunta do instrumento de coleta de dados destinaram-se assim, ao levantamento de dados referentes às metodologias usadas pelos professores entrevistados no ensino literatura.

Acreditamos que a adoção de ações pautadas mais na epistemologia e menos no empirismo, faz-se urgente no ensino de literatura. Se tomarmos como referência o dito por Ezequiel Theodoro da Silva, de que não existe uma prática sistematizada no que se refere à orientação de leitura em sala de aula, pois os professores adotam ou indicam livros ao acaso (2002); nesse sentido, é que acreditamos na necessidade da utilização de um método. Pode-se afirmar ser a metodologia um caminho ordenado e sistematizado para se chegar a um objetivo. Assim, nossa primeira indagação dirigida aos docentes foi: “Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?” Dos doze professores entrevistados, foram obtidas as seguintes respostas:

Sempre-----1 - Com frequência-----2
 Às vezes-----7 - Nunca-----1

Vale ressaltar que alguns professores questionaram a palavra “padronização”; segundo eles, o termo sugere a utilização sistêmica de um mesmo método, o que não ocorre, já que os procedimentos metodológicos variam de acordo com o conteúdo, com a turma ou com o texto a ser trabalhado.

Essa primeira questão foi desdobrada em dois itens A e B. No item A o professor deveria listar os procedimentos por ele adotados e no item B ele deveria informar os passos desses procedimentos.

A partir dos desdobramentos A e B tornou-se possível perceber que os professores em geral não se referem à adoção de um método específico, porém pelas respostas obtidas, é possível perceber a utilização de vários procedimentos relativos aos processos metodológicos formulados por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar. Constatamos, por exemplo, que, de modo geral, aproximando-se talvez do método criativo, procuram relacionar suas práticas pedagógicas, no ensino de literatura, a outras modalidades artísticas. Atividades como debates, encenações, vídeo, seminários aparecem com certa frequência nas respostas dos professores. Mas por outro lado, percebemos que não há uma sistematização dos métodos ou dos procedimentos.

A utilização dos métodos de ensino de literatura, do modo como definem Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, exige, do professor uma compreensão teórica dos procedimentos. É importante também traçar metas, caminhos e etapas para serem percorridos, enfim, o docente deve ter claro para si quais são os objetivos do trabalho que está realizando com seus alunos. Utilizar um método, no ensino de literatura é, proceder a uma ação ordenada, construída com a finalidade de tornar a leitura mais compreensível e prazerosa para o leitor de modo a levá-lo a saltar do texto lido para o contexto vivido. Vale ressaltar ainda que, todo e qualquer método usado pelo professor não pode se desprender do objetivo principal do ensino de literatura: a leitura da obra literária.

Parece ser possível perceber que a utilização desses recursos nas salas de aula consiste, muitas vezes, em testar experiências para tornar as aulas mais interessantes e assim despertar de algum modo o interesse dos alunos, tirá-los da apatia e do embotamento habitual. Segundo pesquisa realizada por Tania Zagury e apresentada pela *Revista Veja* de 5 de abril de 2006, depois da disciplina, motivar os alunos constitui-se na maior preocupação dos professores na atualidade. A necessidade dos docentes em encontrar caminhos que motivem os alunos para a leitura é algo que se evidencia, também aqui no DF, tanto nas respostas obtidas por meio do questionário, quanto nas conversas com os professores.

Pensando, talvez, nessa busca pela motivação, pelo interesse do aluno é que Marisa Lajolo sugere uma reflexão acerca do conceito de motivação, segundo ela,

Talvez não se tenha refletido ainda o bastante sobre alguns traços que modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimiram à educação, principalmente ao ensino de literatura. Nesse sentido, urge discutir, por exemplo, o conceito de *motivação*, porque é em nome dele que a obra literária pode ser completamente desfigurada na prática escolar. Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma ou outra personagem, dramatizar textos e similares atividades que manuais escolares propõem, é periférico ao ato de leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede (grifo nosso) (LAJOLO 2002:15).

A partir das palavras dessa autora, reiteramos a importância de nos atentarmos para o fato de que na ânsia de fazer o aluno interessar-se pela aula, ou seja, na tentativa de prender a atenção dele, nossas práticas não sejam deturpadas e acabem por comprometer o caráter estético literário da obra em questão. A importância dessa preocupação em despertar o interesse dos alunos e em tornar as aulas mais interessantes é inquestionável, porém faz-se necessária a atenção no sentido de que algumas práticas devem ser usadas enquanto forma de enriquecer, melhorar, estimular ou ampliar a prática de leitura, mas não em substituição dela, como em muitos casos tem se observado. A compreensão de que o texto literário só será efetivamente importante se vivenciado pela leitura deve fazer parte de toda e qualquer proposta metodológica que vise ao trabalho com a literatura.

Quando se fala em processo de leitura no mundo global é necessário atentarmos para o fato de que os novos leitores vivenciam o texto literário de modo mais dinâmico, isto é, pensar a atividade de leitura nos novos tempos não é tão somente pensá-la a partir do isolamento, de solidão, já que os espaços de leitura tanto podem ser os bancos dos ônibus, quanto as filas dos bancos, a internet ou mesmo os engarrafamentos de trânsito; por isso a preocupação em dinamizar o processo de leitura utilizando técnicas ou suportes diferenciados com a finalidade de envolver o aluno-leitor são de grande relevância, desde que a utilização desses meios seja previamente pensada e tenha um objetivo a ser alcançado, e que a leitura, sob todos os aspectos, seja mantida.

A relação texto e contexto trata-se de outro fator freqüente na fala dos entrevistados. Isso permite-nos dizer ser possível visualizar, por parte do professor, a consciência no sentido de perceber a importância de uma aproximação das atividades de sala de aula com as vivências dos alunos, conforme sugerem, praticamente todos os métodos formulados para o ensino de literatura. Nesse sentido, o ensino de literatura nas escolas, segundo o percebido, já é visto pelo professor dentro de uma perspectiva de maior proximidade e de relação com os fatores sociais.

Apesar da relevância dessa ação pedagógica para o ensino de literatura, é importante, contudo, atentarmos-nos, mais uma vez para a noção de contextualização do literário, pois, na medida em que lida com o mundo das idéias, a literatura extrapola uma relação pura e simples do texto com o contexto. Por isso, qualquer tentativa de aprisionar o texto dentro de uma relação ou comparação com algo de nosso tempo pode resultar na limitação do mesmo. Nesse sentido, o professor deve estar aberto às diversas possibilidades de interpretação, tendo em

vista que a polifonia, o plurilingüismo, a pluralidade de sentidos, enfim, são características da linguagem poética.

Embora seja visível uma mudança na forma de conceber o ensino de literatura por parte dos docentes, podemos perceber que uma metodologia que entende o texto literário enquanto fonte de conhecimentos e de onde se podem extrair informações precisas, continua a fazer parte das aulas de muitos docentes. Por ser trabalhada com a finalidade de se ensinar algo a alguém, a leitura da literatura está notadamente relacionada e direcionada às outras disciplinas, seja para os ensinamentos gramaticais, seja para os estudos históricos, biográficos e tenuamente sociológicos, os quais privilegiam estudos voltados para os períodos literários, para a vida e obra dos autores etc.

Além de ser possível observar esse procedimento nas respostas dos professores, ao confrontar as palavras dos docentes com as respostas dos alunos, a metodologia voltada para história da literatura em detrimento da leitura é evidenciada. Quando solicitados a citarem os textos lidos durante o ensino médio, vários alunos escrevem os nomes de períodos literários ou de autores e não conseguem se lembrar ou falar das obras, do texto em si, ou seja, da experiência de leitura propriamente dita.

Numa pesquisa acerca do ensino de literatura nas escolas brasileiras e inglesas, Cyana Leahy-Dios (2000:35), conclui que a literatura emerge do triângulo arte, estudos sócio-culturais e estudos da língua, e no Brasil esse triângulo se apóia no lado sócio-cultural, seguindo métodos positivistas. Assim, na fala dos professores informantes, pode-se perceber que, embora possam ser observados avanços significativos no que diz respeito à questão só, texto e contexto aqui no DF, assim como nas escolas brasileiras de modo geral, a literatura ainda é trabalhada com perspectivas semelhantes às de séculos passados quando eram priorizados os aspectos formais, históricos e biográficos da obra, colocando o aluno-leitor num plano secundário. Desse modo, pode se dizer que a literatura ainda continua sendo trabalhada nas escolas públicas do DF sob a perspectiva do **aprender**, e não do **ler**. Em vários momentos podemos perceber que os próprios alunos tendem a compreender o contato com o texto literário, nesse período escolar, mais como uma forma de aprendizagem da historiografia literária e menos com a leitura.

É certo que por meio da literatura podemos adquirir vários conhecimentos, contudo, a utilização do texto literário enquanto suporte de conhecimentos e aprendizagens diversas é outro método de ensino que tem contribuído para a descaracterização da leitura literária, pois na medida em que o texto é lido visando à aprendizagem, essa leitura é inevitavelmente transformada em objeto de avaliação.

Segundo Letícia Malard, a “Literatura adianta-se à ciência, de certa maneira, pela colocação de questões que só posteriormente foram ou serão dadas como científicas”. (1985:18). Nesse sentido é possível afirmar ser verdade que a literatura traz consigo uma gama de saberes, como bem postula Roland Barthes (1978:18), para quem, “se todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. Porém, os saberes contidos na literatura não podem ser avaliados e cobrados dos alunos como se fosse uma fórmula matemática, possível de serem extraídos do texto com a mesma facilidade com que se soma ou se subtrai matematicamente algo para se chegar a um resultado qualquer. O modo pelo qual os saberes se presentificam na literatura estão também muito bem representados pelo pensamento de Roland Barthes:

a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é preciso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizado: a literatura trabalha nos interstícios da ciência ... (1978:18) (*sic*)

O entendimento de que a literatura deve proporcionar um saber exato, além de contrariar os princípios do texto literário, tem associado o ensino desta disciplina às práticas avaliativas. Além de permitir um controle maior do aluno por parte do professor, as avaliações têm sido usadas, normalmente, como forma de medir os conhecimentos adquiridos pelos alunos durante a leitura. A relação que se faz entre leitura e avaliação constitui-se num dos aspectos mais criticados por Paulo Freire (1998). Segundo ele, o caráter avaliativo do texto literário, sustentado pela prática de ensino em âmbito escolar, transforma a leitura em um martírio para o aluno, tornando-se “verdadeiras “lições de leitura”, no sentido mais tradicional desta expressão” (1998:16).

Apesar do grande número de estudos que comprovam os estragos causados pela prática avaliativa da leitura literária, ela ainda faz parte da metodologia utilizada por uma parte significativa de docentes. Porém, vale ressaltar que em outras questões do instrumento de coleta de dados a consciência dos docentes entrevistados em relação a tais aspectos se manifesta de modo a questionar a leitura enquanto objeto de avaliação ou de obrigação é o que explicita as palavras do entrevistado: “Em geral o aluno não gosta muito de ler, entretanto muitas vezes o faz por obrigação, com a intenção de obter uma nota... Desta forma procuro criar métodos mais interessantes para que tenha o interesse de ler.”

4.2.2- A tecnologia como instrumento metodológico

Embora vivamos na era da comunicação, o uso da tecnologia nas salas de aula da escola pública parece algo totalmente utópico e distante da realidade. Num contexto marcado pela escassez total de recursos de todas as espécies, onde se convive muitas vezes, com a ausência de papel e giz, a utilização da tecnologia enquanto recurso pedagógico pode parecer algo fora de propósitos.

Além das condições precárias de recursos materiais, a realidade social e econômica dos alunos nem sempre permite o acesso a computadores ou à Internet. As pesquisas mais atuais nos revelam que “no Brasil, são poucos os que têm acesso aos computadores e às linguagens virtuais da informática. Reportagem recente mostra que “os usuários de internet devem chegar a 12 milhões no final deste ano” (SILVA, E., 2003-a: 61). Embora exista estudos mostrando que no Distrito Federal a qualidade de vida dos habitantes está acima da realidade do país, podemos perceber que o acesso a computadores entre os alunos das escolas públicas ainda é privilégio de uma minoria. Tal constatação nos leva a afirmar que o uso da tecnologia nas sociedades periféricas do mundo globalizado está se tornando um instrumento de divisão de classes

Já que a possibilidade de acesso aos meios de comunicação na sociedade do capital global está limitada pela condição econômica do indivíduo, pode se dizer então que a tecnologia da informação é um instrumento a mais de reforço à exclusão social. E as consequências disso se fazem sentir de modo visível em países como o Brasil, onde o acesso aos meios informacionais como a Internet, está restrito a uma parcela mínima da população. Apesar disso, tomemos como referência, as palavras de Umberto Eco:

E, francamente, não acredito que a humanidade toda vá usar a Internet. A rede vai acabar criando novas formas de divisão de classes. As classes não serão mais baseadas em dinheiro, mas sim em quem tem acesso à informação.⁵¹ Teremos aqueles que vão acessar, manipular e interagir, aqueles que usarão a rede apenas passivamente e aqueles que serão excluídos, os proletários. Quando a divisão de classes se fazia de acordo com a riqueza, era difícil dizer para milhões de pessoas pobres “vou dar milhões de dólares e vocês enriquecerão”. Agora seria mais fácil dar às pessoas analfabetas acesso gratuito à Internet.

(...) Por meio da educação cada criança no mundo deve ter acesso à Internet. Se elas não tiverem dinheiro para comprar um computador, pelo menos devem ter espaços públicos onde possam acessar a rede. (grifo nosso) (ECO, apud. FREIRE, F.2003:85-86)

⁵¹ Embora o pensamento de Umberto Eco corrobore de modo geral com a reflexão proposta, acreditamos que em países como o Brasil, por exemplo, as divisões de classes ainda estão ligadas às questões econômicas, principalmente se atentarmos para o fato de que aqui o acesso a informação e a própria educação ainda é delimitado pela questão financeira.

O que torna as palavras de Umberto Eco, entre outros fatores, importantes nessa discussão é o fato de apontar-nos a escola como a direção possível para fim ou diminuição das segregações sociais ampliadas com uso da Internet; Indo de encontro ao nosso pensamento, o autor propõe a compreensão do espaço escolar como um espaço público possibilitador do acesso e disseminação da informação por meio da Internet, a escola seria nesse sentido, tida como um espaço além de gerador, também, socializador do conhecimento e da informação.

Apesar das condições nada promissoras que nos afiguram a respeito do assunto, sabemos que qualquer discussão acerca da qualidade de ensino passa pela relação escola/sociedade; se vivemos numa sociedade, mais do que em qualquer outro momento, tecnológica, não podemos, em hipótese alguma, desconsiderar mais esse desafio que se interpõe na vida daqueles que lidam com a educação. Pois em uma “democracia com justiça social, espera-se que todos os indivíduos sejam devidamente preparados para a compreensão e o manejo de todas as linguagens que servem para dinamizar ou fazer circular a cultura.”(SILVA-a, E., 2003: 14).

Além disso, em se tratando especialmente do trabalho com leitura, pode se dizer que ignorar os meios tecnológicos na atualidade é, acima de tudo, desconsiderar os novos modelos de leitores e as novas modalidades de leitura que emergem na contemporaneidade. Os leitores dos novos tempos mantêm uma relação estreita com a linguagem tecnológica, especialmente com a internet, e qualquer leitura por eles desenvolvida, será perpassada por essas experiências.

Amparados pela compreensão de que a escola não pode ignorar a força exercida pelos meios informacionais nas sociedades atuais, seja como um poderoso instrumento de comunicação ou de informação, é que apresentamos a segunda questão aos professores: “Você utiliza os recursos informacionais (computador, Internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?”.

Por meio das respostas obtidas pôde-se constatar o seguinte.

- ❖ Apenas dois dos professores consultados disseram não usar esses recursos como instrumento metodológico.
- ❖ Os professores também dizem se esforçar no sentido de usar recursos como a TV escola, filmes, vídeos para dinamizar as aulas e melhorar a compreensão do aluno em relação à interpretação da leitura.
- ❖ No que se refere à Internet, parece ser um recurso usado basicamente a título de pesquisa pelo professor em busca de informações complementares

que ampliem os conhecimentos a respeito de obras e autores a serem trabalhados em sala de aula.

Em relação ao uso da tecnologia enquanto recurso pedagógico parece haver nitidamente um sentimento contraditório entre os professores. Do mesmo modo que uma de nossas informantes, parecendo dialogar com o pensamento desenvolvido por Walter Benjamin acerca dos meios técnicos enquanto instrumento de maior aproximação do público comum com a obra de arte, destacou o importante papel dos meios de comunicação para o ensino de literatura na escola, existem aqueles que os tratam de modo reticente.

Para essa primeira professora, com as novas tecnologias ocorreu uma maior popularização das obras e autores literários. A literatura tornou-se menos estranha e mais próxima dos alunos e, nesse sentido, mais fácil de ser entendida e, conseqüentemente, de ser trabalhada em sala de aula. Segundo ela, com os meios técnicos de modo geral: a tradução para o cinema de obras literárias, a Internet e a própria televisão; a instituição literatura, obras e autores deixaram de pertencer ao abstrato para inserir-se numa categoria mais real, mais concreta para as pessoas simples.

Num segundo caso estão aqueles que ficam receosos a respeito dos meios técnicos, principalmente a Internet, vista como uma vilã que acaba por facilitar e dar tudo pronto ao aluno; além disso, no que se refere à leitura do texto literário, segundo alguns professores, a leitura de resumos da obra pela Internet em substituição ao livro tem se constituído numa prática comum por parte dos estudantes⁵².

Embora saibamos, do modo já discutido anteriormente, que da mesma maneira que a tecnologia traz avanços também acarreta prejuízos no que diz respeito à aproximação do público comum com a obra de arte, sabemos sim que as mídias contribuem em muitos casos para a rejeição do literário. Mas sabemos por outro lado, que os alunos não lêem mais por falta de uma tradição ou de uma pedagogia de leitura efetiva em suas formações, do que propriamente pela interferência dos meios tecnológicos, haja vista o problema da falta de leitura no Brasil ser anterior à chegada da Internet, ou mesmo da televisão, entre nós. Acreditamos assim, que as palavras de Ezequiel Theodoro da Silva podem contribuir significativamente para a discussão acerca dos modos de concepção dos meios técnicos por parte dos docentes.

⁵² Acreditamos que tal procura pelos resumos é estimulada pelo tratamento dado à leitura da literatura em sala de aula, já que a obra não é trabalhada para ser vivenciada com gosto, com prazer, mas sim para fazer parte de uma avaliação, e, para esse fim, o resumo é suficiente.

Percebo um movimento de pêndulo quando são discutidas as relações entre o ensino e as aceleradas transformações que ocorrem no mundo da mídia. Ou o pêndulo fica parado em cima do tempo *passado*, com professores insistindo em utilizar procedimentos obsoletos e superados. Ou o pêndulo fica parado em cima do tempo *futuro*, com as autoridades educacionais e com uma boa parcela de professores tratando de coisas que ainda não existem. No vaivém desse pêndulo, perde-se de vista a escola do presente, a escola do hoje, professor concreto que existe e os alunos de carne e osso que estão freqüentando os bancos escolares. (SILVA, E., 2003b:18)

Do pensamento desse autor, depreende-se que o debate a respeito do uso da tecnologia em sala de aula deve ocorrer permeado pelo bom senso daqueles que participam do processo educacional. Só o equilíbrio permitirá o fim da chamada “*tecnofobia*”. A *tecnofobia* segundo Ezequiel (2003-a) é o desprezo observado por muitos professores em relação a essas tecnologias, esse sentimento é estimulado por motivos que vão desde a dificuldade de lidar tecnicamente com esses novos instrumentos, até pelo medo de os mesmos serem usados na substituição do magistério.

Além da *tecnofobia*, o uso indiscriminado dessa aparelhagem em sala de aula é outro elemento detectado e destacado pelo autor. Segundo Ezequiel Theodoro da Silva, o despreparo e a falta de programas que orientem os docentes no que diz respeito à utilização desses recursos em sala de aula aliada à comodidade por eles proporcionada, tem levado à criação, mais uma vez, de “uma educação reprodutora em que o professor deixa de ser sujeito das suas ações para simplesmente repetir coisas prontas e acabadas conforme as curtas rédeas dos livros didáticos” (2003-a: 19)

É fundamental que a educação continue sendo feita pelas palavras, pelos gestos, pela afetividade, pelo livro, mas não se pode furtar à técnica. Para que os meios informacionais possam ser trabalhados enquanto elemento de promoção da cidadania, é necessário que se entenda a existência da tecnologia na escola não como sendo um curso de informática no qual o aluno é treinado para tornar-se operador da máquina, mas principalmente enquanto mecanismo capaz de levar o estudante a ler essa nova mídia e sua relação com a sociedade, uma vez que a escola não pode continuar a existir isolada do mundo exterior.

O contexto de mundo pós-moderno permeado pela ação da tecnologia da informação exige a compreensão por parte dos docentes bem como de todos que lidam com a educação, de que a internet sugere novos paradigmas de leitura, de escrita, pois é uma outra linguagem social cuja interação demanda novas formas de comunicação.

O computador não é uma máquina de datilografar evoluída, não pode ser analisado a partir dessa compreensão, pois na medida em que se constitui numa prática social, interfere e redimensiona as formas discursivas. Apesar disso, o que temos assistido é que, por falta de

orientação técnica, mesmo nas escolas onde existem computadores à disposição dos alunos, o uso é feito de modo a instrumentalizá-los para basicamente operar a máquina.

Discutir e introduzir o uso dos aparelhos tecnológicos na metodologia de ensino, valorizando a promoção da cidadania e o desenvolvimento crítico dos discentes é algo que se impõe no contexto escolar dos novos tempos, e essa nos parece ser mais uma tarefa a ser assumida pelo professor. Temos consciência de que não é função do professor aparelhar a escola com computadores, ou mesmo possibilitar aos alunos o acesso à Internet; tais tarefas não estão ao alcance dos docentes. Porém a partir do conhecimento que se tem do mundo social em que vive, bem como da relevância da tecnologia para uma formação de qualidade no contexto atual, cabe sim ao professor, preocupado com as questões políticas e ideológicas de seu tempo no processo de ensino, iniciar e promover a discussão de maneira a cobrar dos poderes públicos medidas no sentido de se implementarem ações efetivas para sanar as distorções no que se referem à utilização da informática nas escolas públicas. Pois uma escola que se quer de qualidade, nesse contexto, não pode ignorar os meios técnicos ou a linguagem computacional em especial a Internet. Segundo Ezequiel Theodoro da Silva, a escola e os educadores de hoje não podem se furtar ou ignorar essa questão.

Não que a escola e o professor devam diminuir a importância das atividades relacionadas ao uso da linguagem verbal escrita – a internet está aí para mostrar que a escrita, agora virtual, mas ainda escrita, é o grande pulmão que movimenta a circulação de informações neste mundo. Entretanto a bem da coerência com aquilo que todos nós vivemos na sociedade brasileira atual, devemos ter consciência de que a vida ocorre e é dinamizada dentro de um mundo onde está presente a co-ocorrência e a concorrência de linguagens e de veículos extremamente potentes, inevitáveis (SILVA.E, 2003-b:19).

Além de trazer grandes contribuições para a preservação, difusão e formulação do pensamento, o uso da tecnologia em sala de aula extrapola a relação pura e simples com a aquisição de conhecimentos; visa, acima de tudo, preparar o aluno para viver e interagir numa sociedade informatizada, sendo capaz de usufruir os benefícios por ela trazidos, bem como perceber as artimanhas contidas nas mensagens diariamente recebidas.

Segundo as orientações bakhtinianas acerca da enunciação, bem como os estudos lingüísticos centrados na análise discurso, Fernanda M. P. Freire (2003: 65), faz interessantes considerações a respeito das novas formas de utilização da língua e conseqüentemente da leitura pelos usuários da Internet. Segundo ela, a internet é um sistema que caracteriza e determina as formas de comunicação das sociedades contemporâneas, sendo que esse processo de comunicação se dá pelo uso da língua escrita, uma vez que as correspondências via *imail*,

as salas de bate-papo e as próprias pesquisas contidas na internet, exigem de seus usuários o domínio tanto da escrita, quanto da leitura. Dessa forma, ela diz que os meios de comunicação usados pelo falante têm se realizado dentro de perspectiva de comunicação, mais ágil, direta, econômica e informal.

Não que a internet vá decretar o fim do livro, mas deve ser analisada como um novo e forte suporte de leitura, principalmente para as novas gerações. A partir dessas colocações cabe-nos também a seguinte reflexão: o problema a ser discutido é o suporte em que se realiza a leitura ou a ausência de uma prática de leitura entre os jovens? Acreditamos que independente do material utilizado para a leitura a nós professores cabe incentivar o aluno para ler, se a leitura será realizada por meio do computador ou do livro deve ser escolha do leitor. Não acreditamos que a leitura realizada na tela do computador seja menos importante do que a realizada nas páginas do livro. Nesse sentido, é importante atentarmos para o fato de ser a informática um instrumento metodológico de estímulo e de descoberta de novas possibilidades de uso da linguagem e de leitura no e do mundo contemporâneo.

4.2.3- A literatura e o vestibular / PAS-UnB

A terceira e a quarta questão nasceram com base nas constantes discussões que se realizam em torno da relação do ensino de literatura no ensino médio do DF com o Programa de Avaliação Seriada, desenvolvido pela Universidade de Brasília.

Sabemos que as atividades de leitura da literatura, muitas vezes, representam uma obrigação contida no conteúdo programático das aulas de Português e Literatura. De modo geral no Brasil, essa disciplina é trabalhada nas escolas de ensino médio com a finalidade de levar o aluno à aprovação no vestibular. Analisando a questão, Regina Zilberman questiona esse formato do ensino de literatura desenvolvido nas salas de aula das escolas brasileiras. Para ela,

o vestibular também determina a perspectiva com que a literatura é estudada. Privilegia a ótica histórica e evolucionista, apoiando-se na bibliografia de tipo historiográfico: enfatiza o estudo da literatura brasileira, tendo aos poucos, abandonado a literatura portuguesa, em outras décadas mais frequentes nos exames: e dá maior peso aos autores do passado sobre os do presente (ZILBERMAN apud LAGE: 1999)

Na relação do ensino de literatura com os vestibulares, o DF não é muito diferente. Porém aqui pode se dizer que há uma particularidade no que diz respeito à questão. Além de ser uma obrigação contida na grade curricular, em Brasília a literatura tem sido orientada desde a primeira até a terceira série, pelas perspectivas do PAS.

O PAS constitui-se numa das vias de acesso à Universidade de Brasília, por meio de avaliações realizadas em três etapas. As provas acontecem especificamente ao final de cada uma das séries do ensino médio.

Na medida em que os textos literários trabalhados nas salas de aula do ensino médio aqui do DF seguem, com certa frequência, a indicação do Programa de Avaliação Seriada da UnB, percebemos que a leitura do texto literário nas escolas, a partir dessa orientação, pode ser avaliada sob dois aspectos: por um lado, diz respeito ao fato de que essa presença intensificou a relação do texto literário no ensino médio com a questão do vestibular, e, dessa maneira, o caráter de leitura imposta e obrigatória parece inevitável; mas, por outro lado, é indiscutível que o programa tem interferido de modo positivo na ação pedagógica no que se refere ao trabalho com a leitura. A interdisciplinaridade pode ser citada como um dos elementos mais discutidos na atualidade nas escolas de ensino médio do DF. Acreditamos que essas reflexões foram intensificadas pela proposta interdisciplinar mantida e perseguida pelos objetivos de avaliação do PAS.

Por ser a UnB, indiscutivelmente, uma referência de ensino para quem vive na Capital Federal, a criação do PAS acabou por interferir diretamente no modo de pensar e trabalhar o texto literário nas escolas do DF. Vários estudos visando analisar a relação do PAS com o ensino de literatura em sala de aula têm demonstrado que desde a criação desse programa, há dez anos, uma concepção de ensino de literatura diferenciada vem sendo construída em Brasília.

Com a implementação do PAS, o professor se viu na obrigação de buscar alternativas que não somente os manuais do livro didático ao trabalhar a literatura, uma vez que as obras literárias sugeridas nem sempre estão presentes neles. Isto porque ao analisarmos os textos indicados para a leitura, percebemos uma preocupação em resgatar autores e obras os quais nem sempre fizeram parte do círculo canônico estabelecido. *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus sugerido para as avaliações da primeira etapa do subprograma de 2003, ou *Essa Terra de Antônio* Torres indicado também para a terceira etapa do subprograma 2003, são exemplos que podem bem ilustrar tal afirmação. Além disso, as avaliações cobram do aluno leituras críticas em que ele seja capaz de relacionar o lido com o contexto social e com outras leituras, muitas vezes, de gêneros e modalidades textuais diferenciadas. Dessa maneira, do mesmo modo que novos recursos tiveram que ser alocados, a maneira de abordar o conteúdo também teve que ser repensada, já que uma das propostas do programa centra-se na interdisciplinaridade.

Embora possa ser observada a presença da periodização da literatura nas avaliações, há visivelmente a preocupação de que o ensino de literatura seja assentado na leitura. Além da dissociação da leitura enquanto elemento centrado na memorização e na simples decodificação dos códigos lingüísticos, a valorização do diálogo com o mundo subjetivo e social do leitor no processo de leitura, torna-se uma forte presença no programa de leituras sugerido aos alunos. A exemplo disso podemos citar *A Paixão segundo GH* de Clarice Lispector, um texto que possibilita e exige do leitor entre outras coisas, uma reflexão profunda da condição humana, da subjetividade e da identidade no contexto atual. Conseqüentemente, essa orientação acaba se refletindo nas salas de aula do ensino médio do DF. Talvez por isso, tivemos a oportunidade de constatar, em nossa pesquisa, relevantes modificações no que se refere ao ensino de literatura em relação o cenário brasileiro⁵³.

Além disso, por estar vinculado à UnB, e constituir-se numa das vias mais democráticas de acesso à universidade, acreditamos que o PAS transformou-se numa referência para os alunos e, conseqüentemente isso se reflete nos projetos pedagógicos desenvolvidos no ensino médio em Brasília; tanto é assim que, normalmente, mesmo que em quantidades insuficientes para atender a toda a escola, as salas de leitura visitadas, de modo geral, disponibilizam aos estudantes os títulos sugeridos pelo PAS. Sabendo da escassez e dificuldade que têm as bibliotecas para a aquisição de novos títulos, podemos perceber o quanto o Programa de Avaliação Seriada tem influenciado a rotina das escolas nessa cidade.

A partir da constatação dessa influência, elaboramos as seguintes questões dirigidas aos professores: ‘Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê? / Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?’

De acordo com as respostas concedidas, observamos que:

- ❖ apenas três professores afirmaram categoricamente não trabalharem voltados para o PAS. Vale ressaltar que todos fazem parte das regionais economicamente menos favorecidas; segundo eles seus alunos não estão inscritos no PAS. Porém, nessas mesmas regionais, há professores que optam

⁵³ Acreditamos que os resultados conseguidos pelo DF no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2005 pode bem ilustrar essa questão. Sabemos que a situação econômica e social dos estudantes do DF contribui para se estabelecer a diferença em relação a outros lugares do Brasil, mas por outro lado, parece ser possível observar que, entre outras questões, essa vantagem, ainda que mínima, tem relações com a parceria entre as escolas e o PAS./UnB e a consciência que essa parceria acaba trazendo aos discentes do ensino médio

por seguir esse cronograma, por acreditarem que deixá-lo de lado é “perder grandes oportunidades”.

- ❖ alguns professores dizem trabalhar separadamente as leituras do PAS, apenas com os alunos inscritos na seleção.
- ❖ nas escolas em que há um grande número de alunos inscritos no PAS, os professores seguem rigorosamente o cronograma de leituras indicado pelo programa. Há, no entanto, os que dizem não se prenderem somente a essas leituras.
- ❖ em algumas respostas evidencia-se que mesmo os alunos não estando inscritos no Programa, ainda assim, pensam que a literatura indicada pelo Programa de Avaliação Seriada acaba sendo uma referência também para os vestibulares das faculdades particulares; por isso a necessidade dessas leituras.

Vale ressaltar ainda que alguns professores questionam as opções de leitura literária sugeridas pelo PAS: para eles, algumas obras são demasiadamente complexas, densas e extrapolam a compreensão do aluno. A mais citada como exemplo foi a obra de Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH*.

Pela maioria das respostas obtidas, percebe-se que, de modo geral, os professores têm consciência da forte presença desse processo de avaliação na vida do estudante. Desse modo, há os que seguem a proposta integralmente, os que a seguem parcialmente, poucos são os que não a seguem de modo algum.

Até bem pouco tempo os sistemas educacionais brasileiros dividiam os cursos secundários em dois grupos distintos: os de formação acadêmica e os profissionalizantes. Desse modo, embora a escola gratuita pudesse ser de acesso a toda à população, a educação não era a mesma para todos. Enquanto alguns eram preparados para o mercado de trabalho nos cursos profissionalizantes, os cursos acadêmicos tinham a incumbência de preparar o educando para que pudesse entrar na universidade e continuar sua formação. Não é necessário dizer que, por questões óbvias, a ocupação das vagas nos cursos secundaristas obedecia quase sempre ao critério da condição econômica e social do aluno. Com a implementação desse sistema a própria escola se encarregava de manter as divisões e desigualdades sociais, parte integrante de nossa história. Embora essa segmentação tenha sido suprimida, pelo menos explicitamente, dos currículos escolares, podemos extrair de algumas respostas que essa divisão ainda existe e é agora controlada pela ação direta do professor quando determina o que acredita ser o melhor para o seu aluno: prepará-lo para o PAS ou para o mercado de trabalho.

Acreditamos que ao optar por não trabalhar os textos indicados pelo PAS, tendo como justificativa o fato de os alunos não estarem inscritos no programa, o professor pode estar, até ingenuamente, contribuindo com os interesses das elites dominantes na manutenção das estruturas sociais. Essa postura do docente fortalece ainda mais as estatísticas que apontam para o fato de que poucos privilegiados têm acesso a boas universidades, enquanto à maioria é destinada as faculdades pagas e quase sempre de qualidade duvidosa.

Daí a importância de se entender a prática pedagógica como ato político e ideológico. Segundo Paulo Freire não se realiza educação com neutralidade. No ato de educar, o professor se posiciona acerca do tipo de aluno que deseja formar e esse posicionamento é que irá revelar se opta por uma educação problematizadora, transformadora ou bancária. Por isso, perguntas como: A quem estou favorecendo? Que tipo de cidadão quero formar? Devem integrar-se à prática cotidiana do educador consciente de seu papel político-social na sociedade e na vida de seus alunos. Principalmente se levarmos em conta serem as sociedades globais, sob o falso manto da igualdade e da universalização, mais excludentes ainda.

Sabemos que existem vários modos de se trabalhar a literatura em sala de aula e que, portanto, se for essa a vontade do professor, ele tem grandes chances de realizar trabalhos sérios, independente do PAS. Mas, não se pode negar que fazê-lo é também retirar dos alunos uma das poucas oportunidades de disputarem uma boa vaga numa universidade considerada de qualidade, ou mesmo de continuar sua formação acadêmica.

Além disso, é importante que se reflita: ao suprimir as leituras literárias indicadas pelos PAS, o professor tem feito isso pelo fato dessas leituras não serem condizentes com o planejamento pedagógico, traçado em conformidade com a realidade dos alunos e, nesse caso, outras leituras serão mais interessantes que aquelas sugeridas pelo Programa, ou, ao suprimir a leitura dessas obras literárias acaba por suprimir a leitura da literatura de modo geral na prática em sala de aula?

Assim, em vez de acatar passivamente a decisão dos alunos de não se inscreverem no PAS, não deveríamos estar trabalhando no sentido de incentivá-los, de estimulá-los à participação? Principalmente se atentarmos para o fato de que a desistência dos alunos, na maioria das vezes, é motivada não por escolha, mas por total falta de opção. Entendemos que o estudante pode optar por não participar do Programa, mas deve fazê-lo por opção e não pela ausência dela. Ao professor e aos demais atores da educação, cabem tão somente darem condições para que o aluno realize suas escolhas de modo livre e consciente e que essa escolha não seja resultado do medo, da insegurança, da desesperança, como em muitos casos acontece.

Numa reportagem exibida no *Correio Braziliense* do dia 28 de novembro de 2005, o desestímulo dos alunos, principalmente de escolas públicas, é algo debatido. Segundo os próprios estudantes, além da falta de incentivos, há também a insegurança na qualidade do ensino que recebem e que, portanto, não lhes dá condições de concorrerem igualmente no Processo Seletivo. Segundo o coordenador do Programa de Interação do CESPE, professor Dr.º Ricardo Gauche:

Uma das metas da universidade é investigar porque os alunos desistem tanto de continuar investindo no PAS. O número de inscritos diminui a cada etapa. Em média, 24 mil candidatos participam da 1ª etapa, 16 mil da 2ª etapa, e na 3ª, a quantidade cai para 8 mil. **A desistência acontece, principalmente, entre os jovens de escolas públicas. “Há um problema de auto-estima muito grande entre eles. Esse será um dos pontos analisados pelo relatório de dez anos do PAS que estamos preparando. Falta de estímulo e queremos estudar possibilidades de reverter essa situação”**, (grifo nosso) (sic) (*Correio Braziliense*)

O relatório mencionado na fala de Ricardo Gauche refere-se à segunda revisão dos objetos de avaliação do PAS, já iniciada desde 2004 quando do envio às escolas do Ofício Circular/ CESPE/ Nº 060/2004 em 10 de maio de 2004.

De acordo com o ofício circular nº 129/2005 enviado às escolas de ensino médio do Distrito Federal no dia, 14 de dezembro de 2005, o Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília se prepara para a segunda revisão dos objetos de avaliação, conforme o previsto desde a criação do PAS, em 1995.

A primeira reorganização do Programa aconteceu em 1998, com a intenção de adotar como eixo estruturador da avaliação, a contextualização e a interdisciplinaridade, bem como substituir o trabalho centrado nos conteúdos programáticos para enfatizar o desenvolvimento de competências e habilidades, em conformidade com as orientações do MEC contidas nos PCNs.

Assim como aconteceu desde o início da implementação do Programa, o PAS/ UnB tem como característica a participação direta dos envolvidos no processo de avaliação, nesse sentido, de acordo com a circular, será a partir do diálogo com os professores das escolas de Ensino Médio do DF que os objetos de avaliação da Primeira Etapa do Subprograma de 2006 serão definidos. Esse envolvimento do corpo docente de escolas públicas e privadas visa, entre outras coisas, “desenvolver um trabalho que poderá, futuramente, ser compartilhado com os professores, de modo a tornar o processo de avaliação e as práticas educativas cada vez mais acessíveis a todos os docentes.”

Uma das mudanças previstas para a Primeira Etapa do Subprograma de 2006 diz respeito à nova forma de abordagem das leituras. Segundo o contido na circular nº 129/2005 “os livros a serem enfocados na Primeira Etapa do Subprograma de 2006 situam-se no contexto dos respectivos objetos de conhecimento, explicitados nos textos correspondentes, não sendo mais listados à parte. Portanto a lista de livros tradicionalmente enviada às escolas deixa de existir como lista, passando os livros a integrarem os objetos de conhecimento das diferentes etapas, a começar pelo Subprograma de 2006.”

A primeira matriz de uma versão preliminar para o desenvolvimento das avaliações do PAS compreende inicialmente nove objetos de conhecimentos para a Primeira Etapa do Subprograma de 2006 a saber: 1) Indivíduo, cultura e identidade; 2) O ser humano como um ser-no-mundo; 3) Tipos de gênero; 4) Estruturas; 5) Energia, equilíbrio e movimento; 6) Ambiente; 7) A formação do mundo ocidental; 8) Número, grandeza e forma e 9) A construção do espaço.

As propostas de estudos contidas nesses objetos de avaliação caracterizam-se pela preocupação em relacionar a formação do indivíduo enquanto um ser na sua totalidade, preocupado e atento às questões de seu tempo. Os objetos de conhecimento delineados no documento enviado às escolas demonstram uma preocupação em formar cidadãos capazes de entender a si mesmos e ao outro, conviver, respeitar e estimular a alteridade, perceberem-se enquanto membros de uma coletividade, perceberem os diversos textos sociais, perceberem a língua enquanto construção social, relacionarem as ligações lingüística às estruturas sociais, observar as variações lingüísticas a partir do plurilingüismo contido nos textos lidos.

A proposta do PAS/ UnB contida nessa matriz é que as leituras dos textos indicados estejam relacionados e possam ser trabalhadas dentro dessas áreas de conhecimento. Nesses sentidos as obras sugeridas para serem relacionadas aos objetos de conhecimentos a serem desenvolvidos na escola não mais se inserem somente no campo literário, há uma tendência de que outras modalidades textuais possam ser sugeridas para impulsionar o debate e o estudo dessas questões. O livro *O cidadão de papel* de Gilberto Dimenstein, sugerido para a Primeira Etapa do Subprograma de 2006 relacionado às várias discussões para o trabalho dos objetos de conhecimento, trata-se de um texto de caráter jornalístico com reportagens, dados numéricos e estatísticos; é um livro que parece confirmar essa nova tendência.

A proposta sugerida nesse documento demonstra claramente a preocupação com o desenvolvimento de um trabalho de avaliação assentado na integração dos conhecimentos. As propostas previamente delineadas nesse documento reforçam os caminhos em direção a um objetivo, desde o início, perseguido pelo Programa de Avaliação Seriada: a

interdisciplinaridade. As obras propostas para a leitura, nesse sentido, funcionam como uma espécie de elo de ligação entre as diversas áreas do conhecimento e, por conseguinte, tendem a ser o eixo orientador da interdisciplinaridade proposta pelo Programa. A forma como essas obras serão cobradas nos instrumentos de avaliação do PAS exige que as leituras sejam obrigatórias a todos os docentes, deixando, portanto, de ser leitura exclusiva dos professores de Língua Portuguesa.

4.2.4– O professor leitor: analisando a formação do professor

Segundo Marisa Lajolo,

se a relação do professor com o texto literário não tiver um significado, se ele não for um leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas.

O primeiro requisito, portanto para que o contato aluno/ texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e pratique a leitura. (grifo nosso) (LAJOLO, 1988:55 e 56)

Compactuando com o pensamento da autora, acreditamos que nenhum trabalho com a leitura da literatura pode acontecer distanciado do gosto e do prazer que o professor tem em ler. A linguagem literária trabalha essencialmente com universo sentimental do leitor, portanto, o entusiasmo do professor ao referir-se a uma obra é o maior incentivo que o aluno pode dele receber. É certo, porém, que a paixão e o entusiasmo do professor só se evidenciará caso seja apaixonado pelos livros, ou seja, se for um leitor. Um professor que não é leitor não formará leitores.

Visto que o incentivo à leitura dado pelo professor e o gosto dele pela leitura da literatura têm ligações estreitas com a qualidade da educação que recebeu, é que a formação ou a má formação do professor é também outro aspecto que merece ser destacado.

O mercado exige profissionais cada vez mais qualificados, e as universidades públicas, por sua vez, são incapazes de absorverem todo o contingente de alunos que termina o ensino médio; por isso o ingresso a elas está condicionado ao processo de aprovação em vestibulares extremamente concorridos, sendo favorecido, portanto, quem foi mais bem preparado. Em decorrência desse fator, o censo divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) no ano de 2003, conclui que,

A educação superior brasileira segue sendo majoritariamente noturna e se expande principalmente no setor privado, tornando este setor a principal oportunidade de acesso ao aluno trabalhador. Do total de 2.270.466 matriculados, no ensino noturno, apenas 407.257 estão no setor público, enquanto 1.863.209 estão no setor privado, o que parece identificar uma grave contradição no processo de democratização do acesso à educação superior brasileira instalado nos últimos anos; (INEP, 2003:44)

Devido à demanda, a formação superior passou a ser vista pelos empresários da educação como uma atividade lucrativa. Tanto é assim, que o censo de 2003 constatou também que o número de vagas ociosas especialmente no setor privado cresceu sensivelmente; isto equivale dizer que abriram mais cursos que vagas nos últimos anos.

O censo divulgado pelo INEP em 2003 constatou ainda que, das 1.859 instituições de ensino superior no Brasil, 1.652, ou seja, 88,9% delas são privadas. De acordo com os dados do World Education Indicators, conforme divulgou o INEP o ensino superior brasileiro está entre os mais privatizados do mundo. Nessa empreitada, os cursos integrados ao magistério sofreram uma expansão considerável.

Por ser um curso relativamente barato para as instituições e, conseqüentemente, para os alunos, os cursos de Letras se disseminaram com grande visibilidade. Tal afirmativa pode ser confirmada também com os dados disponibilizados pelo INEP. Ao averiguarmos o número de cursos de graduação aqui no DF, podemos comprovar que Letras é o curso mais disponível no âmbito do Magistério nas instituições superiores, perfazendo um total de 27 cursos.

Essa expansão seria louvável se não fosse preocupante. Isso porque nem sempre existe um controle que garanta a qualidade do ensino ofertado nessas faculdades, e o que se tem assistido é uma freqüente banalização do ensino da Língua Portuguesa e da Literatura nessas instituições de ensino. Para uma camada significativa da população, impossibilitada de garantir uma vaga na universidade federal ou de arcar com os altos custos de outros cursos superiores, freqüentar um curso de Letras, nessas condições, pode ser uma das poucas oportunidades de que dispõe para garantir o diploma de nível superior e assim poder estar dentro das exigências do mercado de trabalho, e, portanto garantir a competitividade nele. Desse modo, em vez de formar docentes preparados para exercerem dignamente o magistério, os cursos de graduação em Letras, em muitos casos, têm servido apenas para garantir o acesso e a conclusão do ensino superior.

Sabemos que nem todos aqueles que freqüentam um curso de Letras visam exercer o magistério, mas, diante desse panorama, vale retomar as reflexões de Marisa Lajolo (2002) que, de modo incisivo, argumenta acerca da necessidade e importância de uma formação intelectual de qualidade para quem trabalha com leitura em sala de aula. Segundo ela,

O professor de Português deve dispor de uma noção ampla de linguagens, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Ele deve ser usuário competente da modalidade culta da Língua Portuguesa. Deve, nesse sentido, ser uma espécie de poliglota: precisa dominar competentemente várias modalidades de linguagem de forma que, se disser *nóis vai* e se escrever *paçarinho*, irá fazê-lo por opção consciente e não por desconhecimento de outras opções. O professor de Português deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa e da africana de expressão portuguesa. Frequentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis, deve ser, quando for o caso, mera preferência. Em outras palavras: o professor de Português pode não gostar de Camões nem de Machado de Assis. Mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los. (LAJOLO 2002:21 e 22)

Ante a realidade de banalização em que se encontram as artes em geral no contexto da globalização, ao fazer a mediação entre o texto e o aluno, o professor assume a posição de “filtro” separando os resíduos tóxicos os quais possam descaracterizar a experiência do aluno com a verdadeira leitura da literatura.

Como vimos anteriormente, Jauss assegura que a permanência da arte no contexto da massificação é garantida pela recepção; assim, ao colocar o aluno diante da obra literária com o intuito de formar leitores críticos e conscientes, questionando e refutando as produções mercadológicas efêmeras e descartáveis impostas pelos meios de comunicação, o professor torna-se um sujeito imprescindível para assegurar a sobrevivência e a valorização da arte literária na era de globalização, pois é ele quem faz, na escola, a mediação entre o efeito (o texto) e a recepção (o leitor), interligando-os pelo processo de leitura. Mas para que o professor tenha clara a importância em relação à sua função enquanto mediador entre o texto e o leitor, acreditamos ser necessário, sobretudo, uma formação e um contingente de leitura, do modo compreendido por Marisa Lajolo, ou seja, um corpus que lhes garanta o posicionamento político-ideológico acerca da prática pedagógica no ensino de literatura nesse contexto.

O distanciamento das instituições formadoras de professores no que se refere à realidade das escolas, principalmente da escola pública onde grande parcela dos educadores realiza suas práticas pedagógicas, é algo que desde sempre pôde ser observado. No processo de formação dos discentes observa-se uma completa ausência da ponte entre teoria e prática. Muitas vezes, o professor só tem contato efetivamente com o aluno e a realidade da escola, ao concluir a formação acadêmica.

Ao iniciar suas práticas pedagógicas, não são poucas as dificuldades com as quais o professor se depara, com situações desconhecidas e com as quais não aprendeu a lidar. O excesso de alunos, de turmas, de trabalhos de modo geral, faz com que o mesmo não tenha tempo de pensar ou de rever suas práticas; se o professor não tiver uma formação que pense a

literatura como mediadora entre o homem e o mundo, como elemento de libertação, desalienação e prazer, enfim se não for um pesquisador e um leitor convicto que tenha clara a importância político ideológica de sua prática, fatalmente optará pelo caminho mais comum e mais fácil: o livro didático.

O tratamento dado à literatura pelo livro didático é quase sempre o mesmo apresentado aos professores pelas instituições formadoras de docentes; dessa forma, num contexto em que o professor não tem tempo e desconhece outras metodologias, acaba por não trabalhar literatura, mas sim fatos literários – do modo como já constatamos ocorrer em muitos casos. Isso porque o professor tende a ensinar literatura da mesma maneira que aprendeu.

Apesar de manter em seu quadro uma política que contribui para a formação dos professores⁵⁴, e os docentes do DF apresentarem um nível de formação relativamente bom, se comparados o de outros Estados brasileiros⁵⁵, os cursos de aprimoramento oferecidos pela Secretaria de Educação são poucos em relação ao número de professores e, quando acontecem, normalmente estão dentro dos padrões mencionados e terminam dessa maneira, não despertando a atenção e o interesse dos educadores. Nesse sentido, a procura pelos cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela instituição pública ocorre, normalmente, quando dele o professor necessita para sua ascensão no plano de carreira. Apesar de hoje já podermos contar com cursos de aprimoramento de qualidade como os ofertados pelo Fórum Permanente de Professores, e mesmo alguns ofertados pela Secretaria de Educação, apesar disso, paralelamente a eles proliferam cursos sem o menor comprometimento com a melhoria da capacidade intelectual do professor ou com a qualidade da prática pedagógica.

Muitos professores na tentativa de melhorar suas práticas em sala de aula reclamam do fato de que os cursos em geral são puramente teóricos e totalmente distantes da prática. O distanciamento entre a teoria e a prática já foi anteriormente mencionado. Concordamos plenamente com a existência desse distanciamento, contudo sabemos que para exercer a prática de forma qualitativa é fundamental que sejamos conhecedores da teoria. Nenhum curso poderá repassar métodos eficazes para serem aplicados dentro das diversidades de cada escola. A prática pedagógica é cotidianamente construída por cada professor baseando-se na realidade de seus alunos e amparado pela própria experiência que as suas leituras teóricas e literárias lhe possibilita. Desse modo, podemos dizer que só o professor leitor será capaz de encontrar,

⁵⁴ O próprio concurso de afastamento remunerado para estudos, do qual me benefico, faz parte dessa política de incentivo à formação dos docentes.

⁵⁵ O número de professores com especializações, mestrado ou mesmo doutorado é significativo na Rede de ensino público do DF. Além disso, pudemos constatar durante a pesquisa, um interesse evidente por parte dos professores a respeito dos cursos de pós-graduação oferecidos pela UnB.

apesar das dificuldades, caminhos possíveis para desenvolver atividades de leitura da literatura capazes de envolverem o aluno.

A partir desse pressuposto é que procuramos investigar a relação do professor de Literatura com o texto literário. Assim elaboramos a seguinte questão: “Quanto a sua rotina como leitora: a)-Quantos livros lê por ano? b)-Quais os que já terminou de ler este ano? c)-Qual está lendo ou relendo agora?”

Quanto à quantidade de obras lidas anualmente pudemos perceber que:

- ❖ os números citados pelos professores variam de 04 a 24 obras lidas por ano.
- ❖ a disponibilidade de tempo para a leitura é também algo citado por um professor. Do mesmo modo, uma outra professora diz diminuir a cada ano o número de livros por ela lidos.

Quanto à relação de obras já lidas e aquilo que está sendo material de leitura no presente, podemos observar que:

- ❖ as obras relacionadas geralmente têm ligações com os textos sugeridos para os alunos; normalmente fazem parte do material selecionado para ser trabalhado em sala de aula; na grande maioria dos casos, são os indicados pelo PAS.
- ❖ textos como Código Da Vinci, Pais brilhantes professores fascinantes, Nunca desista de seus sonhos, Pequeno tratado das grandes virtudes, Derrubando gigantes, A Bíblia, Autobiografia de Pagu, Você é insubstituível, Histórias para aquecer o coração, Cama na varanda e outros de caráter religioso e de auto-ajuda, normalmente, complementam as listas de leituras dos professores entrevistados.

As preferências de leituras evidenciadas pelos professores podem nos remeter às discussões já suscitadas por Suely Rolnik, quando elenca alguns antídotos - entre eles a literatura de auto-ajuda - usados para dar sentido à vida e, ao mesmo tempo, proporcionar conforto em um mundo instável como o mundo pós-moderno globalizado. Rolnik denomina esses antídotos como drogas, capazes de entorpecer a capacidade de ação e reação dos indivíduos e, ao mesmo tempo, nada mais são que, mercadorias produzidas para agradarem e serem absorvidas pelo consumidor.

Ao analisarmos essa questão perguntamo-nos até que ponto os professores estão conseguindo desenvolver uma prática de leitura em sala de aula livre e independente das influências da indústria cultural? Acreditamos ser necessário o professor realmente conhecer tais obras, uma vez que são, normalmente, essas as leituras mais acessíveis e que mais

interessam aos alunos, porém como frisou Marisa Lajolo, é importante que o professor de literatura conheça e conviva com as linguagens artísticas verdadeiras e autônomas. Um trabalho que objetive a formação de leitores críticos e conscientes, capazes de refutar a massificação e a alienação, exige dos professores esse conhecimento e essa convivência.

Ainda na tentativa de compreender a importância da leitura da literatura para os professores entrevistados é que solicitamos aos mesmos que enumerassem três palavras as quais considerassem intrinsecamente ligadas aos vocábulos literatura e leitura,

- ❖ embora as palavras variassem com frequência e pudéssemos também observar a manifestação pessoal de cada entrevistado nessa questão, pudemos perceber, no entanto, que a noção de conhecimento, aprendizagem, interpretação e arte estão associadas à compreensão dos entrevistados na relação leitura *versus* literatura.

Como vimos anteriormente, no Distrito Federal os critérios de indicação de obras literárias nas escolas seguem normalmente as sugestões do PAS. Mas sabemos que, além desses, outros textos também podem ser lidos em sala. A escolha do professor estará associada evidentemente à sua experiência de leitura, bem como ao modo de conceber a leitura e a literatura. Assim, indagados sobre os critérios utilizados na escolha das obras a serem lidas pelos alunos obtivemos o seguinte resultados:

- ❖ alguns professores realizam suas escolhas pautados na relação do texto com o contexto social-histórico de nossa época, e ao mesmo tempo a realidade social, faixa etária de seus alunos.
- ❖ a relação do texto com o conteúdo, com os períodos literários ou com os autores são também outra motivação observada na indicação de leituras por parte dos professores entrevistados.
- ❖ a indicação de obras pautada no critério do prazer e do gosto pelo texto literário foi obtida em uma única resposta.

Esse distanciamento observado em relação ao gosto pode estar relacionado à própria condição da literatura no Ensino Médio, ou seja, a condição de habilidade proposta pelo currículo de maneira esquematizada e seriada, em forma de períodos literários. Tem-se a impressão de que a leitura do texto literário assim, deixa de ser algo prazeroso, que envolve sentimentos, sonhos, magias, fantasias, para se tornar um conteúdo a ser aprendido e relacionado mecanicamente com a sociologia, com a história de vida dos autores e da própria obra. Deixa enfim de ser leitura da literatura e assume a condição de história da literatura ou sociologia literária.

Sabemos que o envolvimento do aluno com o texto literário tem muito a ver com as indicações e com o estímulo que recebe do professor; na tentativa de analisar se o professor tem consciência da importância de sua participação na maneira de recepção do texto literário pelo aluno é que perguntamos, “Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?”

- ❖ dos onze professores entrevistados, na fala de nove deles, evidencia-se o fato e os alunos não gostarem ou não se interessarem pela leitura.
- ❖ um informante considera que os alunos recebem o texto literário de modo satisfatório e
- ❖ apenas um deles diz considerar que a prática pode ser boa se for bem orientada.

Entre os diversos fatores que contribuem de modo positivo para uma boa receptividade da obra literária em meio aos estudantes, os professores tendem a estabelecer a relação entre leitura e interpretação, interesse do aluno, acessibilidade vocabular e contextualização da obra. Embora ainda em poucos casos, a ação incentivadora do professor enquanto elemento a influenciar de maneira positiva a recepção do texto literário pelo estudante, é também um elemento apontado pelos informantes.

Indagados acerca das interferências negativa para a recepção do texto literário em sala de aula, entre os vários fatores, os professores destacam a obrigatoriedade da leitura. A relação leitura e avaliação também aparece como fator de desestímulo da leitura. De modo geral, no entanto, podemos perceber que os entrevistados tendem a atribuir a relação difícil do aluno com o texto literário a fatores externos e normalmente de responsabilidade dos próprios estudantes, tais como desinteresse, falta de atenção, falta de hábito de leitura, dificuldade de interpretação etc.

Ao serem estimulados a avaliarem a importância da literatura na escola nos nossos dias, de modo geral, pode se perceber nas palavras dos entrevistados ser fundamental a presença dela na escola. Para os professores, essa importância se justifica por questões que vão desde a relação com o conhecimento, ampliação vocabular, desenvolvimento crítico do aluno até a relação com o universo social e cultural dos estudantes.

O que chama a atenção nessa questão, no entanto, é o fato de que as respostas parecem fazer parte de um discurso já construído, mas que não apresenta algo substancial. As palavras são vagas como se o informante nessa hora não tivesse uma convicção própria do que está sendo dito. Em apenas três casos podemos constatar uma mudança de postura nas respostas obtidas:

- ❖ duas delas não apresentam o mesmo entusiasmo em relação à literatura na escola, em um dos casos, pôde se perceber que a postura da professora tem a ver com as dificuldades observadas na relação dos alunos com o texto literário trabalhado em sala de aula,
- ❖ para o outro informante, na medida em que a literatura passou a ser direcionada pelo PAS, deixou de ser importante e interessante, passando a ser uma obrigatoriedade.
- ❖ em uma terceira resposta, percebemos que a informante faz uma análise clara e substancial ao atribuir a importância da literatura na escola nos dias atuais. Em suas palavras,

“Através da leitura as pessoas obtêm **preparo para a vida**. Prepara os alunos para **as mudanças** e articula diferentes linguagens e seus contextos, exigindo reflexão sobre a língua, pessoas. Gera organização do mundo e da sua própria **identidade**. **Desenvolve a imaginação, análise e reflexão, possibilitando a preparação para enfrentar mudanças nos dias atuais.**” (grifo nosso) (C.N.)

As palavras da professora chamam a atenção por ser um dos poucos momentos em que foi possível identificar uma construção mais elaborada em relação ao ensino da literatura com o mundo em que vivemos. Termos como mudanças e identidade remetem a uma discussão associada às questões da contemporaneidade.

Embora seja possível percebermos uma certa tendência dos professores a relacionarem com alguma frequência o ensino da literatura com o contexto social, nota-se, entretanto, que em poucos ou em raros momentos os entrevistados detalham os elementos característicos do contexto atual, ou seja, um contexto de pós-modernidade com homens e ações novas, conduzidas e influenciadas pela força do dinheiro, do utilitarismo, da racionalidade e dos meios de comunicação. Segundo Ezequiel Theodoro da Silva

A renovação e a revitalização do trabalho escolar passam, necessariamente, pela leitura crítica da realidade social, conforme feita pelos profissionais que compõem o coletivo docente de uma escola. Quanto mais objetiva e profunda for essa análise, maiores serão as possibilidades de essa organização escolar vir a produzir um ensino de qualidade. (SILVA, E., 2003-b)

Nesse sentido, pode-se afirmar que há a necessidade de um aprofundamento por parte dos discentes no que diz respeito às reflexões mais elaboradas e consistentes no que se refere ao universo de globalização no qual o estudante encontra-se inserido. Entendemos que o conhecimento desses elementos norteadores da vida pós-moderna poderá possibilitar ao

professor a construção de um posicionamento político-social no que diz respeito a uma posição ideológica frente à globalização e, conseqüentemente, frente ao ensino de literatura. Acreditamos que a relação texto e contexto evidenciada na fala dos professores acontecerá de modo mais efetivo a partir de um conhecimento objetivo, crítico e reflexivo da sociedade em que vivemos.

Temas como universalização e unificação, próprios da globalização, devem ser pensados e discutidos pelo educando para se chegar à consciência da situação social e econômica dos alunos bem como da educação brasileira no universo global o qual, sob o falso pretexto da universalização e unificação, tende a promover as desigualdades sociais aumentado, ainda mais, as diferenças na aquisição do capital econômico e do capital cultural entre os indivíduos habitantes dos países periféricos ao redor do globo terrestre, a exemplo do Brasil.

Acreditamos, portanto, que somente a partir de uma leitura crítica e consistente do mundo em que vivemos será possível perguntarmos-nos sobre os sentidos da leitura da literatura no contexto social dos novos tempos e, principalmente, sobre o porquê de sua existência e permanência nos currículos escolares.

4.3- Entrevistando alunos

Durante as visitas às escolas, tivemos a oportunidade de colher informações de trinta e três alunos informantes. Em média, procuramos entrevistar 3 (três) alunos em cada escola. As indicações desses informantes ficaram, normalmente, a critério dos seus respectivos professores.

Com certa freqüência percebemos que os professores optavam por alunos detentores de uma experiência maior de leitura em relação aos demais; entretanto, tivemos a oportunidade de ter contato com níveis diferenciados de alunos no que se refere ao hábito de ler. Desse modo, ao confrontarmos as respostas dos alunos leitores com aqueles menos experientes no que se refere ao ato de ler, percebemos o distanciamento entre as respostas.

Durante as conversas, o nível de maturidade, portanto de discussão, dos alunos leitores se evidenciou. Os estudantes com uma experiência maior de leitura se fizeram perceber como sendo portadores de uma visão mais crítica, em relação à leitura na escola, às práticas pedagógicas no desenvolvimento dessa disciplina, às indicações das obras literárias realizadas pelo professor etc. Além disso, normalmente manifestaram conhecer melhor as atividades desenvolvidas pelas salas de leitura, sabem comentar e, muitas vezes, avaliar com certa

fluência as interferências da biblioteca nas atividades de leitura desenvolvidas na escola, bem como o próprio funcionamento das salas de leitura.

A postura dos outros colegas no que se refere à leitura da literatura no ambiente escolar é outro aspecto que também se mostrou observável. Normalmente, os leitores sentem-se aptos para comentar e apontar as causas que levam os colegas a não gostarem de ler. Em muitos casos, sugerem ações possibilitadoras, para despertar o gosto pela leitura na escola. Assim, enquanto as entrevistas com os demais alunos apontavam-nos questões bem elementares e muitas vezes previsíveis, as conversas com alunos leitores tornaram-se importantes instrumentos de percepção e compreensão acerca do ensino de literatura nas escolas de ensino médio do DF.

Pela capacidade demonstrada em apontar elementos, muitas vezes, despercebidos tanto para os professores quanto para os pesquisadores, pode se dizer que os alunos possuidores de uma experiência maior de leituras acabaram contribuindo de modo mais efetivo com as reflexões propostas.

Numa sociedade capitalista, preocupada com a produção eficaz de bens de consumo, acredita-se que os valores humanos e sociais tendem a ser sobrepujados pela racionalidade utilitária. Nesse sentido, pautados nas reflexões propostas por Leyla Perrone-Mioisés, em que discute o encolhimento visível das áreas humanas em geral, nos meios acadêmicos, procuramos sondar o nível de receptividade dos alunos em relação às disciplinas das áreas humanas, em especial a literatura. Por isso, as três primeiras questões do instrumento de coleta de dados destinado aos alunos priorizaram o reconhecimento dessa questão.

Seguindo tal orientação, na primeira questão solicitamos aos entrevistados que dessem notas de 0 a 10 às disciplinas de sua preferência. O resultado dessa solicitação encontra-se expresso no quadro abaixo.

Tabela 01 – Tabela demonstrativa do resultado final das avaliações das disciplinas pelos alunos entrevistados.

Disciplinas	Nota 0	Nota 1	Nota 2	Nota 3	Nota 4	Nota 5	Nota 6	Nota 7	Nota 8	Nota 9	Nota 10
Matemática	0	0	0	0	0	3	2	4	5	7	12
Física	2	0	0	0	0	3	2	7	9	4	6
Química	1	0	0	0	0	3	4	5	12	2	6
Biologia	0	0	0	0	1	1	3	3	11	6	8
História	0	0	0	0	0	2	3	7	4	4	13

Filosofia	1	0	1	1	0	4	2	5	5	4	10
Sociologia	0	0	0	2	1	4	4	7	4	7	4
Português e Literatura	1	0	0	0	0	3	0	4	2	7	16
Artes	1	0	0	2	1	2	0	3	10	5	9

Ao lermos as informações expostas no quadro acima, podemos inferir que a quantidade de notas dez atribuída à disciplina de Língua Portuguesa e Literatura pode ser reflexo das influências da própria condição da pesquisa, voltada para os estudos literários. Mas, podemos perceber, por outro lado, que as matérias com o maior percentual de nota máxima, com exceção de matemática, foram as disciplinas voltadas para as áreas humanas. No que se refere ao gosto dos alunos parece-nos que a opção pelas áreas humanas fica evidente. Por estar integrada às áreas humanísticas, acreditamos que a literatura possa verdadeiramente fazer parte dessas preferências, dependendo, é claro, do modo como chega até aos alunos. Apesar dessas informações, acreditamos ser prematura qualquer conclusão. Para tanto se faz necessária a abordagem de outras questões atinentes.

Por ser literatura uma matéria integrada à de Língua Portuguesa, é ministrada, normalmente, pelo mesmo professor. Sabemos que, por isso mesmo, muitas vezes ela acaba relegada a um plano inferior diante das propostas metodológicas dos professores, os quais tendem a priorizar os estudos gramaticais e lingüísticos em detrimento da leitura literária. Assim, indagados sobre as preferências em relação à literatura e à gramática, obtivemos as seguintes respostas⁵⁶:

❖ 18 preferem a literatura, porque:

- *“A gente conhece um pouco da nossa cultura viaja, sem sair de casa.”*
- *“Acho a gramática um pouco mais complicada, tenho mais interesse por literatura porque sempre gostei muito de ler, e pelo incentivo de minha professora.”*
- *“é uma coisa mais próxima do dia-a-dia e acaba, de certa forma, aproximando as pessoas da gramática. As pessoas se identificam mais com a literatura.”*
- *“além de ajudar no aprendizado da cultura, ajuda também na gramática.”*
- *“acaba enriquecendo mais o seu conhecimento, no sentido de que a literatura possa mostrar a gramática na prática, além de estudar os movimentos, autores, etc.”*

⁵⁶ Nas transcrições a seguir faremos as correções ortográficas quando for necessário, visto que não é objetivo desse trabalho evidenciar os desvios gráficos dos alunos.

- *“porque é mais fácil aprender, não existem regras rígidas.”*
- *“existem vários empregos que pedem redação em um curriculum;, afinal o conhecimento das palavras ajuda bastante para a formação de uma vida profissional.”*
- *“gramática é muito cansativo”*
- *“gosto mais de aprender, ou melhor, estudar a literatura, saber o quê, porquê e como aconteceu; do que ficar nas “regrinhas” da gramática.”*
- *“eu acho mais interessante e aprendo mais os conhecimentos de Português.”*
- *“é mais interessante e fala de assuntos variados, nada repetitivo como a gramática.”*
- *“com a leitura as regras gramaticais e outros elementos da gramática são adquiridos naturalmente, sem exaustivas repetições.”*
- *“devido ao meu relacionamento com os livros (interesse).”*
- *“é mais interessante e dentro da literatura dá para ensinar a gramática.”*
- *“leva-nos descobrir coisas antepassadas que podemos lembrar para sempre, e me faz feliz sempre que leio.”*
- *“a partir do estudo da literatura em si pode-se trabalhar também a gramática.”*
- *“A princípio é porque eu sinto “afeto” muito grande pela literatura, onde você acaba vendo a gramática ao passar dos anos é mais fácil de estudar e mais gostosa. Além de propiciar um elevamento do intelecto do aluno.*
- *“eu acho o tema mais interessante.”*

❖ 08 preferem a gramática, porque:

- *“é necessário sabermos toda a estrutura da nossa própria língua, antes de estudarmos o inglês, por exemplo.”*
- *“é mais cobrado em concurso, provas e teste. Melhor aprender a gramática para ter mais facilidade nesses testes.”*
- *“é uma matéria com a qual eu mais me identifico e é do que os alunos têm mais necessidade; um melhoramento tanto na forma de escrever como nas palavras de quem fal, dependendo da situação.”*
- *“a gramática é um instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. É necessário aprendermos profundamente a nossa língua e, assim,,*

desenvolver o senso crítico necessário para compreender os processos lingüísticos.

- *“a gramática nos ajuda a escrever melhor para uma redação de um vestibular, por exemplo; também ajuda agente se expressar melhor.”*

- *“melhora a ortografia, e ensina como se deve escrever, o que escrever e quando escrever e na pronúncia nos ajuda.”*

- *“é mais cobrada em escolas e até mesmo no dia-a-dia.”*

- *“ se for analisar aproveitamento, a gente tira mais proveito da gramática, se for analisar por gosto e por facilidade com a literatura. Mas eu prefiro que seja trabalhada gramática, pode-se tirar um maior proveito.”*

❖ 07 preferem que o professor equilibre as duas disciplinas e as associem porque:

- *“com a gramática podemos tirar dúvidas encontradas na leitura da literatura.”*

- *“...o que aprendemos na gramática (teoria) é o que pode ser analisado na literatura.”*

- *“ambos são de suma importância.”*

- *“ é necessário a gramática como aprendizagem para o vestibular entre outros. E a literatura é fundamental na vida de todos.”*

- *“é necessário que o indivíduo saiba sobre a sua gramática, evitando assim erros grosseiros, mas também é necessário que ele reconheça a literatura.”*

- *“as duas influenciam muito no conhecimento humano e em sua atividades, como por exemplo em conversação, e até mesmo na necessidade de nossa literatura.”*

- *“são duas disciplinas que devem ser bastante debatidos, porém os alunos precisam da noção de cada uma.”*

Pelas justificativas dadas às respostas, podemos inferir que a literatura tem a preferência, de modo geral, por se tratar, sob o ponto de vista dos alunos, de uma matéria menos complicada que a gramática, por não ter regras, por ser considerada, mais fácil de aprender. Nessas respostas podemos perceber, mais uma vez, ser a literatura vista como uma forma de conhecer a história, o contexto social e a biografia dos autores. Apenas três entrevistados associaram, de algum modo, a literatura à leitura. Tanto no primeiro quanto no

segundo grupos de respostas, pôde se perceber uma tendência em associar a literatura à possibilidade de estudar a gramática.

A respeito da literatura enquanto disciplina escolar observamos que, de modo geral, os estudantes:

- ❖ embora reconheçam a importância da literatura, percebem que não é valorizada e nem estimulada na escola.
- ❖ apontam, entre outros fatores, a falta de hábito de leitura dos alunos e a obrigatoriedade das leituras como elementos desencadeadores da má repercussão dessa disciplina entre os colegas.

Os sentimentos que envolvem a literatura no contexto escolar atual parecem-nos bem refletidos nas palavras de dois dos nossos entrevistados. Segundo o primeiro, “Ela está sendo deixada de lado. Não há a disciplina “Literatura” específica, e não há uma interdisciplinaridade. Os professores deveriam incentivar a leitura, analisando os gostos do aluno.” (AL. 25); já o segundo revela que “apesar de ser agradável de se estudar, no lugar de ver literatura poderíamos ver outras coisas mais importantes que viesse fazer uma maior diferença.” (AL. 29). Assim, apesar dos resultados expressos num primeiro momento (vide quadro anteriormente exposto), a partir de uma análise mais aprofundada, podemos perceber que as análises de Leyla Perrone Moisés se fazem sentir também no ensino de literatura nas escolas de ensino médio aqui no DF, ou seja, a visão da literatura enquanto adorno ou perfumaria, pode ser percebida nas entrelinhas de muitas das respostas dos alunos.

Acreditamos que os estudantes realmente tenham preferências pessoais pelas matérias voltadas para as áreas humanas, mas não são estimulados nesses seus gostos, ou seja, a sociedade como um todo, e a própria escola, tende a valorizar mais as matérias exatas. Além disso, a literatura, do modo como tem sido trabalhada na escola, em forma de períodos históricos-biográficos, além de não apresentar nenhuma função na vida dos indivíduos, também não estimula o gosto pela leitura. Numa sociedade voltada para os valores lógicos e funcionais, o gosto demonstrado pela literatura parece perda de tempo, como pudemos observar nas palavras do aluno, transcritas anteriormente..

Os itens 04, 05 e 06 dizem respeito à condição dos alunos enquanto leitores. Na quarta questão procurou-se investigar o gosto do aluno entrevistado para com o texto literário; na quinta buscou-se visualizar a rotina dos estudantes enquanto leitores de literatura, e na sexta houve a intenção de sondar qual é a relação estabelecida pelos alunos com os textos literários trabalhados nas três séries do ensino médio.

No que se refere ao gosto pela leitura literária, de modo geral os alunos dizem gostar de ler. Dos trinta e três entrevistados, somente quatro deles apresentam algum tipo de restrição quanto à leitura, e desses apenas 01 afirmou, com certa firmeza, não gostar de ler.

Quanto à rotina de leitura,

- ❖ 27 dizem ler outros livros além dos indicados pelos professores,
- ❖ 02 deles fazem algum tipo de restrição a outras leituras,
- ❖ 03 afirmam categoricamente que não lêem,
- ❖ 01 afirma que só lê os não-indicados pelo professor.

Em relação à quantidade de livros lidos por ano, o número varia de 02, no mínimo, e, no máximo, 60. Embora pequena a quantidade de livros, considerando o panorama de países mais desenvolvidos deste contexto de globalização, em vários casos, quando se trata de relacionar os títulos lidos até o momento da entrevista, há uma certa dificuldade por parte desses mesmos alunos; em raras exceções conseguem citar mais de três títulos. Demonstrando que a leitura realizada pelos alunos tem ligações diretas com a escola, percebemos que a grande maioria dos títulos identificados pelos alunos faz parte da lista do PAS⁵⁷. As demais obras mencionadas, quase sempre, têm ligações com os meios de comunicação de massa. Apenas uma minoria consegue nomear textos literários desvinculados de uma dessas duas possibilidades.

Quanto às obras lidas na 1ª, na 2ª e na 3ª série do ensino médio, percebemos que, de modo geral, os nomes mais recorrentes também dizem respeito às obras indicadas pelo PAS. Em vários casos, os entrevistados dizem não se lembrar das obras lidas ou simplesmente deixam em branco, colocam os nomes de autores, de períodos literários ou da tipologia textual tais como: crônicas, contos, sonetos etc. Há, visivelmente, dificuldade por parte alunos em relatarem ou mesmo nomearem os livros lidos nessas séries; do mesmo modo, tem dificuldades em falar acerca das experiências de leitura no ensino médio. Essa postura dos estudantes pode evidenciar o quanto as atividades de leitura na escola ainda são destituídas de sentidos para o aluno leitor.

Outro aspecto que merece a atenção é o fato de que, entre os títulos citados, a obra de Ariano Suassuna *O auto da Compadecida*, sugerida para a leitura da 1ª série do ensino médio é, indiscutivelmente, a mais recorrente nas respostas dos alunos. Tudo indica que o interesse despertado e dispensado ao texto de Suassuna, manifestado nas respostas dos alunos, não se

⁵⁷Cujos títulos indicados para a avaliação da terceira etapa, no ano de 2005, foram *A bagaceira* de José Américo de Almeida, *Sentimento do Mundo* de Carlos Drummond de Andrade, *A Paixão segundo GH* de Clarice Lispector e *Essa terra* de Antônio Torres. Tais obras foram relidas antes das entrevistas com os estudantes

refere somente às qualidades literárias presentes na obra. Acreditamos que esse interesse tenha muito a ver com a transposição da obra para o cinema ou para a minissérie televisiva. Acreditamos que, nesse caso, os recursos técnicos podem e devem ser usados pelo professor no sentido de dinamizar a leitura e torná-la mais acessível, mais prazerosa para os leitores, mas jamais em substituição da leitura do texto artístico.

Pensando na relação conturbada entre o texto literário e os alunos no ambiente escolar é que, na 7ª questão, foi solicitado aos estudantes opinarem acerca da compreensão da literatura, enquanto possibilitadora da formação cidadã. Do total de alunos entrevistados, somente dois deles dizem não acreditar que a leitura possa ajudá-los na formação cidadã, e outros dois dizem creditar parcialmente nisso, enquanto uma função da literatura. Os demais dizem acreditar que a leitura da literatura pode, sim, contribuir para torná-los cidadãos melhores e mais críticos.

Diante da hipótese de que há, na sociedade contemporânea, visivelmente, uma substituição gradual do impresso pelos suportes visuais, elaboramos a 8ª e a 9ª questões. No primeiro item procuramos entender a relação que os alunos fazem entre o livro e os filmes, recursos bastante utilizados pelos docentes como forma de dinamizar ou facilitar a leitura. Perguntamos acerca dos resumos das obras muito presentes nos livros didáticos e hoje, disponíveis na Internet. Pelas respostas obtidas,

- ❖ 04 alunos preferem o filme;
- ❖ 03 deles optaram pelo resumo;
- ❖ 02 acham os três elementos relevantes e,
- ❖ os demais optaram pela leitura do livro.

Ler livros de literatura também foi listado pelos informantes entre as quatro atividades de lazer mais frequentes entre eles, juntamente com assistir televisão, navegar na Internet, assistir a filmes.

Se analisarmos tão somente os dados fornecidos pelos alunos, temos a impressão de que a leitura da literatura é uma prática comum entre os estudantes. Embora alguns dos informantes demonstrem ter realmente experiências diferenciadas em relação aos demais, percebemos, nas entrelinhas, pelas justificativas das respostas, ou mesmo confrontando uma resposta com outras, principalmente nos itens em que sugerimos aos estudantes que comentassem ou nomeassem as obras lidas, a visível dificuldade em fazê-lo.

Aqui vale mencionar um dos aspectos que se evidenciou e que chamou a atenção durante as entrevistas realizadas com os alunos: ao serem indagados acerca da condição de leitores, na grande maioria dos casos, pôde-se observar um certo constrangimento dos alunos

em responderem verdadeiramente a respeito de suas práticas de leitura. Em vários momentos é notório que os alunos se acham culpados por não se sentirem atraídos pela leitura da literatura. Entre outras causas, isso parece ter relações com o discurso incisivo da necessidade da leitura, enquanto elemento de formação e desenvolvimento do cidadão. Esse discurso é propagado tanto pela escola, quanto pelos meios de comunicação de massa. Assim, é comum vermos atores em evidência aparecerem na TV em passagens de novela e até mesmo em comerciais que apelam para a importância da leitura.

Incapazes de avaliar que são resultados de uma política comercial, a qual adota um discurso favorável à leitura, mas que desenvolve práticas as quais distanciam o indivíduo da realização de uma leitura rica e envolvente do modo por eles propagado, os alunos acabam responsabilizando a si mesmos pela falta de interesse pela literatura. Por isso se sentem constrangidos em afirmarem a apatia sentida frente ao texto literário e ao próprio desinteresse pela leitura.

Tal afirmativa pode ser comprovada pela 10ª questão, quando, em vez de pedirmos para falarem de si próprios, solicitamos que comentassem acerca dos colegas, enquanto leitores. Com exceção de três informantes, o restante é unânime em afirmar que os colegas, de modo geral, não lêem. Os motivos, por eles listados, vão desde a falta de interesse, preguiça, falta de incentivo da escola, até a falta de hábito da leitura entre os jovens.

4.3.1-Analisando leitores

Ao finalizarmos as análises das informações contidas nos instrumentos de coleta de dados das entrevistas realizadas com os alunos, constatamos a necessidade de averiguarmos a condição dos alunos do ensino médio do DF, enquanto leitores. De posse da convicção de que nosso trabalho estaria mais completo se pudéssemos observar diretamente a leitura dos estudantes, optamos por aplicar um teste simples de leitura com alunos da terceira série do ensino médio em uma das escolas na qual realizamos a entrevista com professores e alunos.

Nessa etapa do trabalho a participação dos alunos para o desenvolvimento das leituras e relações das respostas das questões propostas foi voluntária. Os estudantes não mais foram indicados pelos professores; o contato foi feito de forma direta e a participação deles obedeceu ao critério da própria vontade e interesse em participar.

O teste aplicado aos alunos era composto por dois textos: uma animação computadorizada e o poema do Drummond *No meio do caminho*. A animação foi projetada na tela de *Lep top* para grupos de, no máximo, quatro alunos por vez. Projetamos o desenho duas

vezes seguidas, para cada grupo de leitores. Levando em conta os níveis de complexidade considerados em cada texto, começaremos analisando as experiências desencadeadas a partir do Texto I composto pela animação (ver anexo).

Nesse primeiro texto exige-se um nível de leitura simples, tendo em vista que, por ser uma animação computadorizada, a leitura realizada pelos alunos não esbarra na questão vocabular, não possui uma sintaxe artística-verbal mais elaborada e, além disso, é facilitada pela linguagem visual, a partir dos recursos tecnológicos de que se utiliza.

Ademais procuramos um texto que possibilitasse maior identificação dos estudantes com a leitura a ser realizada. Desse modo optamos por um texto que trouxesse temas próximos da realidade de jovens, habituados à linguagem visual, à Internet e ao computador. Nesse sentido, em função particularmente do momento em que vivemos nesse primeiro semestre de 2006, ou seja, ano de copa do mundo, escolhemos um desenho animado que traz o sub tema do futebol e copa do mundo associado às questões que compõem nosso cotidiano social.

Percebemos que os recursos utilizados na composição da animação despertam a curiosidade, o interesse dos alunos e, além disso, tornam o texto mais prazeroso para a leitura, principalmente de leitores nessa faixa etária. Essa afirmativa deve-se ao fato de termos observado que a participação espontânea dos alunos – muitos até abrindo mão do horário de intervalo - esteve diretamente relacionada com o material utilizado para a realização da leitura com eles. O tema e a sonorização aliados aos recursos visuais-artísticos, trouxeram à leitura elementos novos que levaram a essa participação espontânea.

A partir da leitura desse primeiro texto os alunos deveriam responder à seguinte questão: “De que trata o texto?” De acordo com as respostas obtidas,

- ❖ para quatro leitores o texto trata da indiferença,
- ❖ o descaso, a falta de solidariedade, a despreocupação com os outros que vêem o que todo mundo vê (o jogo); preocupação com o supérfluo e o descaso com o essencial, a preocupação com coisas fúteis, o apelo para que as pessoas “enxerguem além de suas olhos, para darmos mais ênfase ao importante”, o pouco-caso com nossos grandes problemas, a pobreza do povo brasileiro, a realidade do país, o esquecimento de nossas obrigações como cidadãos e a injustiça, foram outras compreensões demonstradas acerca do texto I.

Quanto à relação dos leitores com os temas tratados no texto percebemos que:

- ❖ 07 deles inserem-se no texto, assumindo seu compromisso social,

- ❖ 07 olham o problema como de responsabilidade de terceiros, não se inserem no problema, colocam-se de maneira impessoal (as pessoas, o povo, os pobres, o governo, etc.)

A partir da análise da questão proposta De que trata o texto?, procuramos identificar o nível de leitura e interpretação textual demonstrados por alunos do terceiro ano do ensino médio. Mesmo se tratando de um texto simples e de uma questão nada complexa, foi possível perceber que,

- ❖ 10 alunos elaboraram suas respostas no nível da **paráfrase**, ou seja, não foram além da superfície do texto; fizeram apenas simples reproduções dos fatos da leitura.
- ❖ 03 deles atingiram o nível da **generalização**, ou seja, foram um pouco além do problema tratando-o não só numa dimensão de caso particular, individual.
- ❖ 05 apenas chegaram ao nível da **abstração**, isto é, conseguiram uma apreensão das idéias desenvolvidas sob as imagens propostas. A exemplo desse último e mais elevado nível podemos citar as respostas que apontam “a pobreza do povo brasileiro, pouco caso com os nossos grandes problemas, o esquecimento de nossas obrigações como cidadãos, etc.”

Entre as respostas obtidas, as duas transcritas a seguir, apresentam um nível de leitura e de abstração bem superior às demais.

“Trata-se da desigualdade social que ocorre todos os dias em todos os lugares. No Brasil, onde temos uma paixão, futebol. essa desigualdade é camuflada em épocas de jogos . Apesar de inúmeras campanhas e ONGs isso não muda, pois os meios usados não têm eficiência.”

O texto I trata da total indiferença da sociedade com relação aos problemas de fundo geralmente financeiro de uma determinada parcela da humanidade como um todo. O real alvo do texto é o nosso descaso com coisas que deveríamos dar ênfase e passamos despercebidas por nós, pelo fato de estarmos dando mais importância à “supérfluos”.

De modo geral, constatamos que os alunos não conseguiram realizar com sucesso o nível mais elaborado de leitura, ou seja, o nível de inferência. As respostas são ainda bastante imaturas e ingênuas, atingindo apenas os níveis de paráfrase, generalização e abstração, sendo que há uma quantidade maior no nível mais elementar: a paráfrase.

Com essa análise pode-se concluir que o nível de leitura dos alunos ainda é muito baixo, principalmente se levarmos em consideração que se trata de estudantes da fase final do

ensino médio, prestes a finalizarem o processo e ingressar no curso superior e/ou no mercado de trabalho.

Em vários casos percebemos que os leitores conseguem extrair do texto o mínimo possível, como se pode observar nesta resposta transcrita: “Mostra o descaso com a população de baixa renda, onde as pessoas que possuem melhores condições financeiras, não se preocupando com o seu próximo que está necessitando.”

Quanto à mensagem captada pelos leitores, por meio da leitura das respostas obtidas foi possível perceber que os alunos apreenderam as seguintes intenções no texto:

- ❖ um ser sozinho não vai mudar o mundo,
- ❖ as pessoas pobres não fazem por onde melhorar, esperam pela compaixão dos outros, jogam a culpa no governo,
- ❖ se cada um fizer a sua parte resolve-se, é preciso juntarem-se para resolver,
- ❖ se as pessoas se unissem para ajudar a quem precisa ninguém hoje estaria passando fome,
- ❖ podemos sim fazer a diferença, talvez animação venha para nos conscientizar,
- ❖ união para uma vida mais justa e feliz

Podemos inferir que as mensagens foram apreendidas pelos leitores como alerta veiculado pelo texto.

A segunda questão apresentada aos leitores voluntários foi: “Há alguma relação possível entre o texto I (corrente pra frente) e o texto II (Drummond)? Qual?”

Acreditamos que essa segunda questão exija uma leitura bem mais complexa por parte dos leitores, pois envolve a percepção de recursos diferenciados. No ato da leitura será necessário ao leitor reconhecer e relacionar semanticamente os elementos visuais, sonoros lingüísticos e extralingüísticos contidos no texto I com a palavra escrita e, metaforicamente escrita, no poema de Drummond.

Além de exigir um conhecimento prévio do aluno-leitor em torno das simbologias da palavra pedra, o segundo texto requer um conhecimento também acerca do autor. Ademais, a segunda questão trata-se de uma leitura comparada, em que o terceiro elemento não está dado, deve ser trazido pelo leitor, exigindo, necessariamente a abstração por parte de quem realiza as leituras.

Ao elaborarmos essa questão identificamos algumas das possibilidades mais simples de relações que poderiam ser encontradas pelos leitores dos textos I e II na escola:

1. a mulher poderia ser a pedra no meio do caminho dos passantes,
2. a pedra poderia ser a fome, a miséria, as injustiças sociais,

3. a banalização da miséria que não permite a retina fatigada ver o que se passa em nossa frente,
4. a comoção nacional, impulsionada por apelos televisivos transmitidos pela mídia, e não por aquilo que está diante de nossos olhos.
5. só conseguimos enxergar e participar dos valores expostos pelos meios de comunicação.

Além dessas associações, consideramos que os textos são prenhes de sentidos e que a leitura e as relações estão abertas a outras possibilidades de interpretação pelo leitor. A partir dessa compreensão realizamos as análises de leituras feitas pelos alunos, nessa segunda questão.

Começamos por perceber que, de modo geral, todos os leitores dizem haver a possibilidade de relação entre os dois textos apresentados. Assim, atribuímos nota

- ❖ 01 para as relações não explicitadas claramente,
- ❖ 02 para aqueles que disseram que as **pedras** são as pessoas pobres(**sob o foco dos passantes**) ou o futebol (**sob o foco da mulher**). Neste caso, percebemos que os leitores faziam uma leitura no nível da paráfrase simples.
- ❖ 03 para aqueles que entendem como pedras os problemas. Aqui já é possível perceber uma generalização da leitura
- ❖ 04 para aqueles que disseram ser a pobreza, a violência ou a miséria uma pedra, ou seja, um dos problemas sociais. Esse tipo de leitura chega à abstração, na medida em que o leitor extrapola a condição individual do problema e passando às preocupações com questões da sociedade, do país, do coletivo, demonstrando, portanto, uma percepção de cidadania.

Alguns alunos colocaram, além das respostas, elementos que complementavam ou justificavam as relações estabelecidas, como é possível perceber em partes de respostas dadas, nos exemplos abaixo:

- ❖ “pobres não são taxados como pedras; eles é que se auto-denominam”;
- ❖ egoísmo: “se não pararmos de pensar sempre em nós, não iremos diminuir as diferenças”;
- ❖ “futebol mais importante e digno”;
- ❖ “miséria acaba com a ‘paisagem’ nacional;
- ❖ “devemos ajudar quem precisa e não deixar que essa pedra atrapalhe nosso caminho”;

- ❖ “os mendigos se sentiram pedras e nunca vão se esquecer dos momentos em que foram humilhados;
- ❖ “a memória não deixará esquecer.

Às questões que continham complementações desse tipo foi atribuído um valor positivo de zero; assim, as questões que estavam com valores 1, 2, 3 e 4, com as justificativas, passaram para os valores 10, 20, 30 e 40. Com esse método de leitura das questões os resultados obtidos foram os seguintes:

- ❖ dois alunos com nota 01
- ❖ dois com nota 3,
- ❖ dois com nota 10
- ❖ um com nota 13
- ❖ cinco com nota 20,
- ❖ um com nota 30,
- ❖ dois com nota 40

Embora a grande maioria dos alunos leitores tenha atribuído complementações ou justificativas às respostas dadas, podemos perceber que, ainda assim, predominam as respostas no nível da paráfrase, ou seja, respostas simples, sem maiores abstrações e nenhuma delas no nível de inferência. Para que possamos ter uma compreensão melhor a respeito dos níveis de leitura observemos, as questões transcritas abaixo.

Questão I - Nota 01

Acredito que sim, pois no texto II Drummond narra um fato que poderia ser considerado como banal, porém ainda que aparentasse não ter importância ficaria em sua memória até seus últimos dias.

Questão I – Nota 40

Sim, há a relação de haver uma pedra no nosso caminho para o desenvolvimento, que apesar de serem muitos, um deles é a miséria. Que acaba com a “paisagem” nacional. E a miséria é um dos modos que vem a gerar a violência no país, pois o homem ou a mulher ao ver seus filhos sem ter o que comer e sem ter meios de sobreviver, só resta a forma de furtos ou assaltos à mão armada que, às vezes, acaba em morte. Se abrimos nossos olhos para essas condições pessoais e os nosso governantes, mais ainda, talvez poderemos desenvolver, progredir o nosso país.

Sim há, a relação é que na nossa vida há muitas barreiras que temos que enfrentar, uma delas, que é a mais vista, é a pobreza, a injustiça que os seres humanos têm uns com os outros, devemos sim ajudar quem precisa e não deixar uma pedra atrapalhar nossa vida.

Além do nível de leitura estar aquém da média esperada em estudantes concluintes do ensino médio, nas respostas analisadas, evidencia-se também um grau acentuado de alienação dos leitores. Apenas um aluno inseriu-se no texto pelo foco da mulher, associando a pedra à indiferença dos outros com a situação em que se encontra. A grande maioria dos estudantes inseriu-se nos vazios do texto pelo foco dos passantes. A mulher é, para eles, a representação da pedra. A televisão e a força que ela exerce sobre os indivíduos em momento algum foram suscitadas como uma possível associação com a pedra. Muitos deles se quer sentem-se parte dos problemas sociais, não se colocam como integrantes da sociedade, também responsáveis pelo que nela acontece, são apenas observadores desses acontecimentos, não assumem sua quota de responsabilidade pelo problema.

A alienação diante dos discursos da televisão demonstrada pelos passantes, a ironia contida na linguagem do desenho ou a frase final expressa por escrito no final da animação, também foram elementos não percebidos ou relacionados pelos alunos.

ABRINDO E FECHANDO PORTAS – CONSTRUINDO PONTES

Pautados em indagações suscitadas a partir de hipóteses previamente levantadas e nos objetivos propostos desde a defesa do projeto, é que procuramos desenvolver nossas reflexões ao longo desse trabalho. Procurar entender as relações estabelecidas entre o homem e as artes num universo dominado por valores ditados pela eficiência, pela funcionalidade, pela razão lógica e pelo fetiche da mercadoria foi um dos aspectos que motivou o desenvolvimento de nossas reflexões. Discutir a finalidade de estudar literatura nesse contexto, bem como o papel da escola ao realizar a intermediação entre a obra e o estudante foram outros questionamentos suscitados desde o início desse trabalho.

Os objetivos perseguidos foram, de maneira geral, analisar a importância da leitura da literatura, enquanto prática pedagógica, para os docentes das escolas públicas do DF, e a relevância dessa prática na construção de identidades dialógicas, pautadas na criticidade e nos valores humanísticos. E, de maneira específica, procuramos, verificar como o ensino de literatura se processa nas escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal; ver se há, por parte do professor, uma preocupação político-social no que diz respeito a uma posição ideológica frente à globalização, no trabalho com leitura da literatura; discutir o ensino de literatura dentro de uma visão cunhada pela arte e pela estética em contraposição ao mundo globalizado, permeado pela ditadura do capital e sondar qual a função da literatura na sociedade capitalista, tendo como princípios a busca da criticidade e a construção de identidades pautadas no dialogismo e nos valores humanísticos dos quais o homem se nutre.

Tendo como norte as questões e os objetivos apresentados, fizemos um percurso até chegar à pesquisa acerca das práticas de ensino de literatura no DF. Nesse percurso contamos com algumas limitações que, de algum modo, podem ter influenciado no resultado final do trabalho. Entre essas limitações, podemos situar como a principal delas a questão do tempo para se efetuar uma pesquisa de campo.

Esse aspecto esteve presente no que diz respeito às exigências do período estipulado para a conclusão da pesquisa, o qual acaba por restringir de certa forma, as possibilidades de análise tanto na pesquisa bibliográfica, quanto na leitura dos instrumentos. A questão do tempo também esteve relacionada com os curtos espaços para podermos obter informações com os professores e com os alunos durante as entrevistas. Apesar da boa vontade

demonstrada sempre por parte de todos eles, a rotina atribulada das escolas nem sempre permitiu que os informantes dispusessem de tempo maior para as conversas; em três escolas, por esse motivo, tivemos que suprimir as entrevistas orais, contando somente com os dados dos instrumentos escritos.

Como expusemos na descrição metodológica, essas conversas não compunham as estratégias da pesquisa, porém desde o primeiro momento percebemos que elas eram importantes para a construção de nossas análises. Por isso optamos por transcrevê-las manualmente, uma vez que o uso do gravador foi contestado em alguns casos. Acreditamos que as conversas gravadas poderiam ter enriquecido bem mais nosso estudo, uma vez que, por meio delas, poderíamos ler informações suprasegmentais: entonação, dubitação, gaguejamentos, etc.

Apesar dos fatores mencionados, os quais acabaram por interferir no andamento do trabalho, acreditamos que, de modo geral, nossos objetivos, foram contemplados de maneira satisfatória.

Iniciamos nosso estudo com algumas reflexões procurando contextualizar o mundo pós-moderno globalizado. A condição humana dentro do universo social de globalização tornou-se o foco das atenções no primeiro momento da discussão. No decorrer do estudo confirmamos que as ações, práticas e discursos em torno da globalização resultam do processo de modernidade; todavia concepções diferenciadas do que seja a modernidade foram identificadas, para alguns centrada na eficácia e na funcionalidade das instituições; e para outros, centrada na possibilidade de emancipação dos seres humanos, aspectos de modernidade, funcional e emancipatória convivem simultaneamente.

Percebemos que as estruturas capitalistas do mundo globalizado têm atuado no sentido de fazer as pessoas acreditarem que a autonomia, ou seja, a emancipação dos indivíduos, resulta da eficiência e da capacidade de cada um em interagir com o processo de produção e consumo das mercadorias produzidas pelos mercados globais. A partir dessa constatação - embora tenhamos percebido que, em alguns casos, as práticas educacionais têm alimentado esse discurso - procuramos situar nossas reflexões no sentido de ressaltar a necessidade de se pensar a escola bem como a literatura dentro dela, enquanto espaços de desalienação e de formação de sujeitos mais conscientes, nesse contexto.

A partir dessas constatações e intenções, no curso da pesquisa outras questões se evidenciaram, entre elas destacaram-se as relacionadas aos processos de criação, produção, circulação e recepção da literatura numa sociedade reificada, onde os valores como humanidade, autenticidade, sensibilidade, reflexão e criação, próprios do universo humano e

da expressão artística, estão comprometidos pela razão utilitarista e pelo embotamento dos sentidos; a importância da literatura para os sujeitos sociais nesse contexto e da autonomia, no sentido de consciência crítica dos cidadãos nas sociedades globalizantes. Sublevou-se no tocante à função da escola no processo de intermediar as experiências de leitura nesse universo.

Tais questionamentos foram motivados porque indiciam a pré-disposição de entender e discutir a criação literária como uma importante aliada no processo de representar e fazer pensar a vida social e individual no mundo contemporâneo.”

Buscando elementos que pudessem dar sustentabilidade a essa compreensão acerca da literatura, procuramos situar nossas reflexões em estudos teóricos preocupados em estabelecer relações entre literatura e sociedade, principalmente, recepcionais e bakhtinianos, os quais entendem a obra artístico-literária enquanto instrumento de comunicação entre os universos individuais e sociais do leitor.

Concluimos, a partir desses estudos, que a literatura é manifestação subjetiva e objetiva de quem escreve e de quem lê. Ela é, portanto, representação subjetiva das questões sociais. Ao interligar o social o individual e o estético pelo processo de leitura, a literatura pode levar o leitor a compreender a si mesmo, ao outro e ao mundo a sua volta. Nesse sentido é que acreditamos que a leitura literária permite ao homem compreender e perceber de modo crítico e consciente os instrumentos discursivos propostos pelo mundo global, os quais se movem com vistas à promoção da alienação e à massificação dos sujeitos. Os estudos bakhtinianos e recepcionais atuaram com vistas a esclarecer e a reafirmar a nossa compreensão acerca da literatura enquanto instrumento também de libertação e desalienação dos indivíduos pós-modernos.

Concluimos, porém, que a literatura só poderá exercer tal papel se for produzida e lida de maneira autônoma, livre da apropriação dos mercados de produção do capital global. Nesse sentido, procuramos realizar uma reflexão a partir de teorias que discutem o lugar da literatura no mundo contemporâneo, no que diz respeito às influências dos meios tecnológicos sobre a criação, circulação e recepção do objeto estético.

Finalizamos essa discussão pautados na visão teórica de Jauss que, além de refutar as tendências nihilistas em relação à sobrevivência da literatura nesse contexto, também acredita que tal sobrevivência é garantida pela recepção. Sabendo que, na literatura, a recepção se dá por meio da leitura, procuramos a partir daí desenvolver nossas análises sobre a leitura da literatura tendo como referência o principal espaço de formação de leitores no Brasil: a escola.

Passamos então a discutir a literatura enquanto componente curricular das escolas brasileiras, desde o Brasil Colônia até as orientações mais recentes contidas nos PCNs. Concluimos que as práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino de literatura, além de mantê-la isolada das relações sociais, contribuíram para torná-la uma matéria desinteressante e sem utilidade para a vida prática dos estudantes. Percebemos também que, contraditoriamente, a literatura foi trabalhada ao longo dos anos, nas escolas brasileiras, não como algo a ser lido, mas sim como algo a ser aprendido.

Os PCNs, portadores das mais recentes orientações de leitura em ambiente escolar, centrados em Bakhtin, parecem trazer novas concepções de leitura para o trabalho pedagógico. As propostas didáticas, no que se refere ao ensino de leitura, são representativas das mais recentes discussões acadêmicas sobre o assunto. Apesar disso, pôde-se constatar que, embora os PCNs apresentem propostas inovadoras acerca da leitura em sala de aula, a maneira como foram implementadas - sem que se observassem as reais condições da escola, dos professores e dos alunos - e os próprios objetivos que visam alcançar - integrar o sistema educacional à realidade de globalização, o que levaria à formação de indivíduos mais ágeis e eficientes na resolução de problemas cotidianos - contraria as propostas de formação de um cidadão crítico e consciente dos seus papéis sociais e individuais nesse contexto.

Nesse momento, procuramos também desenvolver uma reflexão acerca do tipo de leitor característico do ensino médio. Constatamos que o que caracteriza os leitores do ensino médio é, sobretudo, o fato de serem jovens, prestes a assumirem seus papéis sociais e individuais, sendo, portanto, alvos dos meios de comunicação de massa. Constatamos que, por intermédio do processo de identificação, possível pelas representações, os mecanismos de comunicação de massa direcionam a assunção das posições de sujeito social ou particular que nós assumimos. Com base principalmente nos estudos bakhtinianos e recepcionais, concluimos que, sendo a literatura também representação, ela pode contribuir para a formação das identidades dos alunos não como leitores recebedores passivos, mas como cidadãos conscientes e participativos do meio em que vivem.

Finalizando nossas reflexões, apresentamos os resultados da pesquisa realizada nas escolas públicas de ensino médio do DF com professores e alunos do terceiro ciclo desse período de escolarização. Com base nas informações contidas nos instrumentos de coletas de dados, nos diálogos, nas observações e nas anotações resultantes das entrevistas e encontros, procuramos discutir os aspectos que permeiam os estudos literários em salas de aula do Distrito Federal.

Nas reflexões referentes aos alunos, centramos nossa atenção na receptividade deles em relação à literatura. No que se refere aos professores, nosso foco de discussão centrou-se nas questões metodológicas, no uso de instrumentos tecnológicos nas influências do PAS, na postura do professor enquanto leitor e por fim realizamos uma análise de leituras realizadas com alunos voluntários da terceira série do ensino médio. A partir dessas análises pudemos concluir que além da qualidade nos níveis de leituras apresentadas estarem aquém do esperado, a alienação demonstrada pelos alunos diante do discurso televisivo foi outro aspecto que se evidenciou nessa análise.

Longe ainda de serem considerados um modelo de ambiente para a educação literária, ao procedermos às análises a respeito das colocações dos professores e dos alunos, percebemos que as escolas do DF apresentam várias dificuldades das apontadas por estudos e pesquisas referentes à leitura do literário nas escolas, em geral. Entretanto, é possível perceber que no DF o ensino de literatura caminha na direção de evidenciar um crescimento, uma postura diferenciada nesse ramo de ensino.

Se por um lado as entrevistas revelaram que alguns alunos já demonstraram uma certa desenvoltura ao falar sobre literatura, por outro, os docentes informantes fizeram algumas considerações que demonstraram preocupações no sentido de tornar a leitura do literário mais atraente e interessante para os alunos. Houve também notadamente uma preocupação em discutir e relacionar o lido com as questões sociais. Percebemos que o Programa de Avaliação Seriada (PAS/UnB) tem tido uma preocupação acentuada com os docentes. Em relação à formação constante, tem contribuído sistematicamente para essa perspectiva diferenciada, no que se refere ao ensino de literatura no ensino médio do DF.

Apesar dessa percepção diferenciada pudemos também constatar que essas conquistas, poucas vezes, foram traduzidas pelos docentes de modo que demonstrassem entusiasmo ou até mesmo crença verdadeira de que pudessem contribuir efetivamente para um mundo e um homem melhor. Durante as incursões às escolas e devido à própria observação do cotidiano realizada, enquanto professora, pude perceber o sentimento de ausência como o mais característico dos sintomas no momento em que a educação pública agoniza.

Usando a sensibilidade aliada à análise, conforme as orientações de Bachelard, foi possível perceber que a paixão, o entusiasmo e a alegria, parecem ser ingredientes que se dissiparam no cotidiano das escolas. A névoa que cobre as escolas é contaminada por uma apatia reinante. Ela é triste, sem vida, sem pulso nem impulsos. A falta de desejo, de pulsação à qual se refere Roland Barthes (2004: 335) é algo presente na atmosfera da escola pública do DF.

O sentimento de luta, de resistência e de conquista, anteriormente característicos da escola pública do DF, parecem ter sido substituídos por um sentimento de resignação e indiferença que incomodam. Essa situação possivelmente reflete, entre várias outras coisas, a desvalorização do ensino, dos professores e dos próprios alunos⁵⁸.

Diante de tantos problemas a serem gerenciados todos os dias, o professor parece se sentir impotente. Paralelamente às péssimas condições de trabalho, à falta de material, o autoritarismo, os baixos salários... etc, os educadores ainda administram os conflitos, a violência, enfim, a desestabilidade social que ultrapassam os muros da escola. Os alunos, por sua vez, têm consciência de que não recebem uma educação de qualidade, portanto, não se sentem capazes de concorrerem de modo igualitário em concursos, em vestibulares etc. Concluem, portanto, que têm poucas opções na vida acadêmica e na vida profissional. Sabem que, assim como seus pais, continuarão ocupando vagas nos chamados subempregos; têm consciência de que numa sociedade em que a educação tornou-se também mercadoria de consumo, e que o acesso ao consumo não é o mesmo para todos, uma educação de qualidade só será acessível para quem tiver condições de pagar e pagar caro por ela. Essa parece ser uma das maiores repercussões do contexto de globalização nas escolas.

Por outro lado, essa consciência dos alunos da rede pública é constantemente reforçada pela divulgação de resultados de concursos, vestibulares e processos avaliativos de modo geral, bem como pelas imagens estampadas nos jornais, na televisão, etc.

Sabemos dos graves problemas que afligem a escola pública; porém, muitas vezes parece não haver, nesses meios, somente a intenção de denunciar a situação no sentido de buscar melhorias. Os discursos parecem ser construídos com a finalidade de estabelecer comparações e ressaltar as diferenças entre escolas públicas e privadas.

Com base nessas considerações pode se afirmar ser o modelo de escola assumido e propagado pelos poderes públicos semelhante àquele proposto pela burguesia, quando essa propôs uma democratização do ensino ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, criou e alimentou uma escola para pobres e outra para ricos. Enquanto a escola para os ricos priorizava a formação de sujeitos para exercerem o poder, a escola destinada aos pobres tinha por finalidade formar mão de obra especializada, ou seja, formar operários. A escola era um instrumento eficaz no controle e manutenção das estruturas sociais estabelecidas.

⁵⁸ Além dos fatores expostos, acreditamos que esse sentimento de desânimo é também gerado pela ausência de um processo democrático e participativo na escolha dos dirigentes. Com o fim das Gestões Democráticas, a escolha de Diretores passou a ser por indicação, obedecendo, com frequência, a interesses políticos de grupos determinados. Aos componentes da escola cabe somente acatar essas decisões. Além de interferir no processo pedagógico, essa ação leva à sensação de impotência em termos de participação.

Na globalização, além dessa questão, pode se observar que essa divisão é marcada por fatores visivelmente mercadológicos. Por ter se tornado uma importante mercadoria de alto valor numa sociedade em que a ascensão social está ligada à escolarização, a escola tornou-se um produto lucrativo a ser comercializado, e as imagens produzidas pelos meios de comunicação de massa, ao desmoralizar as instituições públicas de ensino, favorecem a venda desse produto nas redes privadas.

Reagir a esses problemas não é tarefa simples, mesmo porque diariamente as pessoas são expostas a uma série de idéias estrategicamente construídas com a finalidade de anular a capacidade crítica do sujeito, levando-o à apatia e ao conformismo. Porém, o conformismo e a apatia são sentimentos contrários ao espírito de conquista, confiança e esperança que devem permear o processo educativo. O papel da educação é, principalmente, tornar o sujeito mais consciente, capaz de questionar e decidir. Esse estado atual que se afigura leva a repetições rotineiras, sobrepondo a capacidade de criar, de recriar, de opinar...

Assim, nas ações em sala de aula, em relação ao ensino de leitura, parece que tudo se tornou apático, sem graça. Segundo os estudantes entrevistados, as aulas são repetitivas, sem criatividade e não despertam o ânimo deles. Os próprios professores, por sua vez, ressentem-se do fato de que atividades com música, teatro, etc, realizadas com a finalidade de chamar a atenção dos alunos, já não surtam mais nenhum efeito sobre eles.

A partir das colocações dos alunos e dos professores, acreditamos haver duas possibilidades de análise: a primeira diz respeito ao fato de serem os alunos expectadores de imagens estrategicamente elaboradas, com a finalidade de seduzi-los; assim sendo, habituados à multiplicidade de linguagens, dificilmente os métodos tradicionais pautados quase sempre na trilogia quadro negro, voz e livro didático, poderão surtir algum efeito sobre os jovens dos novos tempos.

A segunda possibilidade de análise concentra-se no fato de que as tentativas de inovações podem não estar surtindo efeito pelo simples motivo de que, muitas vezes, essas atividades estarem sendo realizadas mais para cumprir um ritual ou para se inserir no discurso do “algo diferente”, tão comum nas práticas pedagógicas na atualidade, do que propriamente enquanto ação pedagógica revestida de criatividade, de consciência metodológica e realizada com entusiasmo capaz de contagiar e envolver o aluno.

Podemos perceber que nas escolas públicas aqui no DF é possível visualizar uma certa consciência da necessidade da leitura. Muitas delas desenvolvem projetos direcionados para a formação de leitores. Recitais, encenações teatrais, rodas de leituras entre outros, fazem parte dos projetos pedagógicos das escolas. Porém, somente estas atividades desenvolvidas no

âmbito escolar não garantem o envolvimento por parte dos alunos ou mesmo dos professores. Talvez, como afirma, Ezequiel Theodoro da Silva (2002) não basta a existência de projetos simplesmente, é necessário o conhecimento, por parte daqueles que lidam com os projetos de leitura, dos fundamentos teóricos e práticos de seus projetos; é preciso envolvimento político com a sua ação, ou seja, há de se ter entusiasmo quando se fala de leitura de literatura, pois a linguagem lírica necessita de paixão, necessita de atitude, de envolvimento...

Muitas vezes e com certa freqüência, quando foi solicitado aos alunos entrevistados falarem ou opinarem acerca do trabalho com leitura realizado em sua escola, percebemos que não tinham conhecimento suficiente para falar a respeito desses projetos. Há casos em que os alunos desconhecem a existência dessas atividades na escola.

Não se quer, aqui, questionar a relevância de projetos dessa natureza no interior da escola. A importância da realização de trabalhos preocupados verdadeiramente com a prática de leitura, que veja a escola como espaço de formação de leitores, é inquestionável. Mas é relevante a compreensão de ser mais importante o envolvimento do aluno nesses projetos que a existência de projetos de leitura na escola; é essencial criar condições efetivas de leitura que faça da escola um espaço de referência nessa prática.

E o que percebemos é que a escola não é um espaço de leitura. Não se lê na sala de aula, porque o tempo exíguo de uma aula de 45 a 50 minutos não permite a concentração necessária para a leitura, principalmente em se tratando de literatura. Não se lê em sala também porque o excesso de alunos, somado ao desconforto das cadeiras e ao burburinho da escola, não permitem.

Não se lê na biblioteca porque normalmente os trabalhos da biblioteca não estão interligados às atividades dos professores. Além de estar longe de ser um espaço de referência de leitura para os alunos, a maioria das salas de leitura das escolas, não dispõe de espaço adequado e nem de pessoal preparado efetivamente para atuar em bibliotecas. Normalmente os atendentes das bibliotecas são professores readaptados, e não bibliotecários. A falta de leitores integrados às bibliotecas nas escolas pode ser avaliada pelos baixos índices de alunos associados às bibliotecas. Num universo de mil alunos, normalmente são associados à biblioteca uma média de noventa alunos. Desse modo, as bibliotecas, em geral, dizem atender aos alunos mais para fazer pesquisas e menos para leitura. As obras literárias são normalmente emprestadas aos alunos para serem lidas em casa. Numa entrevista com uma professora responsável pela sala de leitura de uma das escolas visitadas, ela nos revela que em toda a escola ela seria capaz de listar apenas de três a nove alunos leitores, ou seja, alunos que freqüentemente levam livros para casa para serem lidos.

Acreditamos que o ambiente escolar só poderá ser visto como espaço de leitura, quando a escola, de modo democrático, numa ação conjunta envolvendo todo o corpo administrativo, docente e discente, encontrar caminhos que possibilitem o resurgimento de sentimentos de confiança, alegria e entusiasmo no processo de ensino. Na existência desses, as dificuldades continuarão, mas serão mais facilmente vencidas, e o ato de educar não precisará mais ficar tão dependente de ações cada vez mais complexas e cada vez menos interessantes e envolventes, pois está claro que se houver um pequeno gesto, uma pequena palavra sobre um determinado livro “pode fazer nascer o brilho nos olhos do aluno que ouve o professor falar de literatura” (R.L. Aluna informante)

Segundo Ezequiel Theodoro da Silva as noções de esperança, confiança e conquista são indissociáveis à prática pedagógica

Os homens fazem a história quando se movimentam no horizonte da esperança. Os homens superam as circunstâncias vividas no presente quando juntos, numa mesma motivação, compartilham da confiança. Os homens estabelecem novas formas de convivência e de ação social quando se situam no horizonte das conquistas. (SILVA, E.,1988:12)

Em se tratando principalmente de leitura da literatura, a palavra do professor em que se evidenciam o entusiasmo, o prazer e a paixão ao falar de uma determinada obra ou de um determinado autor irá contagiar o estudante para fazê-lo ir à busca da leitura. Assim, pode se dizer que falar e ouvir falar de literatura é parte integrante e indispensável no processo pedagógico, cujo objetivo é estimular a vontade do aluno pela leitura.

A escola deve ser vista como um processo institucional. Para que se realize plenamente a prática educacional, é necessário o envolvimento de todos, desde aqueles que elaboram os currículos e os PCNs até e principalmente daqueles que os colocam em prática: os professores. Por isso, pensar uma educação verdadeira, democrática, capaz de formar o sujeito para o exercício pleno da cidadania, exige a participação integral de todos os envolvidos processo.

Acreditamos que é preciso confiar; dar significados e sentido à carreira do magistério de literatura, sob pena de contribuir cada vez mais para a desumanização do humano – na análise de leitura a grande maioria dos alunos identificaram os pobres como sendo a pedra (ser inanimado) no meio do caminho. É significativo que enquanto educadores e formadores de seres humanos, cidadãos e sujeitos conscientes, nos indaguemos sempre sobre o porquê de se estudar e ler literatura hoje.

Nesse sentido, é que acreditamos serem, também, os pequenos gestos que garantem o desenvolvimento efetivo de práticas de leitura na escola: são gestos como os da professora,

CA que, aos vinte e dois anos de profissão, ainda se emociona ao falar do sucesso de seus alunos. É exemplar o entusiasmo transmitido pela professora CA, ao falar das atividades que desenvolve na biblioteca onde atua. É ímpar a consciência da importância da leitura da literatura na formação do sujeito cidadão que salta das palavras ditas ou escritas pela professora CN, respondendo a respeito da importância da literatura na escola. Ela elabora um pequeno e sensível manifesto, com o qual encerramos esta reflexão.

Através da leitura, as pessoas obtêm preparo para a vida. Ela prepara o aluno para as mudanças sociais, articula diferentes linguagens e seus contextos, exigindo reflexão sobre a língua, as pessoas. Gera organização do mundo e da sua própria identidade. Desenvolve a imaginação, análise e reflexão (....)

O professor tem que ser inesquecível, formando seres humanos que farão diferença no mundo. Porque as informações são arquivadas na memória, as experiências são cravadas no coração.

Ainda há esperança para a educação!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ALMARZA, Sara. *Literatura e globalização*. Revista Cerrados/Publicação do Departamento de Teoria Literária e literatura, (org) Sylvia Helena Cyntrão, ano 13, nº 17 (2004). Brasília, 2003.
- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Denesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALLARD, J. G. *Crash: estranhos prazeres*. Trad. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1967.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: UCITEC ANNABLUME, 2002-a.
- _____. A pessoa que fala no romance. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Helena spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: UCITEC, 2002-b.
- _____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 4ª ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. Literatura / Ensino In: *O grão da voz*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica. In: LIMA, Luís Costa. (org.) *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. A tarefa renúncia do tradutor. In: *Clássicos da teoria da Tradução* (org) Heidemann, W. Trad. Susana Kampff Lages. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina / Núcleo de Tradução, 2001(v.1).

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto alegre: Mercado Aberto , 1993.

BORGES, Priscilla. *Avaliação Suave*. Correio Braziliense, Caderno Gabarito de 28 de novembro de 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da Herança. In: LINS, Daniel.(org.) *Cultura e subjetividade: Saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estruturas para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2003.

CHKLOVSKI, Vitor. Arte como procedimento. In: *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski, Maria Aparecida Pereira, Regina L. Zilberman, Antônio Carlos Hohlfeldt. (org.) Dionísio de Oliveira Toledo. Porto Alegre: Editora Globo 1976.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

COSTA, Lígia Militz da. *A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Trad. Stela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIOS, Cyana Leahy-. *Educação literária como metáfora social: Desvios e rumos*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2000.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FINKIELKRAUT, Alain. *O sentido da herança*. Entrevista concedida Label France em janeiro de 2002, nº 38. Disponível no site abr/label/label38/dernier/02heritage.html.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Trad. Leandro Konder. 9ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.

FONSECA, Kátia Cristina Ayres da. *A representação do leitor em A rainha dos cárceres da Grécia, de Osman Lins: uma reflexão para a formação de leitores*. Dissertação de mestrado em Teoria da Literatura defendida na Universidade de Brasília em 2005.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Editora 34, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas*. In: *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

IANNI, Otávio. *Globalização e diversidade*. In: *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *A ocidentalização do mundo*. In: *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1 e 2. Trad. Johnnes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

JAMESON, Fredric. *A cultura do Dinheiro: Ensaio sobre a globalização*. Trad. Maria Elisa Cevalco, Marcos César de Paula Soares. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli, São Paulo Editora Ática, 1994

_____. *O texto poético na mudança de horizonte da leitura*. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002-a.

_____. *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002-b.

_____. A estética da recepção: colocações gerais. In: LUIZ, Costa Lima (org.) *A leitura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002-c.

JOSETTI, Celina Cassal. *Leitura e escola: embate ou conciliação*. Dissertação de mestrado em Teoria da Literatura, defendida na Universidade de Brasília em 2004.

KOVADLOFF, Santiago. A palavra no abismo: poesia e silêncio. In: *O silêncio Primordial*. Trad. Eric Nepomuceno e Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996

LAGE, Micheline. *Ler sem doer*. Dissertação defendida no Departamento de Teoria Literária da UnB em 1999

LIMA, Luiz Costa (org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, Rogério. *Protocolos da literatura no contexto da globalização cultural*. Revista Cerrados / publicação do Departamento de Teoria Literária e literatura,(org). Sylvia Helena Cyntrão; ano 13, nº 17. Brasília, 2003.

LONTRA, Hilda Orquídea Hartmann. *Com ciência e arte: o ensino de Literatura em segundo grau*. Vol. I e II. Tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1991.

LUCCI, Elian Alabi. *A educação no contexto da globalização*. texto consultado na internet no site <http://ww.hottopos.com/mirandun/globali.htm>.

MALARD, Letícia. *Ensino de literatura no 2º grau: problemas e perspectivas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Ieda. *O contrato de Comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2003.

PAÍN, Sara. *A função da ignorância*. Trad. Maria Elísia Valliatti Flores. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

PLATÃO. *A República* Trad.Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret,2001.

- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de Identidade. In: LINS, Daniel (org.) *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Reinventando as humanidades*. In: Revista Humanidades. Brasília: UNB, 2003.
- _____. Interrogando a modernidade. In: *Interrogações*. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 2003.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Trad. de: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Trilogia pedagógica. Leitura em curso*. São Paulo: Autores Associados, 2003a.
- _____. *Trilogia pedagógica. Unidades de leitura*. São Paulo: Autores Associados, 2003b.
- _____. *Trilogia pedagógica. Conferências sobre leituras*. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- _____. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez Editora Cortez, 2002
- _____. *Os descaminhos da escola: traumatismos educacionais*. São Paulo: Cortez e Mares, 1979.
- _____. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes 1988.
- _____. (org). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SILVA, Jadiane Pereira da. *O sujeito-leitor nos PCNs*. Dissertação de mestrado em Teoria Literária defendida na UnB em 2004.
- SILVA, Luiz Heron da. (org). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- SILVA, Maurício. *Repensando a leitura na escola: um outro mosaico*. Rio de Janeiro: EdUFF, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In. SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. (org.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, 2005.

ZAGURY, Tânia. *O professor refém*. Revista Veja de 05 de abril de 2005

ZILBERMAN Regina. (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.

_____. e LAJOLO, Marisa, *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

Revistas, periódicos e outros.

CADERNO DE ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS Nº 5. *Questões de leitura, literatura, escola e prazer*. (org) Hilda Orquídea Hartmann Lontra. Universidade de Brasília, 2000.

REVISTA CERRADOS. *Literatura e Globalização*.(org) Sylvia Helena Cyntrão. Revista nº17 do programa de Pós-Graduação em literatura. Universidade de Brasília, 2004.

OFÍCIO-CIRCULAR CESPE N.º 129/2005.

INEP, censo do ensino superior de 2003, [http://www.educacao superior.inep.gov.br](http://www.educacao.superior.inep.gov.br)

Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnologia .- Brasília Ministério da Educação, 1999.

Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal – Ensino Médio- Versão Preliminar , Janeiro de 2000.

Bibliografia literária

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TORRES, Antônio. *Essa terra*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004

ANEXO

AOS PROFESSORES E ALUNOS

Para a concretização desse trabalho pude contar com o carinho, a atenção e a colaboração de muitos. Porém com algumas pessoas estabeleci parcerias. Os professores e os alunos foram os parceiros que me acompanharam desde o início dessa jornada.

Inicialmente eram apenas categorias: alunos e professores, docentes e discentes, educandos e educadores... eram parte de um projeto a ser desenvolvido. Ao começar as entrevistas, de maneira ainda tímida e tateante, essas categorias foram, juntamente com os meus pensamentos e objetivos, tomando forma, materializando-se gradualmente, não mais somente enquanto objeto de estudo, mas principalmente, enquanto pessoas com sonhos, crenças e desejos. Com rostos e pensamentos próprios. Tornaram-se seres reais, suas falas, opiniões e colocações se mesclaram aos de estudiosos e aos meus próprios.

Em diversos momentos as observações dos informantes tornaram-se ponto de partida para o desenvolvimento das reflexões propostas, assumindo posição central no decorrer deste trabalho. Dos professores e alunos que participaram das entrevistas ou do trabalho de leitura, tive, além do carinho, da atenção, da colaboração e da compreensão, a presença direta na elaboração e desenvolvimento das reflexões e análises a que me propus realizar.

Desse modo, sou verdadeiramente grata a todos os alunos que ajudaram a construir esse trabalho concedendo-me as entrevistas ou realizando voluntariamente as leituras para análise.

Aos professores: Ana Lúcia de Paula, Célia Maria Macedo, Cenice Aparecida de Oliveira, Cláudia Nascimento, Gislaine Campos Fernandes, Joselita, Meire de A. Martins, Raimundo Reinaldo de Paiva Dutra, Simone M. de Oliveira, Ubirajara, Wanderley N. de Paiva, Valesca Zerbinato Velásquez, que, mesmo na correria do dia-a-dia das escolas, dispuseram-se a suspender suas tarefas para me conceder as entrevistas. Agradeço ainda, por terem me indicado e permitido que realizasse o trabalho com seus respectivos alunos.

Meu muito obrigado também a Cláris Alves, Maria Geralda, Maria Lourdes, Núbia, Elizete de Pinho, professoras atuantes em salas de leitura a quem tive oportunidade de entrevistar.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: _____

Professor: _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?

() sempre () com freqüência () às vezes () nunca

a) Quais são eles? _____

b) Quais são os passos deles? _____

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? _____

b) Quais os que já terminou de ler este ano? _____

c) Qual está lendo ou relendo agora? _____

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

- a) literatura _____
- b) leitura _____

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:
1) _____ 2) _____ 3) _____
Negativo:
1) _____ 2) _____ 3) _____

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?
() Por quê?

Obs: _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a): _____

Turma: _____

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- () Matemática () Biologia () Sociologia
() Física () História () Português e Literatura
() Química () Filosofia () Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? _____

Quantos livros (média) lê por ano? _____

Quais os que já terminou de ler este ano? _____

Qual está lendo agora? _____

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série _____

2^a série _____

3^a série _____

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? _____

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° _____	4° _____
2° _____	5° _____
3° _____	6° _____

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Obs: _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

Escola: _____
Professo _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?
() sempre () com freqüência (x) às vezes () nunca

a) Quais são eles? O método, em qual, os professores não
diminuem. Eu procuro motivar e mudar
o método, a fim de ter aulas mais interessantes.

b) Quais são os passos deles?
Diálogo sobre os livros; a análise da
linguagem do período e por fim da obra,
permitir criar a partir do que se lê.

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

Sempre que possível. Uso para motivar con-
fundo de informações por exemplo: uma obra
lida versus o filme da própria obra; a internet
é usada como veículo de pesquisa, mas o aluno
deve trabalhar com a refacção ou resumo de
que encontrou.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Sempre que possível. Costamos inseridos num
contexto no qual não valorizar o PAS é
perder grandes oportunidades de vivenciar
novas experiências e resultados.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

- músicas
- textos críticos
- jornais

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? no mínimo 5, no máximo 7.

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Inteligência Emocional (Daniel)
Crônicas para se ler na sala (Alexisimo); Quanto de Despedida (Joleman)

c) Qual está lendo ou relendo agora? Inteligência Emocional.

(Carolina)
de Jesus

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

- razão
- conhecimento
- emoção

O Alto Conjugal
etc.

- a) literatura: Cultura, transformação, renovação.
b) leitura: frase, visão, reflexão.

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?

Procuro conhecer o contexto histórico, social, político em que foi escrito.

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?

É insatisfatória. Os alunos têm pouco.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo: O tipo de trabalho do professor • Permitir o diálogo sobre a obra • Reproduzir por meio da leitura.

Negativo: ser para • obra.

1) fazer provas. 2) impor o que se deve ler. 3) •

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(10) Por quê?

A leitura é fundamental para o enriquecimento e compreensão de tudo que envolve a vida.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: _____

Professo _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?

() sempre () com freqüência (x) às vezes () nunca

a) Quais são eles? Aula expositiva, encenação, trabalhos diferenciados (em grupos), análise literária de textos.

b) Quais são os passos deles? Leitura da obra, análise literária, aprofundamento, seminários, análise do autor e da obra contextualizando-a etc.

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

Não sempre. Análise a obra e o autor às vezes busco informações e declarações novas do mesmo.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Sim e analiso a obra do PAS mas, não fico presa somente a elas!

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Sim! faço uma releitura de textos e textos produzidos pelos alunos, analogia com a experiência e a realidade do aluno, compara as escolas literárias entre outras.

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? Vários

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Seminário, Auto Compa de Cida, A Paixão Segundo G.H., A Paixão entre outros

c) Qual está lendo ou relendo agora? A Paixão Segundo G.H.

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

leituras

a) literatura

Motivação, prazer, liberdade.

b) leitura

literatura

arte, conhecimento, gosto, atenção.

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?

Inserir no conteúdo que está sendo ministrado; análise crítica, despertar maior interesse.

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?

Satisfatória.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:

1) ampliação do vocabulário 2) ampliação do conhecimento de mundo 3) o aluno mais crítico e motivado.

Negativo:

1) motivação 2) filme 3) interesse.

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

() Por quê?

Muito importante a literatura ser como disciplina, inserir o aluno no contexto histórico, ampliar o conhecimento por meio de artigos, sites, da interdisciplinaridade. Envolve basicamente todas as disciplinas. (História, arte, filosofia, biologia entre outros) Nota: 10

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: _____

Professor _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?

() sempre () com freqüência () às vezes (x) nunca

a) Quais são eles? leitura de fragmentos, levantamento de características do período literário, análise dos fragmentos, leitura de livros, blocos textuais, parágrafos, roda de leitura, debate.
b) Quais são os passos deles? Indicação de livro, tempo para a leitura, discussão da forma de análise.

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

às vezes. consulta a resenhas e Teses

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Sim. Tempo em vista, que quase 100% dos alunos tentam o PAS, há a necessidade de desenvolver uma análise de todos os livros indicados.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Indicação de livros referentes ao período literário estudado, textos (fragmentos) para análise redacional e interpretativa.

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? ± 24

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Jônias - Código da Trança, Assassinate na A. Brasileira, As cinco pessoas que encontramos no céu.

c) Qual está lendo ou relendo agora? A arte da guerra.

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

* como formas de oratória?

a) literatura raciocínio, prazer, aprendizagem,
b) leitura habilidade, hábito,

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?
em sala: 1º indicação do PAS; 2º período literário;
3º resenha literária e avaliação redacional

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?
Dependendo do incentivo, grande parte
realiza com grande estímulo, contudo a
opção natural é por novelas.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:
1) nota 2) comentário do prof 3) comentário do colega

Negativo:
1) falta de livro 2) língua antiga 3)

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(10) Por quê?
é através da literatura que os alunos
desenvolvem o raciocínio e adquirem
seus conhecimentos

Obs: _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: _____
Professor: _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?
() sempre () com freqüência (x) às vezes () nunca

a) Quais são eles? Após a leitura de textos e feitos debates, procurando principalmente comparar os conhecimentos já adquiridos com os novos.

b) Quais são os passos deles? responderido acima

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

A Internet sim. Para pesquisa.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Quanto a indicação sim. Para os os alunos que lêem são dadas explicações, esclarecimentos de dúvidas.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

contos, editoriais e excertos de obras literárias.

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? variável - dependendo da disponibilidade

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Contos de Inês, Madame de tempo

c) Qual está lendo ou relendo agora? O solido do livro emprestado

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

a) literatura cultura
b) leitura conhecimento - vocabulário

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?
Pelo prazer da leitura

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?
Quando eles questionam alguma passagem ou criticam a obra

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:
1) Interesse de cada um 2) _____ 3) _____

Negativo:
1) Incentivo familiar 2) meios tecnológicos 3) Obrigatoriedade

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(10) Por quê?
Desperta o senso crítico, enriquece vocabulário e ajuda na escrita (redações)

Obs: _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: P.

Professor: _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?

() sempre (X) com frequência () às vezes () nunca

a) Quais são eles? Leitura, pesquisa, compreensão, levantamento de ideias, hipóteses, conclusões, discussão, elaboração de texto (com base na pesquisa, compreensão, conclusões, etc.)

b) Quais são os passos deles? 1) Leitura, apresentação do tema; 2) Compreensão - trabalho com a obra/tema; 3) Pesquisa - seleção de dados, informações além daquelas dadas em sala de aula; 4) Discussão - elaboração das observações, hipóteses e conclusões em sala; 5) Produção de texto (ensaios).

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

Sim. Seleção, apoio de material fornecido pela TV Escola, filmes de acordo com temas abordados. Ensaios fornecidos por sites confiáveis.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Não. Houve a escolha pessoal de trabalhar tais literaturas a partir do 3º Bimestre.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Contos, Romances. No 3º bimestre, não trabalhar com o vídeo do pagador de promessas.

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? Cerca de 5 livros.

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Os dois solicitados junto as turmas que leciono.

c) Qual está lendo ou relendo agora? "Senhora" José de Alencar.

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

- a) literatura arte, criatividade, inovação
b) leitura informação, escrita, conhecimento

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?
Exposição do conteúdo, do autor, do tema.

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?
Os alunos não estão acostumados a ler, não gostam de ler.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:

1) Contato com a língua 2) Contato com informações 3) Contato com a arte através
Negativo: sem escrita. diversas. da palavra.

1) _____ 2) _____ 3) _____

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(10) Por quê?

A leitura é o meio pelo qual se alcança novas
informações e se aprimora o conhecimento. Por meio
dela o aluno reconhece seu código linguístico,
torna-se um escritor, e também um interlocutor interagindo
com outros.

Obs: _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753
Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra
Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: 1
Professor: _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?
() sempre () com freqüência (X) às vezes () nunca

a) Quais são eles? Leitura de textos, aula expositiva, seminários, apresentações teatrais, recitais entre outros.

b) Quais são os passos deles? Interpretação após a leitura do texto didático e resolução de exercícios; orientação da pesquisa para seminários e etc.

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

Não.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Não, pois depois de feito um levantamento acerca de quem faria o PAS - 3ª etapa não havia um a-luno sequer que iria fazer a prova.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Alguns textos como os das músicas populares e outras que trabalham autoestima.

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? entre 8 e 12.

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Nunca desista dos seus sonhos, Derubando Gigantes, O Código da Vinci, Bem e o mal (Aitch)

c) Qual está lendo ou relendo agora? Pequeno tratado das grandes virtudes.

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

- a) literatura arte, texto, cultura
b) leitura inteligência, de entretenimento, expansão.

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?

A contextualização entre o conteúdo da obra e a realidade dos alunos ou relação com o conteúdo programático.

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?

Muito ruim.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:

1) Tema 2) Contextualização 3) _____

Negativo:

1) Falta de Interesse 2) Falta de Hábito 3) Dificuldade de interpretação.

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(10) Por quê?

Porque a literatura é uma das formas de aquisição da história e cultura brasileira como também uma maneira de expansão da inteligência (estruturas mentais) interpretativa.

Obs: _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
 Departamento de Teoria Literária e Literaturas
 Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753
 Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra
 Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: _____
 Professor: _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?
 () sempre () com freqüência (X) às vezes () nunca

a) Quais são eles? livros, textos diversos, pesquisas a parte.

b) Quais são os passos deles? Observação do conteúdo a ser dado, pesquisas sobre o mais interessante em relação aos livros.

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

sim, pesquisando e passando trabalhos p/ os alunos.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

sim, porque além de ser interessante ajuda a os alunos caso não se no PAS, mas em concursos e vestibulares.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Textos retirados em livros diversos.

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? 4 de 6

b) Quais os que já terminou de ler este ano? A Bagaceira, Sentimento do Mundo, Aliviando a Bagagem, Oração, Bíblia...

c) Qual está lendo ou relendo agora? Bíblia.

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

- a) literatura - importante - interessante - pouco tempo.
b) leitura - atenção, interpretação, assimilação.

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?

A minha pré-leitura, indicação no caso da escola (livros do PAS)

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?

- Desinteresse, passiva, ampla.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:

1) atenção 2) interpretação 3) assimilação

Negativo:

1) pouca leitura 2) desatenção 3) falta de interesse.

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(10) Por quê?

Porque ela amplia o conhecimento e nos ajudará futuramente em assuntos e atividades futuras, tais como: concursos, redações, vestibulares, entrevistas, etc.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753
Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra
Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: _____
Professor _____

Recanto das Emas

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?
() sempre () com frequência (x) às vezes () nunca

a) Quais são eles? Aulas (assuntos) introduzidos com música, vídeos pesquisa e leitura prévia dos alunos sobre o assunto.

b) Quais são os passos deles? Relaciono conceitos da música Popular Brasileira com o assunto abordado na aula; Aulas introduzidas com vídeos aulas de teleaulas, reportagens de revistas.

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

Sempre busco em sites: autores, comentários, textos relacionados com os assuntos abordados. Indico os sites para os alunos também. Sempre há informações, curiosidades nesse recurso.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Sim. A UNB aborda (escolhe) as obras conforme os conteúdos abordados em sala. É uma forma de preparar os alunos para provas, também aprofundar conteúdos e autores.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

É muito difícil, pela baixa renda dos alunos, indicar livros para compra. Mas indico de qualquer maneira. Indico as obras que serão citadas nos conteúdos estudados. Costumo emprestar livros e revistas aos alunos.

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? Uns dois livros no mínimo.

b) Quais os que já terminou de ler este ano? "Pais brilhantes / professores fascinantes", "Pensar é transgêdico", "A Bagajina" dessa "Cará"

c) Qual está lendo ou relendo agora? "Você é insubstituível" de Augusto Cury e a autobiografia de Págu.

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

- a) literatura Conhecimentos, louca, satisfação.
b) leitura Concentração, leveza.

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?
Pesquisa assuntos de interesse da pessoa e aprofundamento sobre algum assunto.

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?
Os alunos não gostam de literatura. Não gostam de ler. Eles não conseguem transformar a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:
1) Interesse sobre assunto 2) Entusiasmo ^{por parte de alguns de} 3) Vocabulário acessível

Negativo:
1) Falta de incentivo 2) Não têm prazer em aprender 3) Realizações obrigatórias

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(8) Por quê?
Através da literatura, as pessoas obtêm preparo para vida. Prepara o aluno para as mudanças, articula diferentes linguagens e seus contextos, exigindo reflexão sobre a língua, pessoas. Gera organização do mundo, e da sua própria identidade. Desenvolve a imaginação, análise e reflexão, possibilitando a preparação para enfrentar mudanças dos dias atuais.

Obs:
O professor tem um papel fundamental na vida do aluno. É preciso cultivar a emoção e expandir a inteligência dos jovens. É necessário estímulo, entusiasmo. É preciso lidar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos, não sendo perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender também.

O professor tem que ser inesquecível, formando seres humanos que farão diferença no mundo. Porque as informações são arquivadas na memória, as experiências são cravadas no coração.

Ainda há esperança para a Educação.
Eláudio

9

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: 1

Professor: _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?

() sempre () com frequência () às vezes (x) nunca

a) Quais são eles? Os procedimentos são adotados de acordo com a realidade de cada turma.

b) Quais são os passos deles? Leitura e análise de textos, sejam eles em prosa ou verso (música); Questionários roteiros; atividades como dramatização, paródia, reprodução e produção de textos.

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

De modo geral com pesquisas para auxiliar os alunos na leitura e compreensão das obras lidas. Só lamento não contar com esses recursos para trabalhar na própria escola juntamente com os alunos. Todavia oriento-os para que na medida do possível utilizem - se dos mesmos.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Em geral sim. Prezo que a leitura de textos literários capacite o aluno a resgatar as produções artísticas do passado para compreender as transformações sociais que ocorrem na atualidade.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Especialmente músicas

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? literários uns 3, esporádicos 5

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Apexão segundo G.H, Essa terra.

c) Qual está lendo ou relendo agora? nenhuma

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

a) literatura

b) leitura descoberta, conhecimento, crescimento

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?

Que o aluno seja capaz de ler, compreender, analisar e criticar aspectos relevantes da obra, contextualizando-a com o momento em que vive

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?

Em geral, o aluno não gosta muito de ler, entretanto muitas vezes o faz por obrigação, com a intenção de obter uma nota. Desta forma, preciso criar métodos mais interessantes para que tenha o interesse de ler. Isso foi citado anteriormente

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:

1) Placado novo 2) Conhecimento 3) Descobertas

Negativo:

1) Falta de interesse 2) Falta de costume 3) Condições financeiras

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(5) Por quê?

Porque a prática da leitura de textos literários hoje, se dá mais no contexto da obrigação, pois com o PPA, se vê obrigados a ler 4 obras no decorrer do ano, e mesmo assim, muitos se prendem em meros resumos.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: C
Professor

Bicanto das Emas

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?
(x) sempre () com freqüência () às vezes () nunca

a) Quais são eles? acompanhamento das escolas literárias através do livro didático e de livros disponíveis na escola.

b) Quais são os passos deles? leitura de textos dos livros que constam no livro didático e respostas através de debates e correções das exercícios propostos. Leitura de livros e apresentação de peças teatrais.

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

Não, raramente consegue-se rodar textos atuais. Tenho que pesquisar em casa e trazer para os alunos.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Não. escolho obras dos autores indicados. A maioria dos alunos não fazem o PAS. Os que fazem em tento acompanham de perto e de forma diferenciada.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Músicas de autores conhecidos: Chico Buarque, Gabriel Pensador, Renato Russo, TITAS, entre outros.

5) Quanto a sua rotina como leitora?

a) Quantos livros lê por ano? 4

b) Quais os que já terminou de ler este ano? INOCÊNCIA, SENHORA e A LUNETA MÁGICA.

c) Qual está lendo ou relendo agora? Machado de Assis "CONTOS NOVOS"

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

a) literatura: Machado de Assis e Castro Alves
b) leitura ÉPICO AVERSSIMO

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?

De acordo com a escola literária e autores
que estão sendo estudados no momento e as
obras indicadas pelo PAS.

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?

Em muitos casos alguns acham a leitura chatas
em outros poucos casos, eles acham interessante e
sentem dificuldade em entender o vocabulário
rebuscado de muitos autores.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:

1) curiosidade 2) falta de interesse 3) _____

Negativo:

1) desatenção 2) desinteresse 3) preguiça

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje? 10

(B) Por quê?

É através da leitura de autores clássicos que contém
parâmetros que os alunos tenham conhecimento do
passado com suas obras e ideias, e a importância a
visão do presente.

Obs:

A falta de interesse dos governantes
com a educação. Muitas se fala, muitos
tem as respostas para resolver as problemas da
educação no país, mas poucos estão interes-
sados em resolvê-los.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753
Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra
Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: _____
Professor _____

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?
() sempre (X) com freqüência () às vezes () nunca

a) Quais são eles? Aula expositiva; leitura coletiva, discussões.
Geralmente explico sobre o contexto históri-
co, sobre características, lemos textos, e depois
os alunos fazem as anotações no caderno
b) Quais são os passos deles? _____

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

Sim. Consulto a internet sobre textos de au-
tores que estou trabalhando. Também pesqui-
so outras bibliografias relacionadas aos auto-
res trabalhados no momento do preparo das
aulas.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Sim, mas não com a facilidade que dese-
ria. Porque quando recebo alguma informa-
ção é através de colegas da escola particular.
Só depois é que recebo através da escola.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Utilizo textos retirados de revistas, entre
vistas. Também utilizo o jornal e li-
vros paradidáticos.

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? De 12 a 15 (diminui a cada ano).

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Atala da vida futura. O cádi-

ção - go da Vinci. Pais brilhantes professores fascinantes. Histórias para aquecer
c) Qual está lendo ou relendo agora? Sentimento do mundo; Cama na varanda

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

- a) literatura emoção, interpretação,
b) leitura estímulo, prazer,

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?

Observo e seleciono o assunto de acordo com a faixa etária, lembro a importância da leitura em seu crescimento, tento misturar o prazer e a diversão através

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura? da literatura.

Eles reclamam muito dos livros indicados pelo PAE, gastam mais do que está na "moda" no momento. Muitos têm dificuldade na compreensão da obra.

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

Positivo:

1) _____ 2) _____ 3) _____

Negativo:

1) Internet 2) falta de estímulo 3) desinteresse

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?

(6) Por quê?

Os alunos não têm o mesmo interesse, estão preocupados com as "baladas", com o primeiro emprego, alegam falta de tempo, e a maioria não tem estímulo da família. Muitos também não têm dinheiro para adquirir o livro.

Obs: _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso Mat:04/ 25753

Professora orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Escola: _____

Professor: _____

Sobradinho e Silva

1)- Há padronização de procedimentos didáticos para as aulas de literatura?

() sempre () com frequência (x) às vezes () nunca

a) Quais são eles? Leitura e interpretação

b) Quais são os passos deles? Despertar o interesse para a leitura e fazer interpretações críticas de forma contextualizada

2) Você utiliza os recursos informacionais (computador, internet...) no preparo de suas aulas de literatura? De que maneira?

Sim. Proporcionando debates e produção de textos com base em pesquisas via internet e frequentando a sala de informática da nossa escola.

3) Você tem seguido o cronograma de leituras sugeridas pelo PAS? Por quê?

Sim. Os livros do PAS estão sendo lidos no vestibular da UNB e em faculdades particulares.

4) Que outros textos literários, além dos contidos no livro didático e dos indicados pelo PAS, você utiliza em suas aulas de literatura?

Outros que precisam ser acrescentados ao conhecimento, ex: poemas de Fernando Pessoa, José Régio...

5) Quanto a sua rotina como leitora

a) Quantos livros lê por ano? não tem número certo

b) Quais os que já terminou de ler este ano? Coleção Paulo Coelho

c) Qual está lendo ou relendo agora? Sentimento do mundo crônicas de Machado de Assis

6) Enumere três palavras que estejam intrinsecamente ligadas aos vocábulos:

- a) literatura respeito, amor, dedicação
b) leitura esforço, prazer, entendimento

7) Que critérios você adota ao indicar um livro para leitura?
Que importância este conteúdo assume na vida do aluno

8) Como você avalia a receptividade dos alunos em relação à leitura da literatura?
Bom, se for bem orientada

9) Cite, três fatores que interferem de modo negativo e positivo na realização das leituras pelos alunos.

- Positivo:
1) _____ 2) _____ 3) _____
Negativo:
1) _____ 2) _____ 3) _____

10) De 0 a 10 que nota você atribui à importância da literatura na escola hoje?
() Por quê?

Obs: _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: 0

Aluno(a): _____

Turma: 3^a A

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (8) Matemática (10) Biologia (6) Sociologia
(6) Física (5) História (9) Português e Literatura
(5) Química (6) Filosofia (7) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Literatura. Ajuda a conhecer um pouco da nossa cultura. Não há nada de casa.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Eu gosto bastante, poderia ser melhor.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Gosta ~~de ler livros de literatura~~ ~~de ler livros de literatura~~ ~~de ler livros de literatura~~
por causa dos meus familiares.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Não.

Quantos livros (média) lê por ano? 3

Quais os que já terminou de ler este ano? Mundo de Sophia

Qual está lendo agora? Essa Terra

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série mas lembre

2^a série A Bo mas lembre

3^a série A Bagaceira, Essa Terra, Sentimentos do mundo

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Não. Não creio, já mais crítico.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

O filme fica melhor para quem aprendeu mais o livro. Te leva para a uma época.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

- | | |
|------------------------|-----------------------------|
| 1° assistir a filmes | 4° ler livros de literatura |
| 2° assistir televisão | 5° passear no shopping |
| 3° navegar na internet | 6° praticar esportes |

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Alguns de minhas amigas gostam de ler mais que eu. Na geral da minha turma, quase ninguém gosta de ler.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____
Aluno(a) _____

ma: 3º B

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
- (5) Matemática (7) Biologia (9) Sociologia
 (0) Física (2) História (0) Português e Literatura
 (0) Química (0) Filosofia (8) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

literatura - acho gramática um pouco mais complicada, tenho mais interesse por literatura porque sempre gostei muito de ler, e pela incentivo de minha professora.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Extremamente importante, mas pouco incentivada dentro da escola.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim, é uma das coisas que mais gosto de fazer, acho importante tanto para a vida pessoal quanto para qualquer profissão.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? sim

Quantos livros (média) lê por ano? um média 4 livros

Quais os que já terminou de ler este ano? obras e demônios, A Bagacina, sentimento do mundo

Qual está lendo agora? Uma Turma Antônio Torres

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1ª série O auto da compadecida, Sonetos

2ª série A Jureta mágica, o vaminarista, e a vida de Jacó

3ª série A Bagacina, Uma Turma e sentimento do mundo

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

sim, a literatura é algo essencial não

uso para uma formação profissional, mas também para que cidadãos possam formar opinião à respeito de determinados assuntos.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? ler o livro, porque o filme e o resumo não apresentam os mesmos detalhes, que são encontrados nos livros

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° ler 4° assistir TV
2° assistir a filmes 5° passear no shopping
3° internet 6° praticar esportes

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?
Não, acho que devido a falta de interesse por parte da família e também da escola.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: C

Sabradinho

Aluno(a):

Turma: 3^o B

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- Matemática Biologia Sociologia
- Física História Português e Literatura
- Química Filosofia Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Literatura porque é uma coisa mais próxima do dia-a-dia e acaba de certa forma aproximando as pessoas da gramática. As pessoas se identificam mais com a literatura.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

A literatura na escola poderia ser desenvolvida de forma mais dinâmica e a escola melhora demais os conteúdos.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim, porque em geral, eles representam uma realidade ou uma ficção que em oposição aos outros meios de informação estimula a pessoa a pensar.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicado pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? 8

Quais os que já terminou de ler este ano? A Beza Carna, Essa Terra, Sentimento do Mundo.

Qual está lendo agora? O 11^o mandamentos e Passos Seguidos G.H

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^o série O Auto da Compadecida, Sanções,

2^o série Essai e Jeca, O Seminariano, Casa do Pensador, A Unidade Mágica

3^o série A Bagaceira, Essa Terra, Sentimento do Mundo e A Paixão Seguida G.H.

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim, a literatura ajuda a levar ao questionamento diversos pontos de vista e é isso que forma o cidadão

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Prefero a leitura porque assim, posso chegar as minhas próprias conclusões a respeito do tema tratado e não receber as prontas.

9) Coloque na ordem o que faz com maior freqüência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° *Navegar na internet* 4° *Assistir televisão*
2° *Fazer trilhas* 5° *Fazer festas*
3° *Leitura livros, revistas* 6° *Ir ao cinema*

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não, a falta de incentivo que os pais e até mesmo a escola tem em relação a leitura. É a própria cultura brasileira torna a leitura com um rótulo de desinteressante.

Obs:

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Primeiro dá o resumo, para que eu veja se tenho afinidade e, depois, ler.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir a filmes e passear no shopping.

1° navegar na internet 4° ler livros de literatura
2° assistir televisão 5° passar o tempo no shopping
3° praticar esportes 6° assistir a filmes

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?
Não, desinteresse pelo estudo e pelo futuro.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola:

Aluno():

ma: 3^a B

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (7) Matemática (6) Biologia (7) Sociologia
- (5) Física (6) História (7) Português e Literatura
- (6) Química (5) Filosofia (6) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Os dois alternados, porque com a gramática podemos ter dúvidas encontradas na leitura da literatura

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Ainda é fraco, mas um dos motivos são os alunos preguiçosos, que não tem costume de ler.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

As vezes, por que tem horas que não dá vontade de ler, mas quando começo a ler um livro não paro quando termino de ler ele todo

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Só quando estou de férias.

Quantos livros (média) lê por ano? Mais de 5 e menos de 8.

Quais os que já terminou de ler este ano? Ferrão Capelo Gaiivota; De amor e outros de ^{menino}

Qual está lendo agora? Avançame la vida

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio? .

1^a série O auto da compadecida e não me lembro mais

2^a série Não me lembro

3^a série A bagaceira e nenhum mais até agora

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Conceteza. Com a leitura tenho liberdade de pensamento, criatividade que é estimulada a cada leitura, melhor escrita, cense crítico, opinião.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Ele peça para ler e passe o filme nessa ordem, porque com a leitura criamos imagens e personagens a nosso modo e com filme após a leitura, temos como "valer" os pensamentos de uma outra pessoa no caso o diretor ou autor do filme e também esclarecer algumas

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° assistir televisão 4° assistir à filmes
2° navegar na internet 5° ler livros de literatura
3° praticar esportes 6° passear no shopping

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. Eu acho que vem da educação de casa. No meu caso minha família não lê muito e eu acho da jovem já superou a quantidade de livros que minha mãe já leu.

Obs:

continuações, dúvidas ou partes do livro que passaram desatendidas.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: /

Aluno(a):

Turma: 3^o A

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (7) Matemática (8) Biologia (9) Sociologia
- (8) Física (7) História (8) Português e Literatura
- (6) Química (5) Filosofia (3) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Literatura, porque ~~ajuda~~ além de ajudar no aprendizado de cultura influencia também na gramática.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

É um pouco forçado pelo fato dos alunos terem que ler por obrigação, mas a matéria em si é boa.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim, porque lendo eu posso aprender mais sobre a cultura do Brasil ou de outros países.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? Não sei

Quais os que já terminou de ler este ano? Não sei

Qual está lendo agora? Nenhum

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^o série Não lembro

2^o série Não lembro

3^o série Ainda nenhum

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

SIM. PORQUE, COMO JA FOI DITO, INFLUENCIA A CONHECER A CULTURA.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por que? PARA LER O LIVRO, PORQUE É MAIS COMPLETO E ASSIM EU POSSO TIRAR MINHA PRÓPRIA CONCLUSÃO.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º PRATICAR ESPORTES 5º ASSISTIR TELEVISÃO
2º NAVEGAR NA INTERNET 3º ASSISTIR A FILMES
4º LER LIVROS DE LITERATURA 6º PASSEAR NO SHOPPING

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

NÃO. PORQUE A MAIORIA SE IMPORTA APENAS NO PASSEAR DE ANO.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a) _____

rma: 3^oB

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (8) Matemática (8) Biologia (7) Sociologia
- (8) Física (7) História (7) Português e Literatura
- (8) Química (6) Filosofia (10) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Eu acredito que gramática e literatura devem ser trabalhadas da mesma forma, pois são que aprendemos na gramática (teoria) e o que pode ser analisado na literatura.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Com a troca do professor, a Literatura melhorou muito. Porém, ainda, existe algumas falhas.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim. Pois eles abrem a nossa visão para o mundo, mostram como vivem os outros, aumentam nossa criatividade e imaginação, faz com que nos expressemos e escrevamos melhor.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim.

Quantos livros (média) lê por ano? uns 15 livros.

Quais os que já terminou de ler este ano? Essa Terra, A Bagaceira, Alguns livros da Bíblia,...

Qual está lendo agora? Memórias Postumas de Brás Cubas, Comédias da vida privada e a Bíblia.

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série ~~Os Contos de Babilônia e Seda, Amor e Psique, Édipo Rei, O pequeno príncipe, etc.~~

2^a série Contos Fantásticos do Século XIX, Memórias de um Sargento de milícias, O Curdigo, Resias + diversas, etc.

3^a série Essa Terra, ~~Os Contos de Babilônia e Seda~~, A Bagaceira

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim pois os livros nos possuem muitas informações e lições de vida.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Peço para ler o livro e se quiser complementar, passar o filme, pois nem tudo que é importante é apresentado no resumo. Sem contar que ler é um bom hábito.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º Assistir televisão 4º Navegar na internet
2º Ler livros de literatura 5º Praticar esportes
3º Assistir a filmes 6º Passear no shopping

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. Existem alguns que até lêem bastante, mas a maioria nem liga para a hora de ler, desinteressante e um desperdício de tempo.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: CE

Aluno(a):

octo

ma: 3^o A^o

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (8) Matemática (9) Biologia (6) Sociologia
(3) Física (7) História (9) Português e Literatura
(6) Química (6) Filosofia (8) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

acho que ele deve equilibrar os dois, pois ambos são de
uma importância.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Penso que é uma disciplina importante, pois nos faz crescer
ser não só como alunos, mas como pessoas.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim, pois possuem temas interessantes e como muitos
possuem difícil linguagem, ajuda a aumentar o vocabulário.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? 8 livros

Quais os que já terminou de ler este ano? Essa Terra e Bagacina, Harry Potter (os 3 primeiros livros)

Qual está lendo agora? Harry Potter (4o livro)

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série Antologia de Contos Brasileiros, Soneto de Fidelidade,
Os Autores da Impiedade e Uma Noite em Segredo

2^a série Admeto mágica, Esau e Jacó, O Seminarista

3^a série Essa Terra e Bagacina

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim, pois nos faz ver as coisas sobe outras perspectivas.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? peço para ler, pois o resumo corta partes que podem ser importantes e o filme sempre possui muitas alterações.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° Assistir televisão 4° Assistir à filmes
2° praticar esportes 5° ler livros de literatura
3° navegar na internet 6° passear no shopping

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

não, pois muitos nem gostam de ler, devido a falta de informação e também por preguiça, porém muitos não gostam de perder o pouco tempo que têm livre.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Aluna: Maria Veralice Barroso
Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra
Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola:
Aluno(a)

na: 3^a Ave "B"

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
 (9) Matemática (9) Biologia (8) Sociologia
 (8) Física (10) História (10) Português e Literatura
 (8) Química (9) Filosofia (8) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?
Acredito que deve trabalhar mais literatura, por que acaba enriquecendo mais o seu conhecimento, no sentido de que a literatura possa mostrar a gramática na prática, além de estudar os movimentos, autores, etc.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?
Como demonstrado na 1^a questão, acredito que esta seja muito importante, pois se expressa e se deve bem, quem lê bastante.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?
Sim, por diversos motivos, entre os quais: conhecer estilos literários, aprender sobre o passado, se expressar melhor, escrever melhor e quando se lê um livro, você entra em um outro "mundo".

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):
 Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim
 Quantos livros (média) lê por ano? 10-12 livros
 Quais os que já terminou de ler este ano? Essa Terra; A bagacina; Janela do tempo
 Qual está lendo agora? São Bernardo, Remem e Julieta

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?
 1^a série Antologia de Contos Brasileiros, Soneto de Fidelidade, O futo da Compadecida e Uma Vida em Segredo.

2^a série A boneca Mágica, Lucida, O Semimparista, Esaú e Jacó, Memórias Postumoras de Brás Cubas e mais dois que não me lembro.

3^a série Essa Terra e A Bagacina

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?
Claro, quando se lê, se aprende mais sobre o mundo, se informa e questiona a situação vigente.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Peca para ler o livro, pois a propria obra e muito mais rica que o resumo do mesmo que o filme.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° assistir TV	4° navegar na net
2° " à filmes	5° passear no shopping
3° ler livros	6° esportes

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

nao, atribuo isso a falta de estimulo.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____
Aluno(a) _____

ma: 3º B

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
- (5) Matemática (8) Biologia (10) Sociologia
 - (5) Física (10) História (10) Português e Literatura
 - (6) Química (10) Filosofia (10) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?
literatura por que é mais fácil aprender, não
socializa e supõe regras

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?
Eu acho ótima a disciplina de português
desde que dividida, para ter mais aulas tanto
de gramática quanto de literatura, separadas

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?
Sim. Por que é uma forma de distração,
que ao contrário de muitos outros, traz
coisas positivas

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):
 Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim
 Quantos livros (média) lê por ano? Um por semana em média
 Quais os que já terminou de ler este ano? todos do Harry Potter, e vários outros ingleses.
 Qual está lendo agora? O que é subdesenvolvimento e o que é sociedade alternativa.

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?
 1ª série vários de José de Alencar e outros recomendados
pelo professor e pela bibliotecária

2ª série Machado de Assis, Sidney Sheldon, entre outros

3ª série Os contos, Vidas Secas, A paixão Segundo G. H.
Monte e Vida Severina, entre outros

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?
Com certeza os livros são a melhor fonte de cultura,

e, muitas vezes, podem formar o caráter de uma pessoa, como quando li *Sford* (Carpenter).

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Peça p ler. Gosto de ler livros na íntegra e nos filmes, muitas vezes a história é distorcida. Também é legal quando lemos o livro e vemos o filme

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º ler livros de literatura 4º navegar na internet
2º assistir a filmes 5º praticar esportes
3º assistir televisão 6º passear no shopping

10) Você acha que seus colegas de sala leem o bastante? A que você atribui isso?

não. Hoje existe muitas coisas "interessantes" para se fazer e se a pessoa não é acostumada a ler desde pequena, não é adulto que vai começar a fazer isso

Obs: A literatura é muito importante hoje, mas muitas vezes ficamos presos às coisas consagradas - que às vezes nem são tão boas assim. Seria melhor se pudéssemos trabalhar livros mais atuais. Não grande sucesso porque realmente são bons, não porque o autor é famoso (machado de assis realmente é muito chato de ler porque a narrativa é literal, isso desestimula os alunos a lerem outros livros.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(s): _____

urma: 3º B

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

(9) Matemática (7) Biologia (7) Sociologia

(9) Física (9) História (7) Português e Literatura

(8) Química (5) Filosofia (8) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Gramática; Por que é mais cobrado em concurso, provas e teste. Melhor aprender a gramática para ter mais facilidade nesses teste.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

A literatura é a história da linguagem é usada para saber melhor o modo de vida de pessoas antigas e da literatura moderna e contar a realidade.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim. Por que esses livros ajuda a melhorar o modo de pensar, para melhor refletir nos atos.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? ~~sim~~ sim

Quantos livros (média) lê por ano? dois

Quais os que já terminou de ler este ano? História

Qual está lendo agora? nenhum estudando para o vestibular

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1ª série nenhum

2ª série Senhora,

3ª série nenhum

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim. Por que conta a história de algum cidadão.

dões que ajudaram seu pais ou de pessoas honestas que podem seguir seu exemplo

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Para ler o livro porque no resumo pode ocorrer reticências de pequenos detalhes, nos filmes quase sempre não consegue retetar toda a história do livro ou coloca coisas desnecessárias

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º assistir televisão 4º passear no shopping
2º assistir filmes 5º praticar esporte
3º ler livros de literatura 6º navegar na internet

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. Porque tem que fazer outras coisas mais divertidas ou tem que trabalhar.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: C

Aluno(a)

na: 3^oA

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (+) Matemática (8) Biologia (+) Sociologia
- (8) Física (10) História (8) Português e Literatura
- (8) Química (10) Filosofia (10) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Literatura -> Existem várias empresas que pedem redação com um nível muito alto e o conhecimento das diferenças que são bastante para o trabalho de uma vida profissional.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

É uma! porque sinto muitas dificuldades, mas quando descobrimos na literatura dentro da página vamos a nós a diante

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim, gosto um pouco de ler em momentos, quando não tenho nada para fazer, gosto de ler para distrair um pouco a mente.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? 15 livros

Quais os que já terminou de ler este ano? 3 livros (A máquina da produção entre outros)

Qual está lendo agora? A mamãe

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^o série A casa dos espíritos, meu pai Herói

2^o série memórias de um sargento de milícias (Guz Lobo)

3^o série gizetes com o mundo

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim, pois projetos como da leitura pode ser melhorados com a leitura nos deixando mais sábios.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? 1º: o livro para imaginarmos os fatos, assim
fazemos perguntas, 2º: livro, assim a realidade, depois fazemos
as coisas pessoalmente.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º assistir tv 4º leitura
2º ler livros de literatura 5º assistir um grupo de música
3º futebol 6º shopping

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

não, não quando é a maioria (obrigado); a distribuição disso
está no ambiente da sala, onde não tem as condições, e não
realmente, mas sim não por sua própria opção, não realmente

Obs: na cidade, quem sabe muita, e muito,
quem não sabe nada e nada.
Perquitos sempre de tudo!

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
 Departamento de Teoria Literária e Literaturas
 Aluna: Maria Veralice Barroso
 Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra
 Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____
 Aluno(s): _____
 Turma: Mamambua 3^o D

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
 (8) Matemática (10) Biologia (10) Sociologia
 (6) Física (8) História (10) Português e Literatura
 (10) Química (10) Filosofia (10) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?
Do dos, pois é importante a gramática como aprendizagem para o vestibular, entre outros, e a literatura é fundamental na vida de todos.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?
Maria, maravilhosa, se tivessemos, uma matéria separada, por os alunos se interessariam mais pela leitura.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?
Sim. Uma viagem fantástica, sem sair de lugar, muda a vida, pois até hoje todos os livros que li, me ensinaram algum diferente que mudou muitas coisas.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a): uma maneira de pensar.
 Você lê outros livros além daquele indicado pelo professor? Sim.
 Quantos livros (média) lê por ano? 6 livros
 Quais os que já terminou de ler este ano? 3 livros
 Qual está lendo agora? Contos e Antologias

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?
 1^a série Uma vida em segredo, O auto da Compadecida.

2^a série A moreninha, Vida Seca,

3^a série A bagacina, Sentimentos do Mundo,

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?
Sim. Tendo uma visão diferente da

realidade, vendo o que realmente aconteceu e poderia ser verdade. Ou ~~estão~~ vão simplesmente "fugir" um pouco da realidade.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Prefero ler livros indicados por algum professor, mas importante que seja livro de literatura, o importante é estar lendo.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° estudo algo novo 4° navegar na internet

2° assistir CD de outra 5° ler livro

3° língua 6° ler sobre medicina

gosto de saber sobre a área da saúde.

10) Você acha que seus colegas de sala leem o bastante? A que você atribui isso?

nao. a maioria nao gosta de ler quando costumam fazer. - so frequentemente a falta de interesse do aluno.

Obs:

14

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(): _____

a: 3^o L

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (0) Matemática (4) Biologia (9) Sociologia
- (0) Física (0) História (0) Português e Literatura
- (7) Química (9) Filosofia (0) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Literatura, porque gramática é muito cansativo.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

É bom, mas os alunos deveriam ser de verdade interessados a ler.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim, porque é um método de diários simples e barato e além de tudo é um meio de se aprender mais.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim.

Quantos livros (média) lê por ano? 20

Quais os que já terminou de ler este ano? Cem Anos de Solidão, O grande Mentecapto

Qual está lendo agora? Perial e Fortes - João Cabral de Melo Neto

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série Auto da Compadecida, Antologia Brasileira de Contos, Memórias de um português de

2^a série Ensaio sobre a Queixa, O Encontro Marcado, A Voz da Estrada, etc.

3^a série O Tempo e o Vento, Caminhos Cruzados, Joo Zumbado, Vidas Secas, etc.

O grande Mentecapto, etc.

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim porque pode ter função social.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Depende do caso. Resumo é
só uma parte e o filme é uma
adaptação gostei de ler o livro para
conhecer a história original.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º ler livros de literatura 4º assistir televisão
2º navegar na internet 5º passear no shopping
3º assistir a filmes 6º praticar esportes

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. A própria cultura brasileira não
é uma cultura de leitura. É preciso ter
em casa o incentivo para leitura.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a) _____

: 3^o G - _____

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (9) Matemática (8) Biologia (6) Sociologia
- (7) Física (4) História (10) Português e Literatura
- (7) Química (5) Filosofia (5) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Eu prefiro que o professor trabalhe as duas, pois é necessário que o indivíduo saiba sobre a sua gramática, não tendo assim erros grosseiros, mas também é necessário que ele reconheça a literatura.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Eu acredito que a disciplina literária na escola, tem a aluno de certa maneira, até mesmo mais culta, por atualmente não poucos os indivíduos que possuem o hábito de leitura.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim, gosto da linguagem e dos temas abordados nos livros.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? 9

Quais os que já terminou de ler este ano? Primo Basílio, A Torre e Pontapes, Uma laçoquina →

Qual está lendo agora? Estou terminando de ler o Primo Basílio e Amor

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série Graciana, Alceu

2^a série Lembranças de Brás Cubas, O tito

3^a série Primo Basílio, O sentimento de Mumukshu, A bagarina

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim, porque estes textos demonstram uma realidade diferente da atual

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Eu prefiro que o professor dê o resumo do livro e logo após o livro, pois assim já tenho uma noção a respeito do livro.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º navegar na internet 4º assistir à filmes
2º assistir televisão 5º passear no shopping
3º ler livros de literatura 6º praticar esportes

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Meus colegas de classe, a maioria não lê ao menos o que se é pedido, quanto mais por livre espontaneidade, e máximo que eles chegam a ler é revistas de assuntos sem importância. Isso se atribui a falta de costume, pois muitos sabem sem ao menos ler ou ter o interesse de ler um livro.

Obs: Continuação p 5.

As aventuras de Robinson Crusoe; O Sentimento da Morte;
A bagaceira e outros

con

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: C.F.M.

Aluno(a) _____

3^oA

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (9) Matemática (8) Biologia (7) Sociologia
- (7) Física (7) História (10) Português e Literatura
- (8) Química (10) Filosofia (8) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Gramática é uma matéria com a qual eu mais me identifique e é da que os alunos têm mais necessidade; um melhoramento tanto na forma de escrever como nos palavras em que fala dependendo da situação.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

É impossível por o interesse à literatura pelo professor e pouco causando pouco interesse ao aluno. Temos toda mais gramática e redação do que literatura.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim (quando há tempo). Porque é um aprendizado maior e melhora a forma de ler e escrever, dependendo da leitura, aprendo muitas palavras novas.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? 4 livros

Quais os que já terminou de ler este ano? A boazceira

Qual está lendo agora? O gale marquis

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^o série não me recordo.

2^o série O romanista, Brasil e Jeca, Luneta, Miquice

3^o série A boazceira

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Podem, mas pouco. Nos ensina a como conviver com pessoas que têm padrões de vida diferentes do nosso, e que têm

uma forma diferente de olhar para a realidade.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Dê o resumo do livro pois assim o aluno precisa ler todo o livro para então colocá-lo no papel aquilo que entendeu, melhorando sua forma de escrita e leitura e incentivando-o a ler o livro.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° assistir televisão 4° assistir a filmes
2° navegar na internet 5° praticar esportes
3° ler livros de liter. 6° passear no shopping.

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. A maioria dos meus colegas dizem que a única coisa que eles fazem é ler. Mas porque a importância da leitura é pouco, na escola em geral, como eu havia dito. O professor passa poucos livros para eles lêem e, se o professor os passa, pela maioria são os livros da

Obs: na sala de aula interagiam em grupos onde haveriam outros alunos com vontade de ler para que eles não tenham tido o "trabalho" de pap-fo

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
 Departamento de Teoria Literária e Literaturas
 Aluna: Maria Veralice Barroso
 Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra
 Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: Escola 1
 Aluno(a): AA

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
 (0) Matemática (6) Biologia (7) Sociologia
 (0) Física (7) História (9) Português e Literatura
 (0) Química (7) Filosofia (7) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Literatura. Questão pessoal. Gosto mais de aprender de melhor, estudando a literatura, saber o que, por que e como aconteceu; do que ficar nas "regiões" da gramática.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Sou a favor. Pois como já disse anteriormente, é bom você saber o que aconteceu e o que ainda acontece na nossa cultura (literatura).

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Depende do livro. Mas é muito bom, pois você aprende não só uma nova história, mas também o ~~estilo~~ estilo literário e a linguagem do autor.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? 5, 6, varia muito

Quais os que já terminou de ler este ano? A paixão segundo G.H., Esta Terra e

Qual está lendo agora? Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban Harry Potter e a Ordem da Fênix

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^ª série Não lembro dos nomes, mas foram as propostas pelo professor e alguns de Gregório de Matos, quando fui apresentar um trabalho.

2^ª série Levei as propostas pelo professor e me ilusos de "entender" melhor o autor.

3^ª série Li alguns poemas de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, quando apresentei um trabalho sobre a Semana da Arte Moderna.

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim. Porque passarei de apenas uma pessoa

que sabe lê, para uma pessoa mais culta e disposta a ler literariamente. Tem um vocabulário mais culto e sei "mais bem visto" perante a sociedade.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Liça para ler o livro. Por, além de ser uma obra mais completa, você aprende, na maioria das vezes, um vocabulário mais culto, sem falar que te ajuda quando você precisa fazer uma redação.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir a filmes e passear no shopping.

1° Navegar na Internet 4° Assistir a filmes
2° Praticar esportes 5° Passear no shopping
3° ler livros 6° Assistir televisão

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso? -

Tem algumas "exceções" que sim. Sempre es vejo com um livro em mãos e comentam de sobre aquele livro. Outros acham que é chato quem lê e outros ainda, não por obrigação.

Obs: Eu falo verdade, eu só adquiri hábito de leitura este ano, nos anos anteriores só lia as de PAS e as propostas pelos professores e as de as da coleção de Harry Potter, que particularmente acho fantástico.

Na questão de textos literários eu só lia mais para aprofundar o meu estudo e entendimento da vida literária.

Boje (neste ano de 2005) eu já pegue revistas, jornais e vou ler sem ser "obrigado" pelo professor.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola:

Aluno:

Paí

Assinatura: 3º

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (8) Matemática (8) Biologia (6) Sociologia
- (7) Física (7) História (9) Português e Literatura
- (7) Química (8) Filosofia (7) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Ucha que ambas são importantes, as duas influem muito no conhecimento humano e em suas atividades, como por exemplo em conversações, e até mesmo na necessidade de conhecer nossa literatura.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Penso que é muito importante, pois quem muito lê mais sabe, e a escola pode ser um grande incentivo a leitura.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Uchim, pois além de resmora em cada livro as características das voalabs literárias que representam, podemos tirar delas lições, mensagens para nos mesmos.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Uchim

Quantos livros (média) lê por ano? 3

Quais os que já terminou de ler este ano? Uchim e jogo com o delinquente / responde-me por favor.

Qual está lendo agora? no momento nenhum

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1ª série (livros)

2ª série O seminário, O rei e Jacó, A lenda mágica

3ª série

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Bom, porque nestes livros o parecem questões sociopolíticas e em muitos a mesma realidade presente.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Peço para ler o livro, porque incentiva os alunos a lerem e faz com que se torne um hábito e não uma obrigação.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir a filmes e passear no shopping.

1º assistir televisão	4º ler livros de literatura
2º assistir a filmes	5º praticar esportes
3º passear no shopping	6º navegar na internet

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

não acho que a falta de incentivo a leitura tanto dos pais quanto da escola.

Obs: nas escolas, assim como tem aulas de quadra, deveria ter também aulas de leitura de livros literários, pois acho que o hábito de ler condiz ao ato, a fim de todos lerem porque gostam e não por obrigação.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Aluna: Maria Veralice Barroso
Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra
Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: Norte
Aluno(rma: 3^o B

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
 (10) Matemática (10) Biologia (8,0) Sociologia
 (8,5) Física (10) História (10) Português e Literatura
 (8,0) Química (7,5) Filosofia (9,0) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?
Gramática. Porque a gramática é um instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. É necessário apropriarmos profundamente a nossa língua e assim, desenvolver a sensibilidade necessária para compreender os processos linguísticos.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?
Essencial estudarmos literatura na escola, pois esta é a arte da palavra, estudar sua história e o mesmo que compreender a evolução do pensamento e dos sentimentos humanos através do tempo. É estudar a nossa tradição cultural.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?
Sim, porque é maravilhoso descobrirmos o mundo das palavras usadas artisticamente. Ler e estudar literatura é compreender nossa condição essencialmente humana; é compreender que somos apenas humanos, que vamos morrer, amam, saem e buscam por felicidade.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):
 Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim
 Quantos livros (média) lê por ano? 10 livros ou mais
 Quais os que já terminou de ler este ano? A Bagacina, Sentimento do mundo, ventos.
 Qual está lendo agora? _____

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?
 1^a série Soneto de Fidelidade e outros poemas (Venício de Moraes); Antologia de Contos Brasileiros; Uma Vida sem Segredo (Antônio Davado); O sítio da Compadecida (Mário Suarezuma);
 2^a série A Sereia Mágica; O Sempre-vivo; Casimiro Jacó; Casa de Bonecas; Dom Carmelito; A Jarda da ventura; Amarga Herança de São;
 3^a série A Bagacina; Sentimento do Mundo; Vidua Seca; Para gostar de ler; Sombra; Poemas

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?
Sim. Porque quando lemos um texto literário, logo percebemos

de que forma eles estão relacionados com o momento histórico em que foram criados, com a estrutura da sociedade e com a tradição cultural. Isso nos estimula a ser mais preocupados e assim valorizarmos mais a nossa cultura, os textos literários nos estimulam a sermos mais amorosos com

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Peça para ler o livro. Porque ao lermos o livro, além de enriquecermos o nosso vocabulário, compreenderemos passo a passo o desfecho da história, nos familiarizaremos com os personagens e, conseqüentemente, sentiremos a vontade de lermos outros livros.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

- | | |
|------------------------------------|-------------------------------|
| 1° <u>ler livros de literatura</u> | 4° <u>assistir à filmes</u> |
| 2° <u>assistir televisão</u> | 5° <u>Navegar na internet</u> |
| 3° <u>praticar esportes</u> | 6° <u>passear no shopping</u> |

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. Principalmente a preguiça e a mal-vontade de ler um livro, depois muitos passam o seu tempo navegando na internet e assistindo televisão, passeando no shopping, conversando com os amigos, etc. Também deve-se atribuir a isso a falta de incentivo por parte dos pais e até mesmo da escola, que deveria estimular ao máximo os alunos a prática da leitura.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Aluna: Maria Veralice Barroso
Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra
Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____
Aluno(a): _____
Assinatura: B

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
 (9) Matemática (8,5) Biologia (7) Sociologia
 (8) Física (8,5) História (9) Português e Literatura
 (9) Química (7) Filosofia (8) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?
Gramática. Porque a gramática nos ajuda a se tornar melhor para uma redação (de um vestibular) por exemplo, também ajuda a gente a expressar melhor.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?
Uma matéria que exige muito do aluno como a atenção, porque se deve prestar o máximo de atenção possível para compreender os momentos!

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?
Alguns. Porque depende do momento do livro. Se for um livro de momentos mais complexos prefiro ler!

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):
 Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim
 Quantos livros (média) lê por ano? Um 5
 Quais os que já terminou de ler este ano? "O meu pipi"; "faça seu agora, me pergunte como"; "Augusto dos Anjos"
 Qual está lendo agora? "Macunaíma" "Márcio de Andrade"

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?
 1ª série - Os livros indicados pelo PAS
 2ª série - Os livros indicados pelo PAS, coleção Veríssimo (Luís Fernando Veríssimo) e alguns de Ricardo

3ª série - Os do PAS, "Vozes da Inimidade", "Aprendendo a viver", "Augusto dos Anjos", "O meu pipi"; "faça seu agora, me pergunte como" e "Um dia daqueles"

Augusto dos Anjos "um dia daqueles"

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?
Sim. Porque nos dá acesso a vários tipos

de opiniões dos autores.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Ler o filme do mesmo. Porque a compreensão da história em forma mais fácil.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º assistir televisão 4º assistir a filmes
2º ler livros de literatura 5º passear no shopping
3º praticar esportes 6º navegar na internet

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

acredito que não, porque alguns falam coisas tão grandes, que não falam (delegadamente) de boca aberta.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a) _____

irma: 3^o J^o

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (10) Matemática (5) Biologia (3) Sociologia
- (7) Física (8) História (9) Português e Literatura
- (6) Química (2) Filosofia (4) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Gramática. Porque melhora o ortográfico, e assim como se escreve, o que escrever e quando escrever e na pronúncia nos aulas.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

É importante, pois sem ela não saberíamos escrever ou falar adequadamente.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim. pois melhorar a nossa comunicação e escrita além da ditada.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? sim

Quantos livros (média) lê por ano? Sete, ou oito

Quais os que já terminou de ler este ano? Dois

Qual está lendo agora? Nenhum nenhum

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^asérie Poesia, memórias postumas de escritores autores.

2^asérie Contos, histórias em geral, crônicas.

3^asérie _____

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim. Pois ajudara a desenvolver

minha mente, e gostaria de tomar decisões, atitudes.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Ler livros, pois trabalhar mais emoção e muito mais interesse pela história.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º Ler livros	4º Praticar esportes
2º assistir filmes	5º passear no shopping
3º a televisão	6º Internet

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. Falta interesse por do professor e dos alunos.

Obs: O professor deveria incentivar-nos a ler mais e ele o exemplo de ler também.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Loutra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a) _____

Assinatura: _____

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (0) Matemática (0) Biologia (5) Sociologia
- (7) Física (0) História (0) Português e Literatura
- (0) Química (5) Filosofia (3) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

A literatura, por que eu acho mais interessante e aprendo mais os conhecimentos de português

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

é legal mas quase ninguém leva a sério

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

sim por que tem mais conhecimentos

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? *não*

Quantos livros (média) lê por ano? *2*

Quais os que já terminou de ler este ano? ~~nenhum~~ *nenhum*

Qual está lendo agora? *nenhum no momento não tenho tempo*

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1ª série *O auto da Compadecida*

2ª série _____

3ª série _____

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

sim. Por que nos tem mais conhecimentos e ajuda nos a ter um conhecimento geral da vida até

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

peço para ler o livro, por que além da pessoa ter conhecimento da história e melhorar a interpretação de texto e boa leitura

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° assistir filmes	4° praticar esportes
2° navegar internet	5° assistir televisão
3° ler livros	6° passear no SHOPING

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

não, ou os amigos leem mais e tenho um boa leitura

Obs:

2

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a): _____

3^oJ

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (6) Matemática (10) Biologia (6) Sociologia
- (9) Física (10) História (5) Português e Literatura
- (8) Química (10) Filosofia (0) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

literatura. Porque é bem mais interessante e fala-se de assuntos variados, nada repetitivo como a gramática

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Poderia melhorar mais.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Não, ou mais ou menos. Gosto de alguns.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Não

Quantos livros (média) lê por ano? 6

Quais os que já terminou de ler este ano? ainda n terminei Cabeça

Qual está lendo agora? Cabeça

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^asérie Se Deus é Brasileiro, Jesus é Nordestino

2^asérie Menino de Engenho

3^asérie

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim é lendo que a gente compreende muitas coisas.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Peça p/ ler. Porque lendo a gente aprende e presta mais atenção

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° assistir televisão 4° assistir a filmes
2° passear no shopping 5° ler livros de literatura
3° navegar na internet 6° Praticar esportes

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. São todos desinteressados e falta também o interesse dos professores de português.

Obs:

24

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a) _____

30/07/11

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (8) Matemática (9) Biologia (5) Sociologia
(8) Física (10) História (10) Português e Literatura
(8) Química (6) Filosofia (9) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Gramática. Porque é mais cobrado em escolas e até mesmo no dia-a-dia.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Seria bom, mas não é valorizado e nem muito cobrado.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim. Por que acaba me identificando com os personagens.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? às vezes

Quantos livros (média) lê por ano? 2 no máximo 3

Quais os que já terminou de ler este ano? Um Casmurro

Qual está lendo agora? ---

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1ª série A parábola do filho pródigo

2ª série _____

3ª série _____

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Acho que não, porque normalmente os livros são muita ilusões.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Eu prefero que ele peça para ler o livro e depois assista o filme para entender melhor.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° *assistir filmes* 4° *praticar esportes*
2° *assistir televisão* 5° *navegar na Internet*
3° *passear no shopping* 6° _____

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. A falta de interesse do professor e também do aluno.

Obs: _____

5

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____
Aluno(a) _____

R. DAS EMAS
Turma: 3^o "MA"

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
- (10) Matemática (10) Biologia (9) Sociologia
 - (10) Física (10) História (10) Português e Literatura
 - (5) Química (10) Filosofia (5) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

LITERATURA. PORQUE COM A LEITURA AS REGRAS GRAMATICAIS E OUTROS ELEMENTOS DA GRAMÁTICA SÃO ADQUIRIDOS NATURALMENTE, SEM EXAUSTIVAS REPETIÇÕES.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

ELA ESTÁ SENDO DEIXADA DE LADO. NÃO HÁ A DISCIPLINA "LITERATURA" ESPECÍFICA, E NÃO HÁ UMA INTERDISCIPLINARIDADE. OS PROFESSORES DEVERIAM INCENTIVAR A LEITURA ANALISANDO OS GOSTOS DO ALUNO.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim. PORQUE SÃO UMA GRANDE FONTE DE CONHECIMENTO, QUE TRABALHA O CONTEÚDO E A DIVERSÃO NESSE ASPECTO, FACILITA A APRENDIZAGEM.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim.

Quantos livros (média) lê por ano? 5 ou 6. ÀS VEZES MAIS.

Quais os que já terminou de ler este ano? "O SILMARILION", DE J. R. R. TOLKIEN; "AS AVENTURAS DO

Qual está lendo agora? "A ARTE DA GUERRA" SR. PICKWICK, DE CHARLES DICKENS, E OUTROS.

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série A TRILOGIA "SENHOR DOS ANÉIS", LIVROS REQUERIDOS PELA PAS, E OUTROS.

2^a série "FAURENHEIT 451", "O APANHADO NO CAMO DE CANTÁRIA", "ESCALHA A CATASTROFE", "O HOBBIT", etc.

3^a série "AS AVENTURAS DO SR. PICKWICK", "O SILMARILION", "A BAGACEIRA", "AS POESIAS DA PERCEPÇÃO".

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

CLARO. A LEITURA É UM FAVOR DEMOCRATIZANTE, APESAR

DE ACESSO A ELA NÃO SER DEMOCRÁTICO, DEVIDO A LEI DE DIREITOS AUTORAIS, TOMAR CONHECIMENTO DE DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DE DIFERENTES ÉPOCAS DESENVOLVE O CARÁTER CRÍTICO DO LEITOR.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? O FILME, DESDE QUE SEJA FIEL AO LIVRO. PORQUE ISSO REDUZ O TEMPO GASTO COM O LIVRO E FACILITA O ENTENDIMENTO PARA AQUELES QUE NÃO TEM A IMAGINAÇÃO BEM-DESENVOLVIDA.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º ASSISTIR A FILMES 4º PRATICAR ESPORTES
2º NAVEGAR NA INTERNET 5º ASSISTIR TELEVISÃO
3º LER LIVROS DE LITERATURA 6º PASSEAR NO SHOPPING

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

NÃO, A FALTA DE INCENTIVO NO COLÉGIO E EM CASA, E, PRINCIPALMENTE, A COMPLETA FALTA DE RESPONSABILIDADE DOS ALUNOS NA BUE É RELATIVO AOS ESTUDOS.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
 Departamento de Teoria Literária e Literaturas
 Aluna: Maria Veralice Barroso
 Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra
 Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____
 Aluno(a): _____
 Turma: "6"

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
 (7) Matemática (6) Biologia (8) Sociologia
 (7) Física (8) História (8) Português e Literatura
 (2) Química (3) Filosofia (8) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?
 A literatura, devido ao meu relacionamento com os livros (interesse)

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?
 A literatura é uma disciplina que deveria ser mais valorizada no ensino fundamental, devido a sua importância em relação aos outros.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?
 Sim, pois a literatura é uma forma de sair da realidade e se envolver no mundo ficcional.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):
 Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim
 Quantos livros (média) lê por ano? seis
 Quais os que já terminou de ler este ano? "Quem tem medo do escuro" e "Alexandre"
 Qual está lendo agora? "O mundo de Sofia"

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?
 1ª série "A menina mágica"

2ª série "O seminarista"

3ª série "Casa de biscoitos" "Casa de pensão"

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?
 Sim, porque meu senso crítico se expande e aumenta.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? de três, pois desperta o interesse maior quanto aos alunos.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

- | | |
|--------------------------|-------------------------------|
| 1° <u>Estudar música</u> | 4° <u>Assistir filmes</u> |
| 2° <u>Surf</u> | 5° <u>navegar na internet</u> |
| 3° <u>esportes</u> | 6° <u>assistir televisão</u> |

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?
não, pelo contrário, meus colegas se envolvem cada vez mais com jogos mas de televisão, na formação cultural dos brasileiros em geral, ~~isso~~ é uma má valorização da literatura.

Obs: _____

EM RELAÇÃO AO QUE OCORRE EM NOSSO PAÍS, NÃO
FICAMOS SÓ NO PENSAMENTO DE O GOVERNO
DE.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? PREFIRO O LIVRO. OS FILMES DISTORCEM
MUITO A ESTÓRIA ORIGINAL, ALGUNS PONTOS PASSAM
SEM SEREM NOTADOS.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º <u>NAVIGAR NA NET.</u>	4º <u>ASSISTIR TELEVISÃO</u>
2º <u>PRATICAR ESPORTES</u>	5º <u>ASSISTIR FILMES</u>
3º <u>LER LIVROS</u>	6º <u>PASSEAR NO SHOPPING</u>

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

NÃO. ATRIBUO TODO O MÉRITO DA FALTA DE LEITURA
MAS ESCOLAS SE ENCONTRA NA FALTA DE INCENTIVO.
MUITOS ALUNOS LÊM POR OBRIGAÇÃO.

Obs:

28

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquidea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a) _____

3º "A"

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

(10) Matemática (7) Biologia (6) Sociologia

(8) Física (6) História (7) Português e Literatura

(8) Química (8) Filosofia (8) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Gramática e literatura pois são duas disciplinas que dão
na constante debolidas porém os alunos precisam da
noção de cada uma.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

É bem legal, pois os alunos adquirendo esse conheci-
mentos, faz com eles se dediquem mais a leitura.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

As vezes.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? não

Quantos livros (média) lê por ano? nenhum

Quais os que já terminou de ler este ano? nenhum

Qual está lendo agora? nenhum

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1ª série não lembro.

2ª série não me recordo

3ª série A mulher do Vestido.

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim, porque nos dias atuais precisamos adquirir novos conhecimentos.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Passar o filme, pois vendo as cenas é melhor para a interpretação.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir a filmes e passear no shopping.

1° <u>Estudar</u>	4° <u>passear no shopping</u>
2° <u>Assistir filmes</u>	5° <u>praticar esportes</u>
3° <u>Assistir televisão</u>	6° <u>ler livros</u>

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Nunca observei os meus colegas se lêem ou não.

Obs:

12

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Loutra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a): _____

Turma: 3^o A

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (?) Matemática (9) Biologia (4) Sociologia
- (6) Física (7) História (5) Português e Literatura
- (8) Química (3) Filosofia (2) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Bem, se for para analisar aproveitamento, a gente tira mais proveito da gramática, se for analisar por gosto e por facilidade eu fico com a literatura. Mas eu prefiro que se trabalhe gramática, pode-se tirar um maior proveito.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Apesar de ser agradável de se estudar, no lugar de ver literatura poderíamos ver outras coisas mais importantes que vissem fazer uma maior diferença.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Gosto. São histórias envolventes, que evoluem a mente e nos distraem um pouco.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Só ligo 2/3 (os não indicados)

Quantos livros (média) lê por ano? de dois a três

Quais os que já terminou de ler este ano? Memórias Póstumas de Brás Cubas

Qual está lendo agora? Morte e Vida Severina (Vou começar)

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série Não lembro

2^a série Deceza

3^a série O caso do Vestido

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Não. Apesar de desenvolver a leitura, a linguagem vir

lido e escrita, você não recebe cidadania lida.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Eu prefiro que ele peça para ler, por que se você achou interessante o assunto, você vai ler com problemas, se é chato, só ir atrás se quiser e se valer nota ganha vantagem quem gosta do assunto.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir a filmes e passear no shopping.

1º Praticar esportes 4º assistir televisão
2º ler livros 5º Navegar na internet
3º assistir a filmes 6º Passear no shopping

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. A maioria não é voluntária para ler algum texto quando o professor pede, e quando há o caso de um ou outro acutar, percebe-se que a leitura não é como deveria ser para o nível em que nos encontramos.

Obs: Eu coloquei algumas questões que dão a entender que a literatura não é muito importante na formação do aluno, mas não foi isso que eu queria, o que eu quis dizer (pô) foi que entre coisas importantes existe umas que são mais que as outras.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
 Departamento de Teoria Literária e Literaturas
 Aluna: Maria Veralice Barroso
 Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra
 Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: (_____) Univ. dos Recantos
 Aluno(a): _____ Turma: "B"

- 1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:
 (0) Matemática (8) Biologia (9) Sociologia
 (0) Física (0) História (0) Português e Literatura
 (0) Química (0) Filosofia (0) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?
Para mim a literatura, pois nos leva a descobrir coisas antigas, passadas que podemos lembrar para sempre, e me faz feliz sempre que leio

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?
É muito importante para o aluno que gosta de literatura, por que além dele trabalhar seu tempo no estudo, ele cresce.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?
Gosto, sempre que posso, por que ele me leva a expressar algo muito importante, que chega a tocar dentro de mim

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):
 Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim
 Quantos livros (média) lê por ano? 4
 Quais os que já terminou de ler este ano? José de Alencar
 Qual está lendo agora? Vidas Secas

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?
 1^a série Esqueci

2^a série Esqueci

3^a série Barroco, nacionalismo, Realismo
livro José de Alencar

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Acredito sim, com ela eu posso me desenvolver melhor e obter uma bom resultado

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Prefiro ler o livro, porque posso imaginar o que o personagem tenta passar para o leitor e posso desenvolver melhor ou criar outra história com ele

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º ler livros de literatura 4º praticar esportes
2º assistir televisão 5º passear no shopping
3º navegar na internet 6º assistir filmes

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

A minha turma lêem, na minha opinião se todos se entregassem a leitura seria muito importante

Obs: A leitura é muito importante, seria mais importante se todos nós como estudantes praticassemos a leitura como se ela fizesse parte do nosso dia-a-dia

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquidea Hartmann Loutra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: _____

Aluno(a): _____

Assinatura: _____

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (/0) Matemática (0) Biologia (8) Sociologia
- (8) Física (5) História (0) Português e Literatura
- (5) Química (7) Filosofia (0) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Literatura. A partir do estudo da literatura eu posso trabalhar também a gramática.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Nada valorizada, não há interesse de ambas as partes.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim. Porque há conteúdo, momentos históricos, um livro, situações importantes a se entender.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? sim

Quantos livros (média) lê por ano? 48

Quais os que já terminou de ler este ano? 11

Qual está lendo agora? sim

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1ª série crônicas

2ª série crônicas e romances

3ª série romances

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim. Porque a leitura consiste no entendimento introduzindo então, um aprendizado "retineiro".

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê?

Peça para ler. Sendo assim assim a obrigação para a ser habito.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° desenho 4° música
2° ballet 5° dança de salão
3° livro de literatura 6° estudo particular

10) Você acha que seus colegas de sala leem o bastante? A que você atribui isso?

Não existe verdade alguma.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: 11

Aluno(a):

Assinatura: [assinatura]

- 1) De 0 a 10 qual a nota que voce da para as disciplinas.
 - (6) Matemática (8) Biologia (10) Sociologia
 - (6) Física (9) História (10) Português e Literatura
 - (10) Química (9) Filosofia (9) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

literatura. A principio é porque eu viro "afeto" muito grande pela literatura. Onde voce acaba rende a gramática ao passar dos anos é mais fácil de estudar e mais costura. Além de propiciar um elevamento de intelecto do aluno.

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

Deveria ser aprofundada, quer de ver boa. Mas deveria ser estudado minuciosamente. Talvez mais aulas de literatura. Ou coisas extras. Aprofundamento é importante.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim. Não só livros visto literatura brasileira, ver o passar dos anos exótico por pessoas magníficas é muito interessante. É miqvele o saber e o pessoal.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? De 7 a 12 livros por ano

Quais os que já terminou de ler este ano? ~~Obsessivo~~ VER OBSERVAÇÕES

Qual está lendo agora? O Demônio e a Sita. Frym de Paulo Coelho

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1^a série livros do Pas, Vinicius de Moraes e outros poemas, todos poemas do PAS.

2^a série livros do Pas;

3^a série livros do Pas; A Bagacina, Paixão segundo G.H.,

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Dem certeza. A literatura abre horizontes, você tem

maior consciência de sua cidade. Na literatura verá ~~o~~ o social da região. Ver como engrada o saber e o intelecto.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Para ler. É melhor ler os detalhes do autor escritos nas histórias ~~contadas~~ contadas no livro. Vou ficar mais interessado a pegar outros livros do mesmo autor.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1º LER LIVROS	4º FILMES
2º INTERNET	5º SHOPING
3º ESPORTES	6º TELEVISÃO

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

Não. Há falta de interesse que vem plantada a muito tempo no próprio aluno. Não há interesse nem interação do professor com o aluno para a prática da leitura.

Obs: Li alguns de Eryu Veríssimo: "Um Certo Capitão Rodrigo" ou nas ligadas a esse "O continente", "Menino de Engenho", "Memórias Postumas de Brás Cubas", "A Bagacina", "Amor e Demônios", "Sualedades dos Setor Mortos", "Opus dos Mortos", "e Dolores de Augusto dos Anjos (Meu preferido)", "Nove na Taverna".

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Aluna: Maria Veralice Barroso

Professora Orientadora: D^a Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Pesquisa de Campo: dados complementares para a elaboração final da dissertação de mestrado.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO

Escola: (

Aluno(a):

urma: 204

1) De 0 a 10 qual a nota que você dá para as disciplinas:

- (4) Matemática (8) Biologia (10) Sociologia
- (9) Física (10) História (10) Português e Literatura
- (9) Química (10) Filosofia (5) Artes

2) Você prefere que o professor trabalhe mais gramática ou literatura? Por quê?

Literatura. Pois eu acho o tema mais interessante. e

3) O que você pensa a respeito da disciplina Literatura na escola?

De suma importância.

4) Você gosta de ler livros de literatura? Por quê?

Sim. Porque os nossos livros nos contam um pouco do contexto histórico da época em que foram escritos.

5) Quanto a sua rotina de leitor(a):

Você lê outros livros além daquele indicados pelo professor? Sim

Quantos livros (média) lê por ano? 60

Quais os que já terminou de ler este ano? Até 16.09.05 foram 80

Qual está lendo agora? O dia do Coringa - Jøhnsten Gaarden

6) Quais os textos literários você leu no Ensino Médio?

1ª série Uma vida em segredo, O auto da com padecida, Contos brasileiros e Soneto de Fidelidade e outros poemas

2ª série O seminacista, Esaú e Jacó, Casa do Pensão e a Luneta Mágica.

3ª série Essa terra, O sentimento do mundo, O grande Mentecapto e A bagaceira

7) Você acredita que a leitura de textos literários pode ajudar na sua formação enquanto cidadão? Por quê?

Sim. Pois a cada autor lhe é revelado um ponto de vista da sociedade.

8) Você prefere que o professor peça para ler o livro, dê o resumo do livro ou passe o filme do mesmo? Por quê? Peça para ler o livro, pois você pode diretamente perceber o que o autor quer passar para você.

9) Coloque na ordem o que faz com maior frequência nos momentos de lazer: praticar esportes, navegar na internet, ler livros de literatura, assistir televisão, assistir à filmes e passear no shopping.

1° PRATICAR ESPORTES 4° _____
2° LER LIVROS DE LITERATURA 5° _____
3° ASSISTIR A FILMES 6° NAVEGAR NA INTERNET, ASSISTIR TV, PASSEAR NO SHOPPING

10) Você acha que seus colegas de sala lêem o bastante? A que você atribui isso?

NÃO. A formação desde os tempos do primário e a falta de incentivo até mesmo dos próprios pais.

Obs:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria Veralice Barroso
Professora Orientadora: Doutora Hilda Orquídea Hortmann Lontra

TEXTO I

CORRENTE PRA FRENTE
1º Lugar no FLA 2002 (Festival Livre de Animação)
Direção: André Lieban
Trilha: Henry Mancin
Disponível no Site ww.laboratoridedesenhos.com.br

SINOPSE: A vinheta propõe manter o foco no grito do mundo. É quando deixamos de ser indiferentes que fazemos a diferença.

TEXTO II

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006

ALUNO _____ TURMA: _____

() 3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Texto Definitivo

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Definitivo:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria verallice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquídea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006
ALUNO

(x) 3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 Trata-se da desigualdade social que ocorre
todas as dias em todos os lugares. No Brasil
3 onde temos uma paixão, futebol, essa desigual-
dade é camuflada em épocas de jogos. Ape-
5 sar de inúmeras campanhas e Orgs
essa não muda pois os meios usados
7 não são eficientes

Texto Definitivo

1 Trata-se da desigualdade social que ocorre
todas as dias em todos os lugares. No Bra-
3 sil onde temos uma paixão, futebol, essa
desigualdade é camuflada em épocas
de jogos. Apesar de inúmeras campanhas
5 e Orgs, essa não muda pois os meios
usados não tem eficiência.

6
A
o
1

Juvenil Brito da Silva Jr 3º F

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 Há um uma enorme relação pois as pedras
na casa, são as pedras caídas que estão na
3 calçada a espina de uma esmola enquanto
muitos passam e espiam as TVs logo atrás
5 das delas.
7 mas as pedras não são tomadas como pedras
7 elas que se auto classificam como tais

Definitivo:

1 Há um uma enorme relação pois as pedras, na
casa, são as pedras caídas que estão na calçada
3 a espina de uma esmola enquanto muitos pas-
sam e espiam as TVs logo atrás delas.
5 Mas as pedras não são tomadas como pe-
dras, elas é que se auto denominam
7 pedras porque, no meu ver, elas acham que
estão "no mesmo dia cominho".

20

2

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria verallice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquídea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006
ALUNO

3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 mostra o descaso com a população
de baixa renda, onde as pessoas que
3 possuem melhores condições financeiras,
5 não se preocupam com o próximo neces-
sitado.

7

Texto Definitivo

1 mostra o descaso com a população
de baixa renda, onde as pessoas que
3 possuem melhores condições financeiras, não
5 se preocupando com o seu próximo que está
necessitado.

5

7

P

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 Sim, pois no texto II, é como se essa
2 pessoa tivesse superado, passando por uma
3 dessa pedra, e com isso, superando toda (toda) ~~toda~~
4 dificuldade passada em sua vida e que
5 nunca mais a esquecerá.

7

Definitivo:

1 Sim, pois no texto II, é como se essa
2 pessoa tivesse superado, passando por uma
3 dessa pedra, e com isso, superando toda
4 dificuldade passada em sua vida e que
5 nunca mais a esquecerá.

7

10

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006
ALUNO_

RMA: F

3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 no texto retrata a pobreza e a injustica,
2 mostram pessoas passando uma vida e vivem
3 a miséria que a mulher e seus filhos
4 vivem e mesmo assim trabalham
5 mais até mais uma parte da vida que se
6 passa logo acaba das pessoas miseráveis
7 e não se vivem ou pelo menos vivem
que não vivem.

Texto Definitivo

1 no texto é retratado a pobreza e a injustica,
2 pois mostram pessoas passando uma vida e
3 vivem a miséria que a mulher e
4 seus filhos vivem e mesmo assim trabalham
5 mais até mais uma parte da vida que se
6 passa logo acaba das pessoas miseráveis e
7 não se vivem ou pelo menos vivem
que não vivem.

A
P

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 ~~texto~~ que vivete uma semelhança pois a
2 ~~pedra~~ pedra que vivete um meio do
3 caminho da mulher e vovô julho e o
4 jogo de futebol que ~~se tornou~~ tornou
5 importante e digno de ~~uma~~ atenção.
7

Definitivo:

1 ~~texto~~ que vivete uma semelhança pois a
2 ~~pedra~~ pedra que vivete um meio do caminho
3 da mulher e vovô julho e o de futebol que
4 se tornou mais importante e digno de
5 atenção.
7

20

4

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria verallice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquídea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006
ALUNO

F

() 3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 Mostra pessoas que não dão valor ao que é
mais importante, elas gostam de ser o que todos
3 mundo vê, "indiferentes que fazem a diferença", se uma
pessoa figura ao contrário, em vez de ser o papa,
5 torna uma unidade ao mendigo, uma pessoa talvez,
talvez, talvez mais pessoas com ela; os "Mãos vai
7 com os outros". Este texto é mais um apelo, para que
que as pessoas se entreguem além dos seus olhos.

Texto Definitivo

1 Mostra pessoas que não dão valor ao que é
mais importante, elas gostam de ser o que todos
3 mundo vê, "indiferentes que fazem a diferença", se uma
pessoa figura ao contrário, em vez de ser o papa,
5 torna uma unidade ao mendigo, uma pessoa talvez,
talvez, talvez mais pessoas com ela; os "Mãos vai
7 com os outros". Este texto é mais um apelo, para que
as pessoas se entreguem além dos seus olhos.

G

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 Sim: O texto I mostra diretamente esse problema,
2 e texto 2 mostra o mesmo problema, só que
3 indiretamente. O problema não passa de uma
4 pedra que está atrapalhando seu caminho.
5
7

Definitivo:

1 Sim: O texto I mostra diretamente esse problema,
2 e texto 2, mostra o mesmo problema, só que
3 indiretamente. O problema não passa de uma
4 pedra que está atrapalhando seu caminho.
5
7

3

5

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquídea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006

ALUNO:

RMA: F

(x) 3º série do ensino médio regular Sexo M() F(x)

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 _____

3 _____

5 _____

7 _____

Texto Definitivo

1. Trata-se de como o mundo fecha, as coisas para as coisas.
 2. Quando algo acontece entre nós, pois o próprio texto
 3. mostra um mundo em si mesmo e as coisas que acontecem para
 não o para ele, mas através dele, a partir dele, pois para
 ajudar - ele, mas sem para ele, e no fim de
 5. Tudo nem, um mundo que se mantém inteiro ali, e
 7. podemos ver no texto que o mais importante para
 7. é o mundo dele.

P

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Definitivo:

1. Sim, pois os personagens mendigos se sentiram como crianças
que estavam no "camufo" das pessoas, mas quem as
3. pessoas possuem e possuem "no" sentido de nada,
sendo que os mendigos nunca vão se esquecer de
5. cada momento que foram humilhados por cada pes-
6. soa que por eles passaram.

20

6

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquídea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006
ALUNC

URMA: K

(x) 3º série do ensino médio regular Sexo M() F(x)

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Texto Definitivo

1 primeiros da pobreza da para brasileiro, que
por mas que quita, não se per onde melhora,
3 apenas se sente, me meio que e espera a
comparação de alguém, que na maioria das
vezes para apenas do lado com o pensamento
5 de para, e joga a culpa todo em um garoto
que pensa o mesmo, ou seja, todos apenas es-
7 pecam por algo que todos desejam se juntar
para fazer, já que se juntos não conseguem
fazê-lo.

9

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Definitivo:

1 fim, pois muitas vezes, a mãe e os dois filhos
3 do primeiro texto, há uma "pedra" que comi-
5 nunca esquecerá desse acontecimento, o que seria
7 talvez mais a de crítica ou dissimulação,
por que por mais que a sociedade tente esque-
cer, sempre sabemos que há uma "pedra" lá.

20

intenção

9

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquídea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006

ALUNO

URMA: 3º F

3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 O texto no geral mostra como a maioria das pessoas vivem e sobrevivem aqui no Brasil e como reagimos sobre essa situação... tentando para o Brasil ser um país como esta mas nos importamos com um pouco com esta situação no Brasil

Texto Definitivo

1 O texto no geral mostra como a maioria das pessoas vivem e sobrevivem aqui no Brasil e como e que reagimos com a pobreza que nosso povo passa. tentando para o Brasil ser um país que sofre com a desigualdade social e não fazemos nada sobre isso.

6

G
P

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 Tem uma relação em questão que o brasileiro
sabe que existe o problema e não faz nada.
3 Como se fosse uma pedra que está no meio
do caminho e não conseguimos tirar esse
5 problema não fazemos nada
7

Definitivo:

1 Tem uma relação em questão que o brasileiro
sabe que existe o problema e não fazemos
3 nada.
5 Como se fosse uma pedra "problema" e
não conseguimos esse problema das ruas
das cidades.
7 Por isso o brasileiro e assim se não aperta
pra ele se ele tem uma vida legal, ele não
está nem aí para o resto...
Por isso que até hoje tem essa pedra
no meio do caminho. E não conseguimos
tirar-la.

13

8

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralíce Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006

ALUNO

URMA: 3º F11

3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 *Se trata de como a*
3
5
7

Texto Definitivo

1 *Se trata de como a população brasilei-*
ra se preocupa com os problemas gerais
3 *de dificuldades. No caso a grande*
intenção de desobrigados.
5 *A população está tão preocupada com*
o próprio horiz em usando novas ob-
7 *gocões como idade.*

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Definitivo:

1 Sim, pois brejo que usa pedra no
3 muro do caminho são um dos
5 "da nação em relação a isso."
7 "pedra", no texto II não usa relata
isso claramente, não usou ali ou
desfarga o problema do país.

3

9

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Loutra

1º SEMESTRE DE 2006

ALUNO_

TRMA: 3º

3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Texto Definitivo

1. ~~No meu ponto de vista, estamos~~
~~muito preocupados com coisas~~
3. ~~sutis e discutindo de lado~~
5. ~~o que realmente deveria ser~~
7. ~~visto pelo mundo inteiro.~~
9. ~~Uma coisa que deveria ser vista~~
11. ~~de pelo mundo está passando~~
13. ~~despercebida pelas pessoas.~~

5

P

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Definitivo:

1. Sim, pois para aquelas pessoas que pararam para assistir ao jogo, aqueles mendigos eram como uma pedra no caminho.
5. Eles meio que trataram aqueles moradores de rua com indiferença, para eles era uma pedra no caminho mas um pé de pedra que eles passam por cima.

20

10

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006

ALUNO: _____

URMA: 3º F

3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 O texto trata da desigualdade social, a falta de ética e de solidariedade
das pessoas, ele mostra a indiferença das pessoas diante da
3 realidade, muitas das vezes passa do lado de uma
pessoa que necessita de uma ajuda ou até mesmo de um carinho,
5 atenção de sua parte, e trata aquilo como se não fosse possível
resolver nada, não que um não vai mudar o mundo, mas se
7 cada um não fazer sua parte e não unir para uma boa ação
contra a fome, a miséria, podemos não fazer a diferença. Quando
de nos reunir fortemente por uma causa que nos favorece e nos unir
para uma vida mais justa.

Texto Definitivo

1 O texto trata da desigualdade social, a falta de ética e de solidari-
dade das pessoas, ele mostra a indiferença das pessoas diante da
3 realidade, muitas das vezes passa do lado de uma pessoa
que necessita de ajuda, ou até mesmo de um carinho ou atenção
de sua parte e trata aquilo como se não fosse possível resolver
5 nada, não que um não vai mudar o mundo, mas se cada um
fizer sua parte e se unir para uma boa ação contra a fome
7 a miséria, etc... podemos não fazer a diferença. Quando
de nos reunir fortemente por uma causa que nos favorece e
quando nos unirmos para a qualidade de mundo e unir nos
unir para uma vida mais justa e feliz.

A + 1

S

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Definitivo:

1 Há a relação que existe é que o texto I mostra a desigualdade e a falta de solidariedade dos países diante da realidade
3 que está bem a frente dos nossos olhos e que unirmos que
5 não vemos. O poema de Drummond fala que não olhamos
5 não vemos a sua frente vendo que tem pessoas
que ficam no meio do caminho, au-tor, ali, um ajuda,
7 do ponto de vista é que me não parecemos de pessoas
vivamente em nós, sempre vemos um sermo de pobreza
e miséria pelo caminho da nossa vida.

20

11

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006
ALUNO

(x) 3º série meio regular Sexo M(x) F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 ~~Mostramos a realidade de pais que~~
~~querem uma melhor educação com~~
3 ~~os outros.~~
~~Porém a maior fonte de~~
5 ~~para os mesmos, ou para coisas~~
~~superiores e nos desprezamos~~
7 ~~com a educação.~~

Texto Definitivo

1 ~~Mostramos a realidade de pais que~~
~~querem uma melhor educação com~~
3 ~~os outros.~~
~~Porém a maior fonte de~~
~~para os mesmos, ou para coisas~~
5 ~~superiores e nos desprezamos~~
7 ~~com a educação.~~

A

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1. Sim, comparei os problemas que
existem com o texto de Drummond.
3. Sim, Drummond. Simplesmente
fidelidade que se mantém nos
5. Sim, os que se mantêm nos
7. Sim, com os problemas que se mantêm nos

Definitivo:

15. Sim. Comparei os problemas que existem
com o texto de Drummond.
3. Sim, Drummond. Simplesmente
são grandes e se mantêm nos
5. Sim, os que se mantêm nos
7. Sim, com os problemas que se mantêm nos
antes pessoas melhores.

30

12

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006

ALUNO

TURMA:

() 3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 O texto I trata da total indiferença da so-
2 ciedade em relação aos problemas de mundo
3 financeiro de uma determinada parcela
4 da humanidade como um todo. O qual
5 título do texto é o mesmo discussões com coisas que
6 discutimos dar ênfase e passam-se despercebidos por-
7 nós pelo fato de estarmos falando + importância
8 a "superfútil"

Texto Definitivo

S 1 O texto I trata da total indiferença da sociedade
2 em relação aos problemas de mundo, qual-
3 mente financeiro de uma determinada parcela
4 da humanidade como um todo. O qual título do
5 texto é o mesmo discussões com coisas que discutimos
6 dar ênfase e passam-se despercebidos por
7 nós pelo fato de estarmos falando mais impor-
8 tância a "superfútil" A

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 acredito que sim, pois no texto II Drummond
narra um fato que poderia ser considerado
3 como banal, que seria a pedra no meio do ca-
minho, ainda que este fato aparentemente não
5 tivesse importância alguma em sua memória até
seus últimos dias.

7

Definitivo:

1 acredito que sim, pois no texto II Drummond
narra um fato que poderia ser considerado
3 como banal, porém ainda que aparentemente não ter-
5 importância alguma em sua memória até seus
últimos dias.

7

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006

ALUNO:

RMA:

3º série do ensino médio regular Sexo M() F()

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Texto Definitivo

1 Se trata de uma minação feita, talvez
para nos conscientizar sobre o momento em
3 que passamos no país, um momento de
dificuldades que no texto retratado pela anima-
ção é a dificuldade e a miséria que uma
5 mãe solteira passa.
6 É com toda aquela tristeza e miséria min-
7 quim para e percebe eles, mas vem ao caso do
Brasil; e ainda pede para torcermos para o Brasil,
pedimos até torcer para a seleção, mas não percebemos
as dificuldades brasileiros.

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Definitivo:

1 Sim, há a relação de haver uma pedra no
nosso caminho para o desenvolvimento, que
3 apesar de serem muitos, sem deles é a mi-
séria. Que acaba com a "passagem" nacional.
5 É a miséria é um dos modos que vem
a gerar a violência no país, pois o homem
7 ou a mulher ao ver seus filhos sem ter o
que comer e sem ter meios de sobreviver, se res-
ta a forma de furtos ou assaltos a mão armada
que os vezes acaba em morte. Se abríamos nossos olhos
para essas condições pessoais e os nossos governantes, mais
ainda, talvez poderemos desenvolver/progredir o nosso país.

40

(14)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA
Mestranda: Maria veralice Barroso
Professora Orientadora: Hilda Orquidea Hartmann Lontra

1º SEMESTRE DE 2006
ALUNO

3º série do ensino médio regular Sexo M() F(X)

alinyesantis@hotmail.com

Comente, em um parágrafo com até 8 linhas, a seguinte questão:

DE QUE TRATA O TEXTO I?

Rascunho

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Texto Definitivo

1 ~~Hoje em dia ninguém importa~~
2 ~~com o sofrimento das outras~~
3 ~~pessoas, muita gente passando~~
4 ~~fome e morando na rua e não~~
5 ~~quem volta para essas pessoas~~
6 ~~com sua mãe sofrendo de~~
7 ~~sem nem se quer se importar~~
8 ~~mente dessa família, apenas~~
9 ~~ela, passando para o resto do~~
10 ~~Brasil, isso é uma injustiça com~~
11 ~~essa mãe. Se as pessoas ajudassem~~
12 ~~quem precisa ninguém hoje estaria~~
13 ~~passando fome.~~

P

G

Em um parágrafo com no máximo de 8 linhas, comente a questão:

HÁ ALGUMA RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE O TEXTO I (CORRENTE PRA FRENTE) E O TEXTO II (DRUMMOND)? QUAL?

Rascunho:

1 _____
3 _____
5 _____
7 _____

Definitivo:

5 Clima a relação é que na mesa vida a multa, barreiras, que tem que enfrenta uma delas que é mais vista é a polícia, a injustiça que se ser hipócrita tem uns com o outro, devem sem ajuda quem precisa e não deixa uma peça atrás por essa vida.

10